

ÉRIK CAMPOS DOMINIK

**PADRÃO DE CONSUMO FAMILIAR EM DIFERENTES ESTÁGIOS DO
CICLO DE VIDA E NÍVEIS DE RENDA – BAMBUÍ-MG**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2010

ÉRIK CAMPOS DOMINIK

**PADRÃO DE CONSUMO FAMILIAR EM DIFERENTES ESTÁGIOS DO
CICLO DE VIDA E NÍVEIS DE RENDA – BAMBUÍ-MG**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 8 de outubro de 2010.

Prof^ª Dr^ª Maria das Dores Saraiva de Loreto
(Coorientadora)

Prof. Dr. José Ferreira de Noronha
(Coorientador)

Prof^ª Dr^ª Karla Maria Damiano Teixeira

Prof^ª Dr^ª Tereza Angélica Bartolomeu

Prof^ª Dr^ª Neuza Maria da Silva
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às minhas queridas esposa e mãe,
ao meu estimado e saudoso pai (in memoriam) e aos meus amados irmãos
simplesmente pelo fato de existirem e tornarem minha vida mais feliz.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pela maravilhosa oportunidade.

À Prof^ª **Neuza** Maria da Silva, minha orientadora, pelo carinho, pela confiança e pela dedicação incondicional.

À Prof^ª Maria das Dores Saraiva de Loreto (**Dorinha**) e ao Prof. José Ferreira de **Noronha**, co-orientadores, pelo carinho constante e pelo apoio consistente.

À Prof^ª **Karla** Maria Damiano Teixeira, pela força, carinho e parceria, não somente durante o curso e neste trabalho, mas também na elaboração do projeto Minter.

Aos Profs. Paulo Roberto **Cecon**, Tereza Angélica Bartolomeu, **Amélia Carla** Sobrinho Bifano, **Ana Lídia** Coutinho Galvão, **Márcia Pinheiro** Ludwig, Maria de Lourdes Mattos Barreto (**Lourdinha**), **Flávio Bittencourt**, **Gilberto Soares**, José **Norberto** Muniz, Maria de Fátima Lopes (**Fatinha**), **Gilberto Paixão** Rosado e **Marcos Rogério** Vieira Cardoso pelo valioso apoio.

A todos os **colegas do Minter**, Ronaldo, Arnaldo, Vinícius, Mariângela, Lina, Aline, Stella, Joelma, Helainne, Margarida, Dênis, Márcia e Thaís e também do **mestrado convencional**, principalmente Vívian, pela amizade e convivência.

Aos **funcionários da UFV**, especialmente Aloísia, Roberto, Francisco e Maria Helena, pela disposição plena de sempre ajudar.

Aos meus **colegas do IFMG** pelo importante apoio, em especial aos Profs. Ivan Vieira, Adriano e Neimar, que deram um apoio institucional imprescindível. Também às Prof^ªs. Amélia e Myriam, pelo português e pelo carinho de sempre de ambas, e aos colegas do Departamento de Ciências Gerenciais, pela compreensão.

Aos meus **alunos** do IFMG Camila, Jaqueline, Jéssica, Julimara, Luiz Gustavo, Nádia, Rafaela e Sablina, pelo auxílio imprescindível, principalmente a Jaqueline.

Aos meus **familiares** e de minha esposa, aos amigos e à **minha querida esposa**, pela paciência e compreensão, neste período de tanto escrever e escrever e de pouco lhes dar atenção, do que espero compensá-los após a conclusão deste Mestrado.

BIOGRAFIA

ÉRIK CAMPOS DOMINIK nasceu em 1972 em Belo Horizonte-MG, onde se tornou bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre 1991 e 1995.

Em 2005, especializou-se em Gerenciamento de Micro e Pequenas Empresas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Em abril de 2009, iniciou o Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV), na área de concentração Economia Familiar, desenvolvendo seu trabalho na linha de pesquisa Estudo da Família e Economia do Consumo Familiar, submetendo-se à defesa da dissertação em outubro de 2010.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	vii
LISTA DE QUADROS.....	viii
LISTA DE TABELAS.....	x
LISTA DE SIGLAS.....	xii
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xv
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problema.....	1
1.2 Objetivos.....	3
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 Consumo e comportamento do consumidor.....	4
2.1.1 O comportamento do consumidor e a teoria econômica.....	5
2.1.2 O comportamento do consumidor na ótica sociológica.....	9
2.1.3 O comportamento do consumidor e os fatores psicológicos.....	12
2.2 Família e consumo.....	14
2.3 O ciclo de vida familiar (CVF) e seus estágios.....	17
2.3.1 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa <i>foundation era</i>	18
2.3.2 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa <i>expansion era</i>	19
2.3.3 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa <i>refinement era</i>	21
2.3.4 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar com finalidade específica (<i>specific era</i>).....	26
2.4 Mudanças no ciclo de vida familiar.....	37
2.4.1 O lançamento do jovem adulto solteiro.....	38
2.4.2 A união das famílias no casamento: o novo casal.....	39
2.4.3 Famílias com filhos pequenos.....	40
2.4.4 Famílias com adolescentes.....	41
2.4.5 Lançamento dos filhos e seguindo em frente (“ninho vazio”)....	43
2.4.6 A família no estágio tardio da vida.....	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1 Objeto de estudo.....	45
3.2 Dimensões geográfica e temporal.....	48
3.2.1 Local do estudo.....	48
3.3 Tipo de pesquisa, população e amostra.....	49
3.3.1 População e amostra.....	49

3.4	Variáveis envolvidas no estudo.....	52
3.5	Coleta de dados.....	54
3.6	Tratamento e análise dos dados.....	54
4	RESULTADOS.....	56
4.1	Perfil socioeconômico e demográfico das famílias.....	56
4.1.1	A pessoa de referência e o outro cônjuge.....	56
4.1.2	Filhos, parentes e outros conviventes.....	60
4.1.3	Arranjos ou tipos familiares.....	61
4.1.4	Renda familiar.....	63
4.2	Caracterização das famílias em função dos estágios do ciclo de vida familiar.....	68
	Caracterização das famílias em função dos substratos formados pelos níveis de renda e pelos estágios do ciclo de vida familiar.....	75
4.2.1		75
4.3	Análise do padrão de consumo das famílias.....	83
4.3.1	Análise do padrão de consumo das famílias em função da renda familiar.....	89
4.3.2	Análise do padrão de consumo das famílias em função dos estágios do ciclo de vida familiar.....	93
4.3.3	Análise do padrão de consumo das famílias em função dos substratos formados pelos estratos do nível de renda e pelos estratos dos estágios do ciclo de vida familiar.....	100
5	CONCLUSÕES.....	111
6	REFERÊNCIAS.....	117
7	APÊNDICES.....	122
	APÊNDICE A.....	123
	APÊNDICE B.....	124
	APÊNDICE C.....	125
	APÊNDICE D.....	125
	APÊNDICE E.....	126
8	ANEXOS.....	130
	ANEXO A.....	131
	ANEXO B.....	131
	ANEXO C.....	132
	ANEXO D.....	133
	ANEXO E.....	133
	ANEXO F.....	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Teoria do ciclo vital simplificada de Modigliani.....	8
Figura 2 – Teoria do ciclo vital de Modigliani com alterações na renda dos jovens.....	9
Figura 3 – Distribuição percentual dos arranjos familiares dos domicílios brasileiros em 2007.....	16
Figura 4 – Renda disponível para gastar por estágio de ciclo de vida.....	35
Figura 5 – Estado civil da pessoa de referência das famílias – Bambuí-MG, 2010.....	59
Figura 6 – Distribuição dos arranjos familiares – Bambuí-MG, 2010.....	62
Figura 7 – Frequência das famílias por níveis de renda – Bambuí-MG, 2010	64
Figura 8 – Sexo da pessoa de referência em três níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010.....	66
Figura 9 – Frequência relativa das famílias nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	69
Figura 10 – Sexo da pessoa de referência nos 5 estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	72
Figura 11 – Consumo familiar por item de despesa – Bambuí-MG, 2010.....	84
Figura 12 – Consumo médio dos subitens da habitação no orçamento familiar - Bambuí-MG, 2010.....	86
Figura 13 – Consumo médio dos subitens do transporte no orçamento familiar – Bambuí-MG, 2010.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estágios do ciclo de vida familiar da etapa <i>foundation era</i>	18
Quadro 2 – Estágios do ciclo de vida familiar da etapa <i>expansion era</i>	19
Quadro 3 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo a <i>Survey of Consumer Finances</i>	20
Quadro 4 – Estágios de desenvolvimento familiar segundo Duvall.....	20
Quadro 5 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Rodgers.....	22
Quadro 6 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wells e Gubar.....	23
Quadro 7 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Fitzsimons e Williams.....	23
Quadro 8 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Murphy e Staples....	24
Quadro 9 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Gilly e Ennis.....	25
Quadro 10 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Béllon, Vela e Manzano.....	26
Quadro 11 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Speare.....	27
Quadro 12 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Pickvance.....	27
Quadro 13 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo McCarthy.....	28
Quadro 14 – Estágios de ciclo de vida segundo Levinson.....	28
Quadro 15 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wright e Leahey...	28
Quadro 16 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Burns e Grebler....	29
Quadro 17 – Etapas do ciclo de vida segundo Dubois.....	30
Quadro 18 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wilkes.....	31
Quadro 19 – Fases do ciclo vital segundo Cervený e Berthould.....	31
Quadro 20 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Berkman.....	32
Quadro 21 – Estágios de ciclo de vida segundo Fernandez.....	32
Quadro 22 – Estágios do ciclo vital segundo Relvas.....	33
Quadro 23 – Estágios do ciclo de vida segundo Krisjanous.....	33
Quadro 24 – Estágios do ciclo de vida e atividades de consumo segundo Blackwell, Miniard e Engel.....	34
Quadro 25 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Du e Kamakura....	36
Quadro 26 – Estágios de ciclo de vida segundo a Management Horizons....	37
Quadro 27 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Carter e McGoldrick.....	38
Quadro 28 – Estágios do ciclo de vida familiar utilizados na pesquisa.....	46
Quadro 29 – Classificação dos possíveis arranjos familiares nos estágios de ciclo de vida.....	47

Quadro 30 – Subestratos da pesquisa.....	47
Quadro 31 – Componentes da estrutura de consumo familiar.....	54
Quadro 32 – Fatores que definiram a classificação das famílias em estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	68
Quadro 33 – Subestratos de renda por estágios do ciclo de vida familiar.....	76
Quadro 34 – Maiores e menores percentuais dos itens de despesa nos subestratos – Bambuí, 2010.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Despesa média mensal familiar brasileira (%) em relação ao rendimento mensal familiar (R\$) segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003.....	7
Tabela 2 – Níveis de renda utilizados na pesquisa.....	47
Tabela 3 – Informações acerca da pessoa de referência e do segundo cônjuge das famílias – Bambuí-MG, 2010.....	57
Tabela 4 – Escolaridade da pessoa de referência – Bambuí-MG, 2010.....	58
Tabela 5 – Famílias com ou sem filhos morando com os pais – Bambuí-MG, 2010.....	60
Tabela 6 – Medidas descritivas da renda familiar – Bambuí-MG, 2010.....	63
Tabela 7 – Escolaridade da pessoa de referência por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010.....	65
Tabela 8 – Estado civil da pessoa de referência por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010.....	65
Tabela 9 – Arranjos familiares por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010.....	66
Tabela 10 – Estágios do ciclo de vida familiar nos níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010.....	67
Tabela 11 – Escolaridade da pessoa de referência nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	70
Tabela 12 – Estado civil da pessoa de referência nos estágios de ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	71
Tabela 13 – Arranjos familiares nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	73
Tabela 14 – Níveis de renda nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	74
Tabela 15 – Medidas descritivas da renda familiar nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	75
Tabela 16 – Frequência absoluta das famílias nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	77
Tabela 17 – Escolaridade da pessoa de referência nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	78
Tabela 18 – Estado civil da pessoa de referência nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	79
Tabela 19 – Sexo da pessoa de referência nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	81
Tabela 20 – Arranjos familiares nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	82

Tabela 21 – Medidas descritivas da renda bruta familiar nos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	83
Tabela 22 – Despesas médias mensais percentuais da POF/IBGE e de Bambuí-MG, 2010.....	85
Tabela 23 – Consumo de recreação e fumo no orçamento familiar – Bambuí-MG, 2010.....	88
Tabela 24 – Consumo familiar em função dos níveis de renda – Bambuí-MG, 2010.....	90
Tabela 25 – Consumo médio dos subitens das despesas diversas nos níveis de renda das famílias – Bambuí-MG, 2010.....	92
Tabela 26 – Consumo médio dos subitens das outras despesas nos níveis de renda das famílias – Bambuí-MG, 2010.....	93
Tabela 27 – Consumo familiar em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	94
Tabela 28 – Consumo médio dos subitens da habitação em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	95
Tabela 29 – Consumo médio dos subitens do transporte em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	96
Tabela 30 – Consumo médio dos subitens das “despesas diversas” em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	98
Tabela 31 – Consumo médio dos subitens das “outras despesas” em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010.....	99
Tabela 32 – Consumo familiar por item de despesa em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	101
Tabela 33 – Consumo médio dos subitens da habitação em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	102
Tabela 34 – Consumo médio dos subitens do transporte em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	103
Tabela 35 – Consumo médio dos subitens das despesas diversas em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	105
Tabela 36 – Consumo médio dos subitens das outras despesas em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010.....	106
Tabela 37 – Medidas descritivas dos itens de despesa das famílias – Bambuí-MG, 2010.....	107
Tabela 38 – Desvios dos percentuais de consumo dos itens de despesas nos subestratos – Bambuí, 2010.....	110

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares
CVF – Ciclo de Vida Familiar
FLC – *Family life cycle*
Insee – Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos
PIB – Produto Interno Bruto
FJP – Fundação João Pinheiro
CEI – Centro de Estatística e Informações
PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios
SPSS – *Statistical Package for Social Sciencies*
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
SUS – Sistema Único de Saúde

RESUMO

DOMINIK, Érik Campos, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2010.
Padrão de consumo familiar em diferentes estágios de ciclo de vida e níveis de renda no município de Bambuí-MG. Orientadora: Neuza Maria da Silva.
Coorientadores: Maria das Dores Saraiva de Loreto e José Ferreira de Noronha.

Pressupondo que o padrão de consumo das famílias tenha uma relação bastante estreita com os níveis de renda e com os estágios do ciclo de vida familiar, na medida em que há uma tendência de maior gasto relativo com despesas essenciais nos menores níveis de renda, ao mesmo tempo em que há uma tendência de maiores gastos com educação nas famílias mais jovens e com saúde nas famílias mais tardias, por exemplo, objetivou-se analisar o padrão de consumo das famílias de Bambuí, considerando o ciclo de vida familiar e diferentes níveis de renda. Especificamente, buscou-se examinar se rendas diferenciadas ou estágios de ciclo vida diferentes podem apontar variações nos níveis de consumo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva e explicativa, questionando uma amostra significativa de famílias nos domicílios urbanos do município, para que se pudesse estabelecer um perfil socioeconômico e demográfico das famílias, além de analisar o consumo familiar em função da renda familiar, dos estágios do ciclo de vida familiar e dos substratos formados pelos estratos destas variáveis. Os resultados mostraram que ambas as variáveis afetam sobremaneira o comportamento das famílias quanto ao consumo, sendo que alguns dos principais itens básicos de despesas, alimentação, habitação e higiene, alteram-se mais com a renda do que com os estágios do ciclo de vida familiar, sendo que esta última variável afeta outros itens essenciais, como a saúde e o vestuário. Outros itens são afetados fortemente por ambas as variáveis, como o transporte e a educação particular, enquanto outros pouco se alteram com a renda e

com o ciclo de vida, como os serviços pessoais. Como os substratos analisados são formados pelas variáveis, carregam forte influência delas, mas alguns deles possuem características bastante específicas, como o das famílias recém-formadas de renda média, onde há muito gasto com transporte, o das famílias com filhos pequenos de renda alta, em que se gasta muito com recreação e cultura, o das famílias com adolescentes de renda baixa, onde há muito gasto com alimentação, o das famílias de ninho vazio de renda alta, em que se gasta muito com mesadas e o das famílias no estágio tardio de renda alta, onde se poupa muito.

ABSTRACT

DOMINIK, Érik Campos, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, October, 2010.
Family consumption pattern in different family life cycle stages and income levels in the Bambuí-MG town. Adviser: Neuza Maria da Silva. Co-Advisers: Maria das Dores Saraiva de Loreto and José Ferreira de Noronha.

Presupposing that the family consumption pattern had a quite narrow relationship with the income levels and with the family life cycle stages, insofar as there is a tendency of relative consumer with essential expenses in the smallest income levels, at the same time in that there is a tendency of larger expenses with education in the youngest families and with health in the latest families, for example, it was aimed at to analyze the consumption pattern of the Bambuí families, considering the family life cycle and different income levels. Specifically, it was looked for to examine if different incomes or different family life cycle stages can indicate variations in the consumption levels. For this, a descriptive and explicative research questioned a significant sample of families in the urban homes of the town, for establish a family socioeconomic and demographic profile, analyzing also the family consumption in function of the income levels, of the family life cycle stages and of the sub-categories formed by the categories of these variables. The results showed that both variables affect the family consumption behavior sensibly. The main basic items of expenses, feeding, house and hygiene, modify more with the income than with the family life cycle stages and the life cycle affects other essential items, as the health and the clothing. Other items are affected considerably for both variables, as the transport and the education private, while others items modify few with the income and with the life cycle, as the personal services. As the analyzed sub-categories are formed by the variables, they carry strong influence of them, but

some of them had quite specific characteristics as the sub-category of the families through marriages of medium income, whereat there is very expense with transports, the sub-category of the families with young children of high income, whereat there is very expense with recreation and culture, the sub-category of the families with adolescents of low income, whereat there is very expense with feeding, the sub-category of the families of empty nest of high income, whereat there is very expense with son allowances, and the sub-category one of the late families of high income, whereat the families saved a lot.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa contribuir para a compreensão da sistemática do padrão de consumo das famílias urbanas do município de Bambuí-MG, considerando o nível de renda e o estágio do ciclo de vida em que se encontram.

Inicialmente, o que motivou esta pesquisa foi a tentativa de estabelecer uma metodologia para a coleta de preços e para o cálculo do índice de variação da cesta básica do município de Bambuí-MG, cujo trabalho é feito periodicamente pelo Instituto Federal Minas Gerais. Uma vez identificado que os produtos da cesta básica são apenas parte do consumo familiar e que, para conhecer melhor os gastos com estes itens, seria preciso compreender todo o orçamento familiar, optou-se por analisar o padrão do consumo familiar como um todo e não apenas em parte. Percebendo que o consumo pode variar tanto com a renda quanto com os estágios do ciclo de vida familiar, procurou-se descrever o consumo não somente em função destas variáveis, mas em cada um dos substratos formados pela combinação delas, estabelecendo semelhanças e diferenças.

1.1 Problema

A manutenção do padrão de vida das famílias possui uma relação bastante estreita com o consumo familiar em função do nível de renda, na medida em que as unidades domésticas com menor nível de renda possuem uma tendência de destinar um percentual maior do seu rendimento para grupos de despesa essenciais, enquanto aquelas situadas em estratos de renda superiores destinam maiores percentuais para grupos de bens e serviços que, simbolicamente, trazem mais *status* às famílias (IBGE, 1997).

A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 1995-1996, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), traz um levantamento dos componentes do consumo doméstico em relação a grupos de renda das famílias em regiões metropolitanas, constituindo uma fonte de dados para pesquisas de todo o Brasil. Segundo o IBGE (1997), famílias em diferentes classes de renda gastam diferentes percentuais de recursos em despesas de consumo familiar.

Há muitas pesquisas relacionando o consumo doméstico a grupos específicos de indivíduos, como idosos (ALMEIDA e KASSOUF, [s.d.]) e crianças (KARSAKLIAN, 2009), entre outros; bem como abrangendo o consumo das famílias como um todo em determinada região, muitas vezes utilizando a base de dados do IBGE (1997).

Já há algumas décadas os estudos apontam uma relação íntima entre o consumo familiar e os estágios do ciclo de vida das famílias. As variações no consumo, de acordo com os estágios do ciclo de vida familiar, segundo Karsaklian (2009, p. 214), explicam “melhor do que a idade a compra de bens duráveis” e revelam “melhor as atividades de lazer do que a idade ou a classe social”, por exemplo. As famílias constituídas apenas por um casal tendem a ter uma estrutura de consumo diferente daquelas que possuem filhos pequenos, que, por sua vez, distinguem-se das que possuem filhos adolescentes ou que já estão no estágio conhecido como “ninho vazio”.

Há diversas classificações que trazem a divisão do ciclo de vida familiar em estágios, como, por exemplo, as classificações de Duvall (1957), Dubois (1994), Wright e Leahey (1984) e Carter e McGoldrick (1989). Em resumo, estas classificações definem a seguinte divisão: o jovem solteiro, o casal recém-formado, o casal com filhos em etapas diferentes, o casal após o lançamento dos filhos (“ninho vazio”) e o estágio tardio. Mais adiante, serão discutidas detalhadamente as principais classificações que existem na literatura, inclusive as que nortearão este trabalho.

Entretanto, são escassas as pesquisas que tratam dos componentes do consumo doméstico combinados com os estágios do ciclo de vida em que se encontram as famílias e de acordo com os níveis de renda, principalmente em cidades de pequeno porte. Problematisa-se que, dentro do mesmo estágio de ciclo de vida, rendas diferenciadas podem apontar níveis de consumo diferenciados, ao passo que, dentro do mesmo nível de renda, estágios de ciclo de vida diferentes também podem revelar níveis de consumo distintos.

O presente trabalho, portanto, analisou o consumo das famílias em diferentes estágios do ciclo de vida e em diferentes níveis de renda, buscando responder questões

como: que mudanças ocorrem no consumo de famílias em diferentes estágios do ciclo de vida e em diferentes níveis de renda? Que estágios do ciclo de vida familiar e que níveis de renda induzem a níveis de consumo diferenciados?

O estudo visa, portanto, contribuir para o avanço das pesquisas que tratam do padrão de consumo familiar em diversos estágios de ciclo de vida e níveis de renda em municípios de pequeno porte, além de servir de base para a proposição e/ou adequação de políticas públicas nestas localidades.

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar o padrão de consumo das famílias de Bambuí-MG, considerando o ciclo de vida familiar e a renda.

Os objetivos específicos foram assim delimitados:

- Descrever o perfil socioeconômico e demográfico das famílias.
- Caracterizar o estágio do ciclo de vida em que as famílias se encontram.
- Examinar o padrão de consumo das famílias em função do estágio do ciclo de vida.
- Associar o padrão de consumo das famílias à renda familiar.
- Analisar o padrão de consumo das famílias em função da renda e dos estágios do ciclo de vida familiar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Em função dos objetivos propostos, a pesquisa bibliográfica envolveu temas relacionados ao consumo, ao comportamento do consumidor e ao ciclo de vida das famílias e seus estágios.

2.1 Consumo e comportamento do consumidor

Para examinar o referencial conceitual sobre consumo e comportamento do consumidor, procurou-se destacar suas principais perspectivas de análise, isto é, compreender o comportamento do consumidor sob a ótica econômica, sociológica e psicológica.

O conceito de consumo na literatura é controverso. Entre conceitos econômicos, sociológicos e políticos, vários pontos de vista se contrapõem ou se superpõem. Como afirmam Rocha e Barros (2008, p. 187), “o consumo é um fenômeno denso que envolve diferentes dimensões da experiência cotidiana”.

Sandroni (1989, p. 65) traz um conceito mais amplo, quando diz que o consumo é a “utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa. É o objetivo e a fase final do processo produtivo, precedida pelas etapas de fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização”, aprimorando e mesclando sob forma conceitual ideias há muito abordadas pelos clássicos.

Karl Marx acreditava que o consumo somente existiria dentro de um contexto de interrelações entre a produção, o próprio consumo e a circulação, embora, para ele, o determinante do processo se encontrasse na produção. Portanto, um bem só existiria quando consumido, ou seja, quando este realizasse a produção (FREDERICO, 2008).

Com a mudança gradativa do conceito de valor-trabalho por causa da substituição do homem pela máquina e das revoluções tecnológicas que se sucederam

desde a Revolução Industrial, a visão de consumo que partia da economia política também se modificou, transformando-se no que Marx chamou de padronização do gosto e dando lugar a um ponto de vista mais simbólico. O representante mais consistente dessa época é o filósofo Jean Baudrillard, que afirmava que, além do bem consumido satisfazer as necessidades humanas, espelha um símbolo que confere significado ao próprio consumo, como sinais de conforto e prestígio social. Conforme Frederico (2008, p. 81), que ilustrou bem o pensamento de Baudrillard (1995):

Hoje em dia o consumo não é mais consumo de objetos, isto é, de objetos que satisfazem necessidades reais do ser humano. O consumo tornou-se linguagem, uma ordem de significação. Nessa nova realidade, os objetos não são consumidos mais em função do seu valor de uso, da sua utilidade, mas como sistema de signos. (...). Ou, nas palavras de Baudrillard, a verdade do objeto contemporâneo já não consiste em servir para alguma coisa, mas para significar. Deixou de ser manipulado como instrumento e é utilizado como signo.

A seguir, será apresentada, resumidamente, parte da literatura existente sobre o comportamento do consumidor, considerando aspectos econômicos, sociológicos e psicológicos.

2.1.1 O comportamento do consumidor e a teoria econômica

A análise do comportamento do consumidor pela economia está influenciada sobremaneira pelo modo neoclássico de pensar, embora tenha se aperfeiçoado bastante nas últimas décadas. A visão racionalista tem diminuído de importância, embora seja essencial na teoria econômica, enquanto novas teorias surgiram para analisar o comportamento difuso do consumidor. Conforme Pindyck e Rubinfeld (2002), três são as etapas de análise do comportamento do consumidor: as suas preferências, as restrições orçamentárias (a renda) e as suas escolhas, objetivando realizar uma *proxy* da realidade, segundo o ponto de vista econômico.

Conforme Vasconcellos (2002, p. 53), entre os fatores que afetam a demanda de um bem ou serviço estão: riqueza, renda, preço de outros bens, fatores climáticos e sazonais, propaganda, hábitos e preferências dos consumidores, expectativas sobre o futuro e facilidades de crédito. Pode-se dizer que os **hábitos e preferências** são fatores que influenciam muito a demanda por bens e serviços pelos consumidores, além de outros fatores tradicionalmente abordados pela ciência econômica. Pindyck e Rubinfeld (2002, p. 87) completam a afirmação dizendo que, “se um consumidor optar por

determinada cesta de mercado em vez de outra, sendo a cesta escolhida mais cara do que a outra, conclui-se, então, que o consumidor tem realmente preferência pela cesta de mercado escolhida”.

A **renda** é um dos principais fatores que explicam o comportamento do consumidor, pois o indivíduo tende a adequar, pelo menos no longo prazo, seus gastos à sua restrição orçamentária. A propensão marginal a consumir da sociedade atual é alta, sobretudo nas classes com rendimento mais baixo, o que contribui para o aumento do consumo quando a renda sobe e vice-versa. Entretanto, em casos específicos, isto vai depender da elasticidade-renda da demanda, que dimensiona a sensibilidade do consumo em face à variação da renda. O aumento ou redução da renda conduz a mudanças no orçamento do consumidor e, conseqüentemente, a novos pontos de equilíbrio, gerando a curva de renda-consumo, da qual se deriva a Curva de Engel, que interliga os pontos de maximização de consumo conforme as variações de renda e cuja inclinação não é fixa ao longo da mesma.

Tais derivações tornaram possível que Ernest Engel chegasse ao que se pode chamar de Leis de Engel, que, resumidamente, podem ser tratadas da seguinte maneira, conforme Bennett e Kassarian (1975, p. 40):

1. À medida que a renda cresce, a proporção gasta em alimentação decresce;
2. à medida que a renda cresce, a proporção gasta com habitação e equipamento doméstico permanece mais ou menos a mesma;
3. à medida que a renda cresce, a proporção gasta em vestuário permanece a mesma, ou talvez, aumente um pouco;
4. à medida que a renda cresce, a proporção gasta em luxos cresce.

Para validar as leis de Engel com relação à sociedade brasileira, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE traz inúmeras informações, que permitem realizar muitas inferências sobre a situação das famílias brasileiras. De acordo com os dados da POF de 2002-2003 (Tabela 1), nota-se uma queda na proporção dos gastos com as necessidades básicas quando a renda aumenta, como alimentação, vestuário, habitação, higiene e cuidados pessoais, enquanto os gastos com transporte (provavelmente viagens, no caso), recreação e cultura e aumento do ativo aumentam, por representarem grupos de despesas que simbolizam um maior *status*. No nível mais baixo de renda, com a maior proporção das despesas de primeira necessidade, os demais grupos de despesa possuem percentuais bem menores em relação a outros níveis de renda do que os demais níveis em relação aos seus imediatamente superiores. A única lei de Engel que se contradisse um pouco com o comportamento do consumo foi a

terceira, pois o vestuário, embora tenha mantido relativamente os percentuais e até realmente aumentado um pouco, decresceu nos níveis maiores de renda, ao contrário do enunciado.

Tabela 1 – Despesa média mensal familiar brasileira (%) em relação ao rendimento mensal familiar (R\$) segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003

Itens de despesa	Total	Até 400	+ de 400 a 600	+ de 600 a 1000	+ de 1000 a 1200	+ de 1200 a 1600	+ de 1600 a 2000	+ de 2000 a 3000	+ de 3000 a 4000	+ de 4000 a 6000	+ de 6000
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Alimentação	17,10	32,68	29,76	25,44	23,21	20,90	18,79	16,24	14,51	11,78	9,04
Habitação	29,26	37,15	36,77	35,88	34,33	32,46	31,33	29,17	26,95	26,76	22,79
Vestuário	4,68	5,29	5,70	5,80	5,89	5,61	5,47	4,97	4,71	4,03	3,21
Transporte	15,19	8,15	8,59	10,92	11,79	13,87	14,49	17,09	18,98	18,05	17,26
Higiene e cuidados pessoais	1,79	2,40	2,37	2,35	2,42	2,17	2,31	1,78	1,77	1,40	1,10
Assistência à saúde	5,35	4,08	4,66	4,95	4,93	5,18	5,57	5,40	5,51	5,91	5,62
Educação	3,37	0,80	1,04	1,32	1,78	1,98	2,69	3,50	4,38	5,19	4,89
Recreação e cultura	1,97	0,81	1,06	1,35	1,65	1,70	2,02	2,23	2,47	2,55	2,16
Fumo	0,57	1,14	1,04	0,95	0,98	0,75	0,66	0,53	0,46	0,32	0,23
Serviços pessoais	0,84	0,64	0,68	0,78	0,81	0,79	0,87	0,89	0,96	0,95	0,81
Despesas diversas	2,30	1,46	1,70	1,87	2,26	2,35	2,26	2,10	2,64	2,15	2,79
Outras despesas correntes	10,85	2,55	3,74	4,54	5,27	6,67	7,99	9,72	10,77	14,17	19,00
Aumento do ativo	4,76	2,22	2,19	2,79	3,35	3,58	3,73	4,11	3,57	4,11	8,65
Diminuição do passivo	1,98	0,62	0,72	1,05	1,34	2,00	1,81	2,26	2,33	2,62	2,47

Fonte: POF 2002-2003 (IBGE)

A recente POF de 2008-2009 (IBGE, 2010) trouxe dados ainda tímidos acerca da distribuição percentual da renda sobre os itens de despesa. O Anexo A traz a comparação apenas entre dois níveis de renda e com alguns itens de despesa. Observa-se que o consumo dos principais itens mais básicos (alimentação e habitação) caiu com a renda, enquanto os itens menos básicos (transportes e educação particular) subiram com a renda. A saúde pouco se alterou com a renda. Em relação aos dados da POF 2002-2003 (Tabela 1), a habitação, a assistência à saúde e as outras despesas não tiveram alterações significativas, enquanto a alimentação, a educação e a diminuição do passivo tiveram reduções um pouco significativas. O transporte e o aumento do ativo, por sua vez, tiveram aumentos em relação à POF anterior.

Quanto à associação existente entre o padrão de consumo e o ciclo de vida, a teoria do ciclo vital de Modigliani (1986, apud NÉRI; CARVALHO; NASCIMENTO, 1999) traz a ideia de que o consumo tende a ser estável durante o ciclo de vida dos indivíduos, ao passo que a renda disponível tende a cair após a aposentadoria. O que torna o consumo constante é a poupança que o indivíduo realiza durante seu período de atividade na ordem de 20% do que recebe (propensão marginal a poupar), acumulando

ativos. Quando alcança o período de aposentadoria (40 anos de vida ativa, por exemplo), a renda e o acúmulo de ativos caem bruscamente e o indivíduo passa a utilizar o que poupou para manter o consumo. Esta teoria simplificada está representada pela Figura 1.

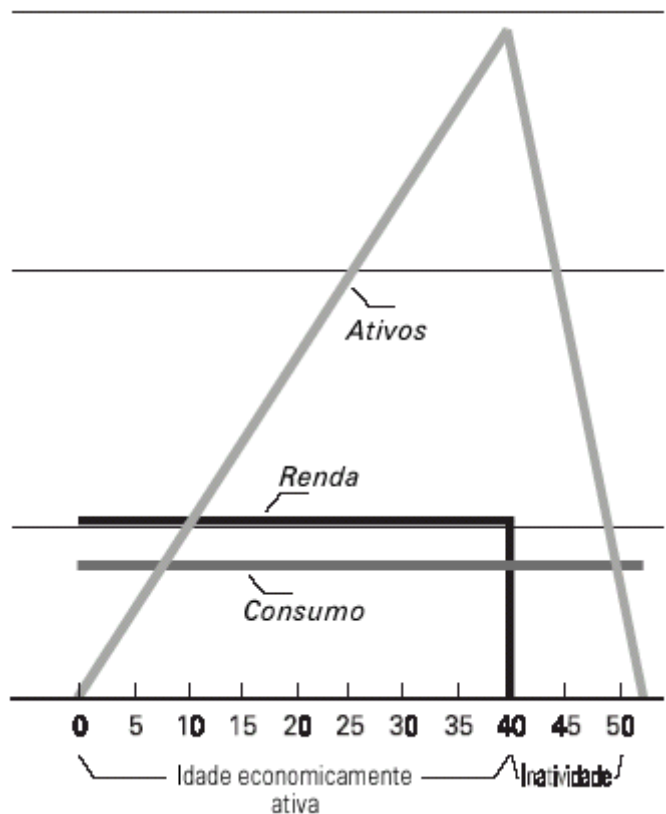


Figura 1 – Teoria do ciclo vital simplificada de Modigliani

Fonte: Adaptado de Néri, Carvalho e Nascimento (1999).

Porém, Modigliani diz, em um modelo mais completo, que, em geral, a renda dos indivíduos mais jovens é mais baixa no início da sua vida economicamente ativa. Como o seu consumo às vezes é maior do que a sua renda, contrai empréstimos, acumulando dívidas ou ativos negativos e, somente após certo tempo, conseguem fazer com que sua renda ultrapasse seu consumo, cubra os empréstimos e consiga poupar para a aposentadoria. Se o jovem não deseja contrair empréstimos ou está “restrito por liquidez”, gastará toda a sua renda e começará a poupar a partir de determinado ponto, na tentativa de manter o nível de consumo no futuro (Figura 2).

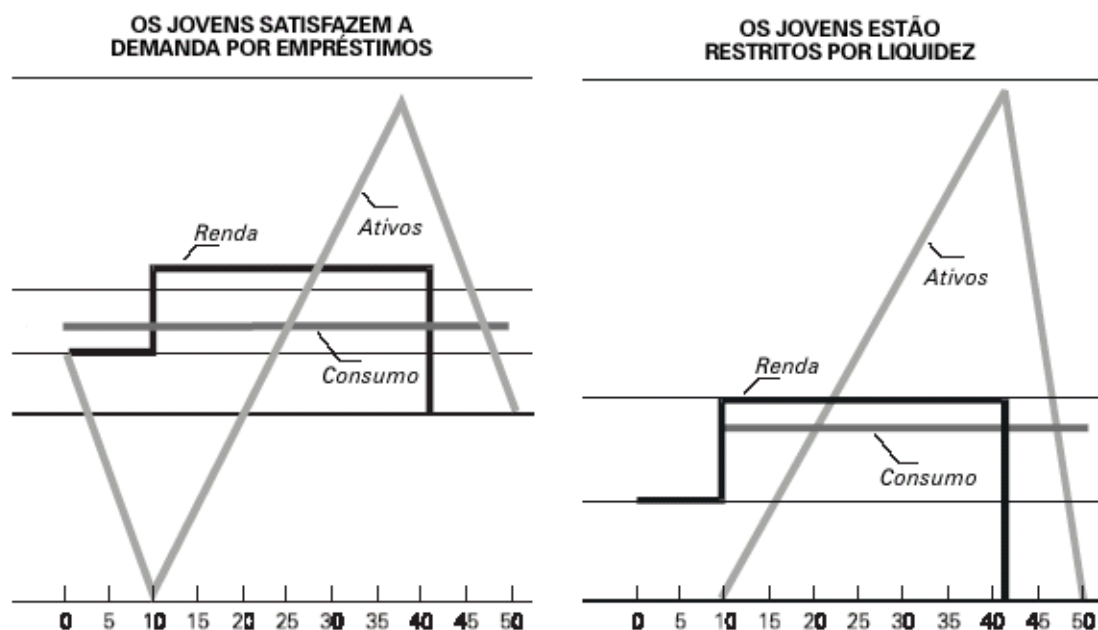


Figura 2 – Teoria do ciclo vital de Modigliani com alterações na renda dos jovens

Fonte: Adaptado de Néri et al. (1999).

O Anexo B confirma parte da tese de Modigliani, quando por meio da qual se verifica que, enquanto o indivíduo mais jovem possui outras formas de complementar sua renda, o trabalhador com mais de 60 anos depende quase inteiramente de sua aposentadoria para manter seus gastos. Percebe-se que, embora a proporção dos rendimentos com aluguel de imóveis aumente em direção aos níveis de renda mais alta, em detrimento dos outros tipos de gastos, a dependência em relação à aposentadoria continua preponderante.

Os fatores econômicos, em geral, portanto, são importantes variáveis que influenciam o comportamento do consumidor, tanto como os fatores sociológicos e psicológicos.

2.1.2 O comportamento do consumidor na ótica sociológica

A visão sociológica abriu campo para incluir outros aspectos do comportamento do consumidor, na medida em que considera que o consumidor não é apenas um sujeito individual e racional, que se guia por fatores como renda, preços e preferências econômicas, seguindo as premissas neoclássicas. É também um ser social, cuja participação em determinados grupos depende muitas vezes do que revela por meio do que consome.

Quem abriu esta perspectiva foi Thorstein Veblen, com texto de 1899, que, nos dizeres de Rocha e Barros (2008, p. 188), mostrou o consumo “ultrapassando o utilitarismo, que prevalecia no viés economicista e, assim, tratá-lo, pela primeira vez, como fenômeno central e não como simples efeito reflexo da produção”. Veblen (1965, *apud* ROCHA e BARROS, 2008, p. 188) permitiu enxergar que o consumo é uma “espécie de arena onde circulam e se traduzem significações coletivas”. O consumo, além de se configurar como uma comunicação simbólica de *status*, também é um sistema de classificação, agrupando ou separando pessoas, construindo uma estrutura de diferenças baseada no que se consome.

Para o sociólogo Bourdieu (1979, *apud* BARROS FILHO e LOPES, 2008), o gosto pelas coisas possui um valor simbólico importante, pois a sua origem social está além de simplesmente consumir porque possui o “*habitus*” de consumir, mas o consumo torna-se um fator de distinção, ele hierarquiza e classifica, conferindo *status* aos que consomem sob uma sociedade de dominação, em que os dominantes asseguram suas posições pelo gosto e manifestações que impõem aos dominados, numa espécie de “consumo ilegítimo”. Barros Filho e Lopes (2008, p. 107) complementam o pensamento de Bourdieu da seguinte maneira:

Mas, se o gosto é um objeto sociológico que se impõe, constitui-se num objeto de investigação particularmente dramático para o sociólogo. O consumo que, de certa forma, o traduz fenomenicamente, é um imenso depósito de pré-construções naturalizadas, portanto ignoradas enquanto tais no cotidiano, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção.

A despeito das transformações socioculturais pelas quais o mundo tem passado, disseminam-se diversos “códigos identitários”, que englobam os mais variados “padrões de linguagem, vestuário e comportamento, hábitos alimentares, práticas de higiene e cuidados de si, valores existenciais e tradições culturais relativos a diferentes tipos de subjetividade e modos de ser”. Baseando-se no estigma de estilos de vida, o consumo cultural, muitas vezes “midiático”, é um verdadeiro balizador de “*status*, distinção e pertencimento” (CASTRO, 2008, p. 140-142). O resultado é a estruturação de grupos por afinidade, derivados do consumo coletivo oriundo de produções culturais, celebridades ou classes dominantes, principalmente em um mundo globalizado.

A **cultura** é outro importante fator de influência no comportamento do consumidor, na medida em que o indivíduo acaba se posicionando diante de um forte processo social de inserção ou exclusão em determinados grupos. Para Castro (2008),

qualquer atividade de consumo é uma prática cultural. Entretanto, como esclarece, entende-se como “consumo cultural” aquele consumo direcionado para bens e serviços que se relacionam mais propriamente com a formação e o entretenimento dos indivíduos. A indústria de consumo explora amplamente este tipo de consumo, como elucida a autora:

O fomento ao consumo cultural na forma de informação e diversão – por serem mais imediatamente atraentes e lucrativas – parece prevalecer sobre o incentivo à fruição e recepção menos espetaculares e, portanto, menos rentáveis de certos bens culturais. (...). Coerente com este tipo de lógica, a indústria do entretenimento investe no consumo cultural. Entre as estratégias elaboradas para atingir este alvo, destaca-se a constituição da demanda através da hipersegmentação do público. Deste modo, percebe-se a estruturação de grupos afinitários atrelados pelo consumo coletivo de certas produções culturais e/ou celebridades midiáticas, por exemplo (CASTRO, 2008, p. 140-142).

Os costumes, as convenções, os mitos e os rituais são importantes exemplos da influência cultural sobre os indivíduos e, claro, sobre o seu consumo.

Muitas vezes, a cultura pode ser entendida, conforme Gramsci (2000, *apud* SIMIONATTO, 2008), não somente como a transmissão de **valores** das classes dominantes para as subordinadas, mas também como uma emancipação de valores das classes dominadas, no sentido de operarem uma “contra-hegemonia”. Tais conflitos contribuem para a formação de uma identidade regional e, por consequência, das identidades individuais, formando um conjunto de valores, influenciados por agentes de diversas naturezas. Solomon (2008, p. 156) concorda com Gramsci quando diz que o valor “é uma crença de que alguma condição é preferível a uma condição oposta” e consumir determinados produtos significa, muitas vezes, reafirmar valores e construir identidades.

A associação entre o indivíduo e seus grupos de pertencimento também é destacado por Dubois (1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009, p. 103), quando infere que o “ser humano afirma sua identidade por meio de sua filiação social”. De certa forma, os grupos a que pertencem dizem aos indivíduos o que eles são e o que desejam. Entretanto, nem todos os produtos que o indivíduo consome sozinho, os consome quando está em grupo, pois o grupo influencia tanto na aquisição do produto quanto na escolha da marca. Por exemplo, os produtos de primeira necessidade geralmente não estão sujeitos à influência do grupo, pois, ao serem consumidos na intimidade, não são objetos de trocas sociais, ao passo que os produtos considerados de luxo sofrem uma grande influência (MINIARD e COHEN, 1983, *apud* KARSAKLIAN, 2009).

Para Silva (2008), **os grupos** representam duas ou mais pessoas que possuem uma interdependência umas com as outras e que se auto-influenciam pelo comportamento, sendo utilizados como ponto de referência para formar seu próprio comportamento, seja como comparação, seja para aspirar grupos de *status* superior. A família, provavelmente, é o grupo que exerce maior influência sobre o comportamento do consumidor, já que permeia todos os componentes das atitudes (afeto, comportamento e cognição), além de auxiliar na formação da personalidade dos indivíduos, ser sujeito de motivação, ajudar a estabelecer culturas e valores e situar-se dentro de uma classe social.

O estilo de vida que os consumidores adotam pode ser explicado por vários fatores, mas a aspiração e/ou a cristalização do *status* que envolvem o posicionamento objetivo ou subjetivo em uma classe social influenciam bastante. Para Blackwell, Miniard e Engel (2009), fatores de interação como a busca ou a manutenção do prestígio pessoal, a associação de produtos com determinado estilo de vida e a necessidade de socialização conduzem à formação de **classes sociais**. Lazer (1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009, p. 132) entende que o estilo de vida “é determinado por elementos como a cultura, o simbolismo dos objetos e dos valores morais. Em um certo sentido, o conjunto das compras e dos modos de consumo reflete o estilo de vida de uma sociedade”.

2.1.3 O comportamento do consumidor e os fatores psicológicos

Os fatores psicológicos que afetam o comportamento do consumidor são a personalidade, a motivação, a percepção e as atitudes.

A teoria psicanalítica freudiana, base da psicologia moderna, traz conceitos relativos à personalidade humana, construindo um sistema de interações entre três sub-sistemas. O **id** é a fonte primitiva de energia psíquica, o “reservatório das pulsões internas”, de acordo com KARSAKLIAN (2009, p. 28), ou simplesmente “a parte mais profunda da psique, receptáculo dos impulsos instintivos, dominados pelo princípio do prazer e pelo desejo impulsivo”, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004). O **superego** expressa a conduta moral e ética do indivíduo, funcionando como um freio sociocultural, ao mesmo tempo em que arbitra o combate entre os impulsos do **id** e do **ego**. O **ego**, por sua vez, se revela como o regulador da satisfação frente ao impulso e à consciência coletiva e representa o monitoramento consciente do indivíduo, que tem o

objetivo de equilibrar os impulsos do id e as restrições do superego (KARSAKLIAN, 2009).

Os conceitos freudianos são bastante aplicáveis ao comportamento do consumidor, na medida em que o indivíduo encontra, em sua vida, diversas motivações para consumir (id), recebe os freios socioculturais para a aceitabilidade do bem consumido (superego) e toma uma decisão consciente dosando um e outro (ego).

As **motivações** são fortes impulsos que o indivíduo recebe para consumir os bens, embora os conceitos de necessidade sejam bastante relativos e, muitas vezes, estimulados pelo marketing.

A **percepção** nada mais é do que o processo ou modo pelo qual os indivíduos “selecionam, organizam e interpretam” as sensações que respondem aos estímulos básicos externos. Para Solomon (2008), o consumo hedônico está bastante relacionado, embora não exclusivamente, com as sensações advindas da percepção pelos cinco sentidos principais. Os indivíduos são capazes de associar o consumo ao produto, de modo a sentir prazer quando operam com os sentidos.

Todo indivíduo possui o que pode ser chamado de auto-conceito ou a ideia que faz de seus próprios atributos e qualidades, o que é chamado de **“Eu”**. Os atributos do auto-conceito, de acordo com Solomon (2008), podem abranger dimensões de conteúdo (rosto atraente x aptidão mental), auto-estima, intensidade, estabilidade e precisão na avaliação do próprio “eu” em relação à realidade. A forma como o indivíduo se auto-avalia pode definir bens a serem consumidos, principalmente quando compara o “eu” real com o “eu” ideal.

As **atitudes** que os indivíduos tomam em relação a uma ideia própria ou captada do exterior muitas vezes contradizem com o seu comportamento, mas certamente o influenciam sobremaneira. A atitude, de acordo com Silva (2006, p. 86), “é uma organização psíquica resultante de processos cognitivos, perceptivos e motivacionais, tendo como consequência sentimentos a favor ou contra determinado objeto, levando também a uma disposição para agir em relação a ele”. Ou, de uma forma mais simples, Blackwell, Miniard e Engel (2009, p. 300) dizem que as atitudes estão relacionadas com “as coisas de que gostamos e as de que não gostamos”.

Embora as questões psicológicas e sociológicas sejam de extrema importância para a compreensão do comportamento do consumidor, a abordagem deste estudo partiu dos aspectos socioeconômicos e demográficos para explicar as diferenças de consumo entre os estágios do ciclo de vida familiar.

2.2 Família e consumo

A família é um dos principais grupos de referência no consumo, pois influencia sobremaneira, desde o nascimento, os processos de observação, seleção e consumo efetivo dos indivíduos. Grande parte dos fatores motivacionais, culturais, socioeconômicos e de personalidade é influenciada por esta primeira instituição de contato do indivíduo (SILVA, 2006; SOLOMON, 2008).

O conceito de família não é único e foi sofrendo modificações com o tempo. Para Blackwell, Miniard e Engel (2009, p. 377), a família é “um grupo de duas ou mais pessoas ligadas pelo mesmo tipo de sangue, pelo casamento ou pela adoção, que vivem juntas”. Analogamente, conforme Solomon (2008, p. 440), o *U.S. Census Bureau* (um importante instituto de pesquisas do governo norte-americano) considera uma *household* (ou unidade doméstica) como “qualquer residência ocupada que (...) contém pelo menos duas pessoas aparentadas por laços sanguíneos ou pelo casamento”.

Nos dias atuais, vários arranjos familiares, de acordo com diversos conceitos, são amplamente encontrados na sociedade, oriundos dos eventos familiares que tornam dinâmico o movimento de formação, expansão e contração das famílias ao longo de seu ciclo de vida, como o casamento, o nascimento dos filhos, o lançamento dos filhos, o divórcio, o recasamento e a viuvez, entre outros.

Nos dizeres de Carter e McGoldrick (2005), as famílias contemporâneas consistem em famílias nucleares tradicionais ou muitos outros tipos de unidades domésticas familiares imediatas com ou sem filhos: pais divorciados sozinhos, pais solteiros sozinhos, famílias recasadas, parceiros solteiros, parceiros homossexuais, adultos sozinhos ou viúvas ou viúvos cujos outros membros familiares podem morar em outras casas, entre outros tipos, sendo que muitas destas famílias vivem em mais de uma casa. As famílias oriundas do divórcio e do recasamento e as famílias cujos membros não se casaram ou se divorciaram podem ter crianças e/ou ex-cônjuges que os visitam periodicamente. Se os pais viverem separadamente, as autoras consideram as crianças como emocionalmente membros de ambas as casas, indiferentemente dos arranjos de custódia legal, o que pode ser denominado de família binuclear. As autoras ainda afirmam que “o divórcio reestrutura, mas não termina com a família” (CARTER e MCGOLDRICK, 2005, p. 10).

Existem alguns tipos de famílias que vale a pena serem conceituados: (1) a **família nuclear** é o grupo considerado padrão atualmente pela sociedade ocidental e se

compõe de mãe, pai, criança(s) e, mais recentemente, já há a inclusão de um cão¹; (2) fazem parte da **família estendida ou ampliada** o núcleo familiar e demais parentes que vivem agregados ao núcleo central, como avós, tios, primos, netos, cunhados e sogros, entre outros; (3) **famílias não tradicionais**: as que não seguem a estrutura tradicional (nuclear ou estendida), como casais homossexuais, famílias monoparentais e famílias oriundas do divórcio, além das sociedades tribais com características bastante distintas (BLACKWELL et al., 2009). Além destas, ainda pode-se considerar o arranjo unipessoal (apenas uma pessoa no domicílio) e a divisão da família nuclear entre simples (casal) e composta (casal e filhos).

Conforme a Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2008c), a família brasileira distribuiu-se recentemente conforme os seguintes arranjos: família nuclear composta (“*casal com filhos*”), 48,9%; família monoparental (“*pessoa de referência sem cônjuge e com filhos*”), 19,7%; família nuclear simples (“*casal sem filhos*”), 16%; unipessoal, 11,1%; família unipessoal estendida (“*pessoa de referência sem cônjuge, sem filhos e [com] outros parentes [ou] agregados*”), 4,3% (Figura 3).

Como detentoras de renda das unidades domésticas, as famílias destinam recursos para o consumo conforme os seus desejos e as suas necessidades, muitas vezes decididas de acordo com as classes de renda a que pertencem. Segundo o IBGE (1997), famílias de diferentes classes gastam diferentes percentuais de recursos em despesas de consumo familiar, como demonstrado no Anexo C. De acordo com esses dados, há uma tendência de maior gasto percentual, conforme aumenta a renda, em transporte, educação, cultura, veículos (aquisição), imóveis (reforma), pagamento de empréstimos, carnês e outras despesas, em virtude de uma maior elasticidade-renda do consumo. Por outro lado, com o aumento da renda, diminuem os gastos percentuais com alimentação, habitação, higiene, saúde e fumo, por serem bens e serviços cujas demandas são menos elásticas que de outros grupos. Existem ainda os gastos com vestuário e despesas pessoais, cujo consumo percentual se eleva até certo estrato de renda, decrescendo depois.

¹ Os norte-americanos têm gasto cerca de US\$ 15 bilhões anuais com produtos e serviços para animais de estimação, que desempenham socialmente quase o papel de uma criança (BLACKWELL et al., 2009).

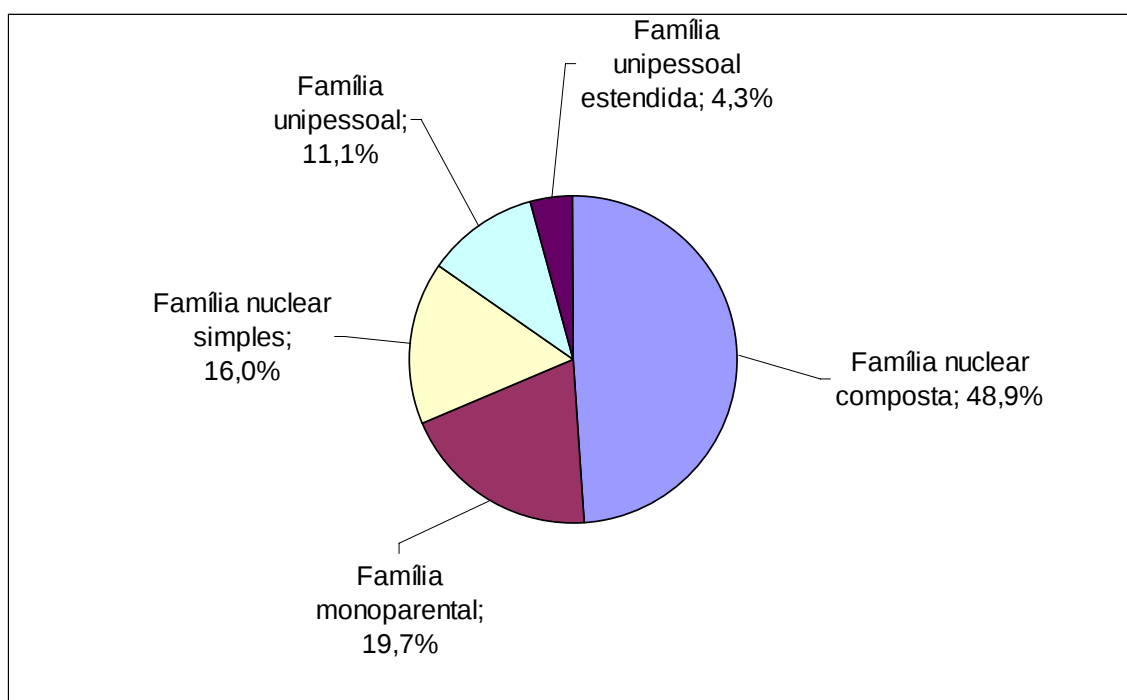


Figura 3 – Distribuição percentual dos arranjos familiares dos domicílios brasileiros em 2007
Fonte: Adaptado de IBGE (2008).

Comparando os dados da POF de 1995/96 e 2002/03 (Apêndice A), percebe-se um aumento percentual nas despesas com alimentação, higiene e cuidados pessoais. O aumento com habitação e transporte, em 2002/03, deve-se à incorporação, conforme mudança de classificação, das despesas de aquisição de imóveis e veículos, antes compondo o item de investimento. Por outro lado, foi constatada uma redução percentual nas despesas com vestuário, saúde, educação, recreação e cultura, fumo e despesas pessoais, o que denota que a família está gastando mais com itens que dizem respeito às necessidades primárias (alimentação e higiene) e menos com outros tipos de necessidades.

Quando se relaciona o consumo com as classes de renda de segmentos específicos do ciclo de vida familiar, os resultados tendem a ser diferentes daqueles que abrangem toda a população. No Anexo D, organizado por ALMEIDA (2002), as famílias onde há idosos utilizam, por exemplo, mais produtos farmacêuticos, serviços de saúde e viagens que as famílias que não possuem idosos, que, por sua vez, utilizam mais bens pessoais e roupas que as primeiras.

Um dos fatores importantes ligados à família que definem o comportamento do consumidor, portanto, é o ciclo de vida familiar (CVF), ou *family life cycle (FLC)*, cujos estágios diferentes levam a consumos diferenciados. Segundo pesquisa do Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos francês (Insee), citada por Karsaklian (2009), o consumo altera significativamente quando a estrutura da família se modifica (Anexo E).

Entretanto, para que se possa estabelecer melhores relações conceituais entre o consumo e o ciclo de vida das famílias, é preciso conhecer o que se entende por ciclo de vida na literatura e os estágios a ele vinculados, o que será apresentado nos itens seguintes.

2.3 O ciclo de vida familiar (CVF) e seus estágios

Em meados da década de 1950, Lansing e Morgan (1966) conceituaram o ciclo de vida como sendo uma construção idealizada que representa os importantes estágios de uma família comum. De forma mais elaborada, o ciclo de vida familiar pode ser entendido como o conjunto de eventos na vida dos membros de uma família que permitem, em linhas gerais, que ele seja dividido em estágios distintos, com características próprias. No ciclo de vida familiar, ocorrem alterações não somente na idade e nos eventos inerentes à faixa etária, mas também nas emoções vividas, na renda disponível e nas atividades de consumo (CARTER e McGOLDRICK, 1995; BLACKWELL et al., 2009).

Fisher (1966), em meados da década de 1960, entendia que o ciclo de vida familiar, na sociedade ocidental, começava no matrimônio e continuava ao longo da vida de seus membros, sendo subdividido em fases marcadas pelo nascimento dos filhos, pela sua partida para construir a própria família e pela morte dos cônjuges, fases estas desestabilizadas pelo divórcio, pelo recasamento, pela viuvez e por outros eventos.

Não há um consenso entre os autores quanto ao estabelecimento dos estágios do ciclo de vida das famílias, mesmo porque os estudos são realizados em sociedades diferentes, com realidades distintas. Mas, já há algumas décadas, tem havido tentativas de estabelecer esses estágios, que envolvem mais do que os conceitos básicos de formação, dispersão e maturação das famílias.

Para Lansing e Morgan (1966), as etapas do ciclo de vida familiar, em geral, são naturalmente representadas por momentos decisivos da vida familiar, dos quais

emergem três estágios principais: a fase solteira (*bachelor stage*), o estágio do casamento (*the stage of marriage*) e o estágio do sobrevivente solitário (*the stage of solitary survivor*). O estágio do casamento, baseado em algumas proposições, pode ser dividido ainda em três divisões: casais recentes sem filhos (*the newly married couple with no children*); o ninho cheio (*the full nest*), com filhos dependentes; e o ninho vazio (*the empty nest*), que contempla o casamento depois que os filhos saem de casa. Mais especificamente, muitas outras classificações possuem estágios ou não derivados desta generalização, com fins amplos de segmentação ou com determinados focos.

Murphy e Staples (1979, *apud* SARAIVA JR., 2005) observaram três períodos diferentes que demonstram a evolução dos modelos de ciclo de vida familiar entre os teóricos do século XX. Os períodos foram denominados de *foundation era* (período inicial), *expansion era* (período de expansão) e *refinement era* (período de refinamento). Ainda foi possível detectar mais um quarto período, posterior ao trabalho de Murphy e Staples, sugerido e denominado pelo presente autor como *specific era* (período de especificação). As quatro fases serão estabelecidas nos itens seguintes.

2.3.1 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa *foundation era*

O primeiro período foi denominado de *foundation era*, representando o estabelecimento das bases conceituais do ciclo de vida na década de 1930. As principais características são de modelos pouco complexos e com poucos estágios, geralmente em número de quatro (MURPHY e STAPLES, 1979, *apud* SARAIVA JR., 2005). As classificações (com datas aproximadas de desenvolvimento) que representam esta fase são as de Sorokin, Zimmerman e Galpin (desenvolvida em 1931), Kirpatrick, Cowles e Tough (1934) e Loomis (1936), apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Estágios do ciclo de vida familiar da etapa *foundation era*

ESTÁGIOS DE SOROKIN, ZIMMERMAN E GALPIN (1931)	ESTÁGIOS DE KIRKPATRICK, COWLES E TOUGH (1934)	ESTÁGIOS DE LOOMIS (1936)
1. Casais iniciando sua independência econômica	1. Família pré-escolar	1. Casais sem filhos
2. Casais com um ou mais filhos	2. Família escolar	2. Famílias com filhos (os mais velhos com menos de 14 anos)
3. Casais com um ou mais filhos adultos e independentes	3. Família ginásial	3. Famílias com filhos (o mais velho entre 14 e 36 anos)
4. Casais envelhecendo	4. Família adulta	4. Famílias velhas

Fonte: Adaptado de Murphy e Staples (1979, *apud* SARAIVA JR., 2005).

Destas classificações, percebe-se que apenas a classificação de Sorokin, Zimmerman e Galpin apresenta características claramente relacionadas com questões

econômicas, com casais recentes (estágio 1) e casais com filhos independentes (estágio 3). As denominações das demais classificações não fazem alusão à questão econômica das famílias nos estágios do ciclo de vida familiar.

2.3.2 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa *expansion era*

O período chamado de *expansion era* ocorreu entre as décadas de 1940 e 1950, aprimorando as classificações com a inclusão de novos estágios, chegando, em geral, a um número de sete estágios distintos (MURPHY e STAPLES, 1979, *apud* SARAIVA JR., 2005). Os autores relacionados a este período (e as datas aproximadas de desenvolvimento das classificações) são: Bigelow (1942), Glick (1947) e Duvall e Hill (1948), *Survey of Consumer Finances* (1952) e Duvall (1957). As três primeiras classificações estão descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Estágios do ciclo de vida familiar da etapa *expansion era*

ESTÁGIOS DE BIGELOW (1942)	ESTÁGIOS DE GLICK (1947)	ESTÁGIOS DE DUVAL E HILL (1948)
1. Formação	1. Primeiro casamento	1. Casais sem filhos
2. Período de gravidez e pré-escolar	2. Nascimento do primeiro filho	2. Expansão (nascimento dos filhos)
3. Período escolar elementar	3. Nascimento do último filho	3. Idade escolar
4. Período ginásial	4. Casamento do primeiro filho	4. Estável
5. Faculdade	5. Casamento do último filho	5. Contração (saída dos filhos)
6. Recuperação	6. Morte de um dos cônjuges	6. Tempo do casal
7. Aposentadoria	7. Morte do outro cônjuge	7. Morte de um dos cônjuges

Fonte: Adaptado de Murphy e Staples (1979), *apud* Saraiva Jr. (2005).

Nos estágios da *expansion era*, podem ser observadas, conforme o Quadro 2, as primeiras menções a eventos ocorridos ao longo do ciclo de vida, como aposentadoria, gravidez, nascimento dos filhos, casamento e morte. Estas menções indicam os pontos de corte dos estágios do ciclo de vida familiar, como na classificação de Glick.

Para Fisher (1966), o estabelecimento de relações entre o ciclo de vida familiar e a teoria de consumo era, na época, um recente desenvolvimento, partindo do indivíduo econômico para se falar então de estágios de ciclo de vida. Entretanto, Lansing e Morgan (1966) destacam que a *Survey of Consumer Finances*, pesquisa norte-americana que trabalhava com as finanças dos consumidores, já mensurava, desde a década de 1950, percentuais da renda gasta pelos consumidores de acordo com os níveis de renda, baseando-se em sete estágios do ciclo de vida familiar. Um dos estágios apresenta ainda duas subdivisões (Quadro 3).

Quadro 3 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo a *Survey of Consumer Finances*

Estágio	Características
1. Jovem solteiro	• Jovem: indivíduo abaixo de 45 anos.
2. Jovem casal, sem filhos	-
3. Jovem casal com filhos	-
a) Jovem casal com filhos até 6 anos	-
b) Jovem casal com filhos de 6 a 18 anos.	-
4. Casal velho, sem filhos	• Velho: indivíduo acima de 45 anos.
5. Casal velho, com filhos até 18 anos	-
6. Idoso sozinho	• Adulto ou idoso sozinho acima de 45 anos.
7. Outros casos	• Incluem família unipessoal cujo cônjuge está temporariamente ausente (na guerra ou nas forças armadas, por exemplo) e família monoparental (ex.: viúva com filho menor de 18 anos).

Fonte: Lansing e Morgan (1966, p. 36-37).

Os estágios abordados no Quadro 3 já trazem a preocupação de compreender arranjos próprios da época, como a mulher sozinha sem o marido por longo tempo e a família monoparental, ainda pouco comum na década de 1950. Ao mesmo tempo, traz uma tentativa de refinamento dos estágios, próprio do período seguinte.

Mais uma classificação que poderia ser incluída na etapa de *expansion era* é a de Duvall (1957, *apud* FIAMENGHI JR., 2007; FANTINI, 2005 e SOARES, 2008), talvez a autora da mais famosa classificação dos estágios do ciclo de vida das famílias, a partir da qual vários autores definiram outras classificações adaptadas à sua realidade. Os estágios de Duvall estão apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Estágios de desenvolvimento familiar segundo Duvall

Estágio	Início	Término
1. Casamento em um lar independente (casais sem filhos)	Casamento	Nascimento do filho mais velho
2. Famílias com recém-nascidos ou lactentes	Nascimento do filho mais velho	Filho mais velho com 30 meses
3. Famílias com crianças em idade pré-escolar	Filho mais velho com 30 meses	Filho mais velho com 5-6 anos
4. Famílias com crianças em idade escolar	Filho mais velho com 5-6 anos	Filho mais velho com 13 anos
5. Famílias com filhos adolescentes	Filho mais velho com 13 anos	Filho mais velho com 20 anos
6. Famílias com jovens adultos (famílias como centro de partida)	Filho mais velho com 20 anos ou saída do primeiro filho	Saída do último filho
7. Famílias com casal de meia-idade (“ninho vazio” ou reforma)	Saída do último filho	Aposentadoria
8. Família em envelhecimento	Aposentadoria ou morte de um dos cônjuges	Morte de ambos os cônjuges

Fonte: Adaptado de Duvall (1957), *apud* Fiamenghi Jr. (2007), Fantini (2005) e Soares (2008).

Duvall (1957) é a primeira autora que fez referência, por exemplo, a famílias com filhos adolescentes sem vinculá-los a uma etapa da vida escolar. Também utilizou o termo “ninho vazio” ou “meia-idade” nos estágios do ciclo de vida familiar, até então denominados de “recuperação”, como nos estágios de Bigelow da família ou de “tempo

do casal”, como nos estágios de Duvall e Hill. Por outro lado, conforme Fernandez (2006), embora a autora considere a idade do filho mais velho para definir os estágios, o modelo ignora a idade do chefe da família.

Hoffman (1999) destaca que, além dos estágios de Duvall, outras classificações foram propostas, por categorizações distintas e diferentes etapas. Entretanto, as mudanças feitas quanto à categorização dos estágios do ciclo de vida das famílias, segundo o autor, mantiveram os pressupostos básicos da teoria de Duvall, além de reconhecerem sua importância para o desenvolvimento familiar.

2.3.3 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar na etapa *refinement era*

Murphy e Staples (1979, *apud* SARAIVA JR., 2005), referem-se à *refinement era* como sendo o terceiro período que define as fases distintas de modelos de ciclo de vida familiar semelhantes, com trabalhos publicados, em geral, do início da década de 1960 até o início da década de 1980. Neste período, os autores preocuparam-se em refinar as classificações com uma quantidade maior de estágios, que representassem um “maior número de domicílios e dos novos arranjos familiares” (SARAIVA JR. 2005, p. 29). Representam esta fase as classificações (com datas aproximadas de desenvolvimento) de Rodgers (1962), Wells e Gubar (1966), Fitzsimons e Williams (1973), Murphy e Staples (1979), Gilly e Ennis (1982) e Béllon, Vela e Manzano (2001).

Os estágios de Rodgers, provavelmente o maior exemplo de refinamento dos estágios do ciclo de vida familiar, foram concebidos com o objetivo de que nenhuma das etapas do ciclo de vida escapasse a qualquer pesquisa familiar. Tenta considerar todas as possibilidades possíveis de condições familiares, levando em conta a idade dos filhos tanto como ponto de corte dos estágios como das subdivisões dos estágios. Não obstante, o modelo não estabelece subdivisões da meia-idade e dos estágios tardios (Quadro 5).

Quadro 5 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Rodgers

Estágio	Subdivisão
1. Casais sem filhos	-
2. Famílias com todos os filhos com menos de 36 meses	-
3. Famílias pré-escolares	a) Filho mais velho de 3 a 6 anos e mais novo com menos de 36 meses b) todas as crianças de 3 a 6 anos
4. Famílias com idade escolar	a) Filho mais velho de 6 a 13 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho de 6 a 13 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Todas as crianças de 6 a 13 anos
5. Famílias com adolescentes	a) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo de 6 a 13 anos d) Todas as crianças de 13 a 20 anos
6. Famílias com jovens adultos	a) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 6 a 13 anos d) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 13 a 20 anos e) Todos os jovens acima de 20 anos
7. Famílias com filhos saindo de casa	a) Filho mais velho sai de casa e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 6 a 13 anos d) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 13 a 20 anos e) Filho mais velho sai de casa e mais novo acima de 20 anos
8. Meia-idade (todos os filhos saem de casa)	-
9. Envelhecimento do casal (da aposentadoria à morte de um cônjuge)	-
10. Viuvez (da morte de um cônjuge à morte do outro)	-

Fonte: Adaptado de Murphy e Staples (1979), *apud* SARAIVA JR. (2005, p. 30).

Outros teóricos da *refinement era* são Wells e Gubar (1966), que estabeleceram nove estágios consecutivos, sendo estes divididos conforme os critérios seguintes: 1) idade do chefe de família: até 44 anos e acima de 44 anos; 2) idade do filho mais novo: até 6 anos e acima de 6 anos; 3) estado civil; 4) vínculo empregatício do chefe de família (WELLS e GUBAR, 1966, *apud* SARAIVA JR., 2005). A classificação de Wells e Gubar está descrita no Quadro 6.

Quadro 6 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wells e Gubar

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Jovem solteiro
2. Recém-casado sem filhos
3. Ninho cheio I (filho mais novo com menos de 6 anos)
4. Ninho cheio II (filho mais novo com mais de 6 anos)
5. Ninho cheio III (chefe da casa com 45 anos e com filhos dependentes)
6. Ninho vazio I (chefe da casa com mais de 45 anos e sem filhos dependentes)
7. Ninho vazio II (chefe da casa aposentado)
8. Solitário ainda trabalhando
9. Solitário aposentado

Fonte: Adaptado de Wells e Gubar (1966), apud Saraiva Jr. (2005, p. 31).

As limitações do modelo, segundo os próprios autores (WELLS e GUBAR, 1966, *apud* SARAIVA JR., 2005), estão ligadas à ausência de arranjos familiares não previstos, como “famílias chefiadas por viúvos com filhos pequenos, recém-casados que moram com os pais e pessoas com mais de 44 anos sozinhas” (SARAIVA JR., 2005).

Fitzsimons e Williams (1973) utilizaram como critérios para o estabelecimento de estágios o tamanho da família, as mudanças na idade dos membros e as mudanças no *status* ocupacional dos provedores. Foram estabelecidos três estágios básicos: inicial, expansão e contração. Cada um destes estágios pode ser associado a subestágios mais explicitamente definidos, sempre relacionados com a idade do filho mais velho. O Quadro 7 traz a classificação estabelecida pelas referidas autoras.

Quadro 7 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Fitzsimons e Williams

Estágio básico	Estágio específico
I - Estágio inicial	1. Ajustamento
II – Expansão	2. Acumulação
	3. Ensino fundamental
	4. Ensino médio
III – Contração	5. Ensino superior e/ou início da vida profissional
	6. <i>Recovery</i> ou redescobrimento
	7. Aposentadoria

Fonte: Fitzsimons e Williams (1973).

Como observado no Quadro 7, os estágios do ciclo de vida familiar de Fitzsimons e Williams dizem respeito a: (a) um período inicial do casamento, em que não há filhos; (b) um período de crescimento da família, desde os primeiros anos do filho mais velho até o lançamento deste; (c) um período de contração da família, a partir do lançamento do filho mais velho, passando pela meia-idade do casal e o seu reajustamento até a aposentadoria e daí em diante.

Uma das classificações com maior número de estágios é a de Murphy e Staples, desenvolvida em 1979. Os autores ampliaram os estágios de meia-idade e os estágios tardios, de modo a abranger maior quantidade de tipos de famílias relacionados aos

estágios de ciclo de vida. Fernandez (2006) menciona que Murphy e Staples incluíram “o ciclo e reciclo do divórcio e novo casamento”, bem como separaram “o estágio ninho vazio em casados e não casados”. Para estabelecer a extensão dos estágios, levaram em conta a idade do chefe da família (jovem até 35 anos, meia-idade de 35 a 64 anos e idoso com mais de 64 anos), a idade dos filhos (até 4 anos, de 4 a 12 anos e de 13 a 18 anos) e o *status* marital dos cônjuges (Quadro 8).

Quadro 8 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Murphy e Staples

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Jovem solteiro
2. Jovem casado sem filhos
3. Jovem divorciado sem filhos
4. Jovem casado com filhos
5. Jovem divorciado com filhos
6. Meia-idade casado sem filhos
7. Meia-idade divorciado sem filhos
8. Meia-idade casado com filhos
9. Meia-idade divorciado com filhos
10. Meia-idade casado sem filhos dependentes
11. Meia-idade divorciado sem filhos dependentes
12. Idoso casado
13. Idoso descasado

Fonte: Adaptado de Murphy Staples (1979), apud Saraiva Jr. (2005, p. 36)

Embora os autores entendam que o estudo possui algumas limitações – como a existência de casais em união estável, as famílias monoparentais, os solteiros e os(as) viúvos(as) jovens ou de meia-idade –, não reconhecem a ausência de famílias com filhos maiores de 18 anos, famílias monoparentais com pais não divorciados, solteiros acima de 35 anos e viúvos com menos de 65 anos (SARAIVA JR., 2005). Se, por um lado, o estabelecimento da idade dos chefes de família auxilia na definição dos estágios do ciclo de vida, acaba, por outro lado, por desconsiderar algumas famílias não-tradicionais, que também são importantes no processo dinâmico a que estão ligados os diversos arranjos familiares.

Outra classificação com numerosos estágios é a de Gilly e Ennis, desenvolvida em 1982 e que considera arranjos ou condições familiares semelhantes em épocas diferentes do ciclo de vida das famílias, como a família monoparental com filhos em idades diferentes (Quadro 9).

Gilly e Ennis (1982, *apud* SARAIVA JR., 2005) reconheceram e incluíram em seu modelo novos arranjos inexistentes em muitos de seus antecessores, como as famílias unipessoais, as famílias em união estável, as famílias oriundas do divórcio, os casais sem filhos de meia-idade ou idosos e os casais homossexuais. Para tanto,

consideraram como parâmetros de segmentação dos estágios: 1) idade da mulher, quando ela existir (jovem até 35 anos, meia-idade entre 35 e 64 anos e idosa acima de 64 anos); 2) estado civil; e 3) idade dos filhos; e 3) presença ou não dos filhos e suas idades (sem filhos, filho mais novo até 6 anos e filho mais novo acima de 6 anos).

Quadro 9 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Gilly e Ennis

Estágio	Característica
1. Solteiro I	Jovem até 35 anos
2. Casal jovem sem filhos	Chefe da casa até 35 anos
3. Ninho Cheio I	Chefe da casa até 35 anos e filho mais novo com menos de 6 anos
4. Pai solteiro I	Chefe da casa até 35 anos e filho mais novo com menos de 6 anos
5. Ninho Cheio II	Chefe da casa até 35 anos e filho mais novo acima de 6 anos
6. Pai solteiro II	Chefe da casa até 35 anos e filho mais novo acima de 6 anos
7. Solteiro II	Meia-idade de 35 a 64 anos
8. Casal sem filhos	Chefe da casa de 35 a 64 anos
9. Ninho Cheio Tardio	Chefe da casa entre 35 e 64 anos e filho mais novo com menos de 6 anos
10. Ninho Cheio III	Chefe da casa entre 35 e 64 anos e filho mais novo acima de 6 anos
11. Pai solteiro III	Chefe da casa entre 35 e 64 anos e todos os filhos acima de 6 anos
12. Solteiro III	Idoso acima de 64 anos
13. Casal idoso	Chefe da casa acima de 64 anos

Fonte: Adaptado de Gilly e Ennis (1982), *apud* SARAIVA JR. (2005, p. 40).

Béllon, Vela e Manzano (2001, *apud* SARAIVA JR., 2005) também fazem parte da *refinement era*, considerando onze estágios distintos. Os autores também consideraram os arranjos familiares oriundos do divórcio e da viuvez, a união estável e os casais homossexuais. A classificação dá uma atenção especial à família estendida como uma possibilidade dentro de cada estágio do ciclo de vida, com exceção dos estágios representados pelos solteiros (Quadro 10).

O modelo de ciclo de vida de Béllon, Vela e Manzano (2001) representou uma alternativa aos modelos baseados nos arranjos familiares norte-americanos. Diferenças entre o número de famílias com determinados arranjos entre a sociedade espanhola e a norte-americana justificaram a criação do modelo. Por exemplo, as famílias estendidas são mais comuns na Espanha do que nos Estados Unidos e os divórcios, por sua vez, são menos comuns nos primeiros. A classificação considera como fatores de segmentação: 1) a idade da pessoa com maior renda (abaixo de 35 anos, entre 35 e 64 anos e acima de 64 anos); e 2) a presença ou não de filhos e suas idades (sem filhos, filho mais novo até 6 anos e filho mais novo acima de 6 anos) (SARAIVA JR, 2005).

Quadro 10 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Béllon, Vela e Manzano

Estágio	Característica
1. Solteiro I	Jovem de até 35 anos solteiro ou oriundo de divórcio, separação ou viuvez
2. Casal I	Casal com pessoa de maior renda até 35 anos, sem filhos, com ou sem outras pessoas
3. Ninho dependente I	Casal ou pai/mãe solteiro com pessoa de maior renda até 35 anos, com filho mais novo com menos de 6 anos, com ou sem outras pessoas
4. Ninho autônomo I	Casal ou pai/mãe solteiro com pessoa de maior renda até 35 anos, com filho mais novo acima de 6 anos, com ou sem outras pessoas
5. Solteiro II	Meia-idade, de 35 a 64 anos, solteiro ou oriundo de divórcio, separação ou viuvez
6. Casal II	Casal com pessoa de maior renda até 35 anos, sem filhos, com ou sem outras pessoas
7. Ninho dependente II	Casal ou pai/mãe solteiro com pessoa de maior renda de 35 a 64 anos, com filho mais novo com menos de 6 anos, com ou sem outras pessoas
8. Ninho autônomo II	Casal ou pai/mãe solteiro com pessoa de maior renda de 35 ou 64 anos, com filho mais novo acima de 6 anos, com ou sem outras pessoas
9. Solteiro III	Idoso de mais de 64 anos solteiro ou oriundo de divórcio, separação ou viuvez
10. Casal III	Casal com pessoa de maior renda com mais de 64 anos, sem filhos, com ou sem outras pessoas
11. Ninho autônomo III	Casal ou pai/mãe solteiro com pessoa de maior renda com mais de 64 anos, com filhos, com ou sem outras pessoas

Fonte: Adaptado de Béllon, Vela e Manzano (2001), *apud* SARAIVA JR. (2005, p. 41).

2.3.4 As classificações dos estágios do ciclo de vida familiar com finalidade específica (*specific era*)

Praticamente esgotadas as tentativas de refinamento dos estágios do ciclo de vida familiar, os teóricos deixaram de preocupar-se em estabelecer classificações com numerosas etapas, a não ser que pudessem caracterizar melhor os estudos específicos a que se ativeram. Em geral, os modelos são mais simples, embora mais específicos para uma determinada finalidade. Neste sentido, o autor deste trabalho sugere que, estendendo o trabalho de Murphy e Staples (1979), seja considerada a existência de um quarto período de elaboração de classificações dos estágios do ciclo de vida familiar, denominado *specific era*, que encontra algumas expressões na década de 1970, mas a maior parte em meados da década de 1980 até os dias atuais.

Os autores que representam a *specific era* neste trabalho são, com as respectivas datas aproximadas de desenvolvimento das classificações: Speare (1970), Pickvance (1974), McCarthy (1976), Levinson (1978), Wright e Leahey (1984), Burns e Grebler (1986), Carter e McGoldrick (1989), Dubois (1994), Wilkes (1995), Cerveny e Berthould (1997), Berkman (1997), Fernandez (1999), Relvas (2000), Krisjanous

(2001), Blackwell, Miniard e Engel (2001), Du e Kamakura (2006) e Management Horizons (s.d.).

Os estágios de Speare (1970, *apud* FERNANDEZ, 2006) podem ser considerados os primeiros da *specific era*, com estágios específicos para a segmentação do mercado imobiliário, defendendo a ideia de que, por exemplo, a idade dos inquilinos ou proprietários é diferente do estágio do ciclo de vida em que se encontram, na medida em que indivíduos de idades diferentes dentro dos mesmos estágios do ciclo de vida familiar mudam-se mais ou menos de casa (Quadro 11).

Quadro 11 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Speare

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Solteiros, viúvos ou divorciados até 45 anos
2. Recém-casados no ano de matrimônio
3. Casal até 45 anos e filhos mais velhos com até 5 anos de idade
4. Casal com filhos em idade escolar, entre 5 e 18 anos
5. Casal com mais de 45 anos em fase de contração familiar
6. Solteiros, viúvos ou divorciados com mais de 45 anos

Fonte: Speare (1970), *apud* Fernandez (2006, p.22).

Já Pickvance (1974, *apud* FERNANDEZ, 2006) utiliza apenas os estágios do ciclo de vida familiar, sem as faixas etárias, para segmentar o mercado imobiliário, tornando-se uma classificação mais simples que a do seu antecessor (Quadro 12). Uma limitação importante é a inexistência de um estágio específico para as famílias mais velhas, incluindo tanto as famílias de meia-idade quanto as famílias chefiadas por idosos no último estágio.

Quadro 12 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Pickvance

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Pré-casado
2. Casal sem filhos
3. Nascimento do primeiro filho (expansão)
4. Nascimento do último filho
5. Saída do primeiro filho (contração)
6. Ninho vazio

Fonte: Pickvance (1974), *apud* Fernandez (2006, p.21).

McCarthy (1976, *apud* FERNANDEZ, 2006) também se preocupou em criar um modelo que apontasse especificamente estágios do ciclo de vida familiar para as escolhas habitacionais. Percebe-se que o estado civil é um importante parâmetro para a classificação (Quadro 13). Nesta classificação, é considerado jovem o indivíduo até 45 anos e maduro acima desta idade.

Quadro 13 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo McCarthy

Estágio do ciclo de vida
1. Solteiro jovem sem filhos
2. Casal jovem sem filhos
3. Casal jovem com filhos pequenos até 5 anos
4. Casal jovem com filho mais velho entre 6 e 18 anos
5. Casal maduro com filho maior que 18 anos
6. Casal maduro sem filhos morando junto
7. Solteiros, viúvos, divorciados, maduros, sem filhos morando junto
8. Solteiros, viúvos, divorciados, maduros, com filhos morando junto
9. Outros casos (viúvos que vivem com os filhos casados e netos)

Fonte: Adaptado de McCarthy (1976), *apud* Fernandez (2006, p. 17).

Um exemplo claro de classificação simples, mas específica, é a que foi apresentada por Levinson (1978, *apud* SARAIVA JR., 2005), que levou em conta principalmente o comportamento das famílias em relação ao consumo de serviços de lazer (Quadro 14).

Quadro 14 – Estágios de ciclo de vida segundo Levinson

Estágio do ciclo de vida
1. Infância à adolescência: até 23 anos
2. Adulta inicial: 24-43 anos
3. Adulta intermediária: 44-63 anos
4. Adulta tardia: acima de 63 anos

Fonte: Adaptado de Levinson (1978), *apud* Saraiva Jr. (2005).

Wright e Leahey (2002, *apud* VILAS BOAS, 2004) elaboraram, em 1984, uma classificação de estágios do ciclo de vida das famílias que resultou no Modelo Calgary de Avaliação e Intervenção na Família, muito utilizado por profissionais da saúde para intervenção nas famílias (Quadro 15).

Quadro 15 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wright e Leahey

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Adultos jovens (saída de casa)
2. Casamento
3. Famílias com filhos pequenos
4. Famílias com adolescentes
5. Saída dos filhos da casa (“ninho vazio”)
6. Famílias no final da vida
7. Crises acidentais e internas (doenças graves, separações / divórcios, catástrofes, desemprego, drogadição, gravidez indesejada etc.)

Fonte: Wright e Leahey (2002), *apud* Vilas Boas (2004).

A classificação de Wright e Leahey tem clara influência de Duvall e compreende um estágio importante que não tem a ver com a idade dos membros da família, mas, sim, com condições especiais estabelecidas no âmbito familiar que escapam às características típicas dos outros estágios, como doenças graves, divórcios, catástrofes, entre outras. Foi concebida para atender mais especificamente a área de saúde.

Os estágios de Burns e Grebler (1986, *apud* FERNANDEZ, 2006) de Burns e Grebler apontam características do mercado imobiliário norte-americano que podem nortear a oferta de imóveis para o consumidor, sendo divididos apenas por faixa etária e relacionando-os com a aquisição de imóveis (Quadro 16).

Quadro 16 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Burns e Grebler

Estágio	Características
1. 25-34 anos	Fase tumultuada com filhos menores que 12 anos. Têm aumentado o percentual de lares com pai ou mãe solteiros.
2. 35-44 anos	A carreira profissional e a criação dos filhos atingem máxima importância, havendo muitos lares com adolescentes. As mudanças são movidas pela necessidade adicional de espaço e declinam com o avançar da idade.
3. 45-54 anos	É o estágio mais estável, por haver poucos divórcios e mortes. As famílias estão mais propensas a realizarem reformas do que se mudarem de imóvel.
4. 55-64 anos	É o estágio com menos possibilidade de exploração mercadológica, pois os planos de mudança são postergados para o último estágio.
5. Mais de 65 anos	Estágio que coincide com a aposentadoria. Possui características distintas dos demais e um grande potencial de crescimento, pois a população em geral está envelhecendo.

Fonte: Adaptado de Burns e Grebler (1986), *apud* Fernandez (2006, p. 23).

Os estágios de Burns e Grebler avançaram em relação aos seus antecessores que estudaram o ciclo de vida familiar para o mercado imobiliário ao considerar um estágio específico para os idosos que chefiavam suas famílias.

Uma classificação a destacar é a de Betty Carter e Monica McGoldrick, desenvolvida em 1989, que transformou os estágios de Duvall em seis etapas, elaboradas para atender uma abordagem terapêutica. Por ser a classificação que mais se aproxima à desejada para refletir as famílias do município objeto deste trabalho e por estabelecer pontos de corte que melhor caracterizam as mudanças mais significativas que ocorrem no consumo ao longo do ciclo de vida das famílias, optou-se por utilizá-la em sua maior parte na pesquisa. Por este motivo, a classificação e as mudanças nos estágios estabelecidos pelas autoras e colaboradores serão apresentadas no item seguinte.

A classificação de Dubois (1994, *apud* Karsaklian, 2009) é uma das mais utilizadas como referência de pesquisas que envolvem ciclo de vida, em que são traçadas características de renda e consumo dentro de cada estágio do ciclo. Dubois propôs uma classificação dos estágios do ciclo de vida familiar para desenvolver um estudo sobre o comportamento do consumidor e, portanto, esses estágios possuem características e pontos de transição que estão relacionados diretamente com o consumo (Quadro 17). As características que Dubois atribui aos estágios foram adaptadas,

juntamente com os estágios de Carter e McGoldrick, para servir de base para os estágios utilizados no presente trabalho.

Quadro 17 – Etapas do ciclo de vida segundo Dubois

Etapas do ciclo de vida das famílias
1. Jovem solteiro morando sozinho
2. Jovens casais sem filhos
3. Adultos casados com filhos com menos de 6 anos
4. Adultos casados com filhos com mais de 6 anos
5. Casais idosos com a responsabilidade de filhos.
6. Casais idosos sem a responsabilidade dos filhos e com o chefe da família ativo
7. Casais idosos sem a responsabilidade dos filhos e com o chefe da família inativo
8. Idoso sozinho e ativo
9. Idoso sozinho e aposentado

Fonte: Dubois (1994) *apud* Karsaklian (2009, p. 212-213).

Por algumas das classificações anteriores, pode-se afirmar que não é novidade entre os pesquisadores que a estrutura de consumo se altera consideravelmente ao longo dos estágios do ciclo de vida familiar, não obstante não tenha havido um grande número de pesquisas a esse respeito. O casamento, o nascimento e crescimento dos filhos, o ninho vazio e o envelhecimento produzem eventos vitais que refletem mudanças importantes no consumo familiar. De acordo com Solomon (2008, p. 446), o consumo da família nos estágios do ciclo de vida é afetado “por fatores como o número de pessoas que as constituem, suas idades e o número de adultos que trabalham fora”. Além disso, é determinante o fato de se ter ou não filhos e se a esposa trabalha fora ou não.

Solomon (2008) utiliza dos estágios de Wilkes (1995) para relacionar consumo e ciclo de vida familiar. O modelo de Wilkes contempla treze estágios do ciclo de vida, considerando a idade do chefe de família, a quantidade de adultos e a presença de crianças. A classificação está representada no Quadro 18. O autor dividiu os estágios em quatro categorias: solteiro, casal sem filhos no domicílio, ninho cheio e família monoparental, de acordo com a idade do chefe da família.

Para Solomon (2008), famílias com filhos pequenos gastam mais com alimentos saudáveis, enquanto as famílias de recém-casados e no ninho cheio adquirem mais carros e casas, as famílias de ninho cheio gastam mais com babá e creches e os jovens solteiros e casais mais velhos contratam mais serviços de manutenção doméstica.

Quadro 18 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Wilkes

Estágio	Idade do chefe da família	Características
1. Solteiro I	Até 35 anos	Adulto jovem sozinho
2. Casal jovem	Até 35 anos	Casal jovem sem filhos
3. Ninho cheio I	Até 35 anos	Casal jovem com filho mais novo com menos de 6 anos
4. Ninho cheio II	Até 35 anos	Casal jovem com filho mais novo com mais de 6 anos
5. Um dos pais I	Até 35 anos	Apenas um adulto jovem e criança mais nova com menos de 6 anos (família monoparental jovem)
6. Um dos pais II	Até 35 anos	Apenas um adulto jovem e filho mais novo com mais de 6 anos (família monoparental jovem)
7. Solteiro II	De 35 a 64 anos	Adulto de meia-idade sozinho
8. Casal de meia-idade	De 35 a 64 anos	Casal de meia-idade sem filhos no domicílio
9. Ninho cheio tardio	De 35 a 64 anos	Casal de meia-idade com filho mais novo com menos de 6 anos
10. Ninho cheio III	De 35 a 64 anos	Casal de meia-idade com filho mais novo com mais de 6 anos
11. Um dos pais III	De 35 a 64 anos	Apenas um adulto de meia-idade e filhos (família monoparental de meia-idade)
12. Solteiro III	Mais de 64 anos	Adulto idoso sozinho
13. Casal mais velho	Mais de 64 anos	Casal idoso sem filhos no domicílio

Fonte: Adaptado de Wilkes (1995) *apud* Solomon (2008, p. 447).

Cervený e Berthoud (1997, *apud* MANFRINI, 2005) apresentaram uma classificação dos estágios do ciclo de vida das famílias mais voltada para a psicoterapia, com apenas quatro fases, mas também influenciada pelos estágios de Duvall e com características em formato semelhante ao de Carter & McGoldrick (1995) (Quadro 19).

Quadro 19 – Fases do ciclo vital segundo Cervený e Berthoud

Fase do ciclo vital	Princípios-chave	Mudanças de segunda ordem
1. Fase de aquisição	Aquisição de um modelo de família através de objetivos comuns	a) Formação do sistema marital equilibrado através de uma diferenciação emocional b) Resolução de conflitos típicos deste estágio
2. Fase adolescente	Aceitar as mudanças biopsicossociais do(s) filho(s) e do Eu	a) Revisão de papéis entre o progenitor-filho para evitar a vulnerabilidade do adolescente
3. Fase madura	Aceitar a responsabilidade biopsicossocial de duas ou mais gerações	a) Elaboração dos ganhos e perdas
4. Fase última	Realizar um balanço intergeracional	a) Retorno ao sistema conjugal a dois

Fonte: Cervený e Berthoud (1997) *apud* Manfrini (2005).

Os estágios de Berkman (1997, *apud* FERNANDEZ, 2006) são um exemplo típico de classificação do ciclo de vida familiar concebida para fins puramente mercadológicos, trazendo estágios simples, mas “divididos objetivamente, de acordo com características distintas de padrão de consumo” (FERNANDEZ, 2006, p. 21) (Quadro 20).

Quadro 20 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Berkman

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Solteiros jovens
2. Recém-casados sem filhos
3. Casais jovens com crianças
4. Casais com adolescentes
5. Casais maduros

Fonte: Berkman (1997), *apud* Fernandez (2006, p. 21)

Uma classificação bastante direcionada é a de Fernandez (1999), que também contribuiu para a segmentação do mercado imobiliário, estabelecendo atributos para a escolha de imóveis conforme os estágios do ciclo de vida familiar, que identificou forte correlação entre estas variáveis (Quadro 21).

Quadro 21 – Estágios de ciclo de vida segundo Fernandez

Estágio	Característica
1. Casais sem filhos	Destaca-se neste estágio do ciclo de vida familiar a importância dada ao atributo status. A suposta razão para esta preferência pode estar relacionada com a necessidade de afirmação social. O atributo perto do local de trabalho também aparece significativamente, em terceiro lugar.
2. Casais com filhos crianças (até 10 anos)	A proximidade com a escola dos filhos é o atributo mais relevante para este segmento. O atributo status perde força, caindo para a terceira posição.
3. Casais com crianças e adolescentes	O atributo perto de escola continua como prioridade absoluta, entretanto, o atributo local muito bem policiado, aparece na terceira colocação, revelando uma preocupação com a segurança.
4. Casais com filhos adolescentes (entre 11 e 18 anos) e adultos	Nesse estágio a segurança ficou com a prioridade máxima, revelando por parte dos pais, uma preocupação com a segurança de seus filhos que agora são mais independentes em seus deslocamentos diários.
5. Casais com filhos adultos	Nessa fase, prioriza-se os atributos de bem estar como: área verde e local sossegado. Entre os atributos de acessibilidade destacam-se: a proximidade com supermercado e conveniências.
6. Ninho vazio (casais e viúvos, cujos filhos já saíram de casa)	Este segmento deu mais importância proximidade com hospitais, seguido de proximidade com conveniências e status da vizinhança.

Fonte: Fernandez (1999).

O autor afirma que, sendo o uso da localização um parâmetro de escolha do imóvel pelos consumidores de determinado segmento, é um diferencial importante para a construtora. Ao se adquirir um terreno, deve-se traçar um plano estratégico que contemple uma compatibilidade entre as exigências e necessidades dos consumidores com a localização do imóvel (FERNANDEZ, 1999 e MACEDO, 2004).

Os estágios do ciclo de vida familiar de Relvas (2000, *apud* SOARES, 2008, p. 66) originaram-se de uma abordagem sistêmica à família, propondo cinco etapas de desenvolvimento do ciclo vital, além das características de cada estágio (Quadro 22). Relvas (2000) utilizou os estágios de Duvall até certo ponto, mas fundindo as últimas

fases em um único estágio, aceitando as fases a partir daí como etapas inter e multigeracionais. O autor elabora as características de cada estágio principalmente pelos pontos de transição que os definem.

Quadro 22 – Estágios do ciclo vital segundo Relvas

Estágio	Características
1. Formação do casal	Início da família nuclear e de um novo sistema com padrões e normas específicas. A negociação e a renegociação fazem parte dele para daí resultar sentimentos de pertença e vinculação aos elementos que constituem a nova família.
2. Famílias com filhos pequenos	O nascimento do primeiro filho corresponde ao início desta etapa. É um acontecimento que exige reorganização e implica transformações e adaptações significativas passando por uma definição e redefinição de papéis parentais e limites face ao exterior.
3. Famílias com filhos na escola	É o prolongamento da etapa anterior. A entrada na escola primária é considerada um marco no ciclo vital porque reflete o dever social da educação partilhado com outra “instituição” que não é a família.
4. Famílias com filhos adolescentes	É a fase de adolescência dos elementos mais jovens da família, sendo ainda um período de redefinição do equilíbrio individual, social e familiar. O contexto envolvente irá desempenhar um papel preponderante na forma como as famílias experienciam e ultrapassam esta etapa, uma vez que ocorre uma entrada e saída de valores, normas e interesses que são transportados dos e para os diferentes contextos (escola, família, grupo de amigos).
5. Famílias com filhos adultos	É caracterizada basicamente pela intergeracionalidade. A família multigeracional é um tipo de família dominante nos nossos dias que advém do aumento significativo da esperança de vida resultante dos avanços tecnológicos e da ciência médica.

Fonte: Relvas (2000) *apud* Soares (2008, p. 66).

Krisjanous (2001, *apud* FERNANDEZ, 2006), em estudo específico para estágios que envolvem a presença de idosos, propôs a divisão do estágio tardio em três subestágios conforme as necessidades do mercado imobiliário, conforme a faixa etária (Quadro 23).

Quadro 23 – Estágios do ciclo de vida segundo Krisjanous

Estágio do ciclo de vida familiar
1. Velhos jovens (65-74 anos)
2. Medianamente velhos (75-84 anos)
3. Velhos/velhos (mais de 85 anos)

Fonte: Krisjanous (2001), *apud* Fernandez (2006, p. 24)

Outros teóricos que elaboraram uma classificação para os estágios do ciclo de vida familiar visando uma relação com o consumo foram Blackwell, Miniard e Engel (2009), cujas etapas e atividades de consumo estão resumidas no Quadro 24.

Observando as características de consumo dos estágios de Dubois e Blackwell, Miniard e Engel, pode-se dizer que o nível de renda e consumo é ascendente até o estágio de meia-idade, onde alcança seu apogeu, e descendente após a aposentadoria. Nos estágios em que não há a presença de crianças, os recursos são mais direcionados para viagens, lazer e poupança do que nos outros estágios, em que há maiores gastos com produtos de bebê, materiais escolares, roupas, alimentação e educação dos filhos, a

não ser que os casais sem filhos enfrentem doenças que os obriguem a ter maiores despesas com saúde.

Quadro 24 – Estágios do ciclo de vida e atividades de consumo segundo Blackwell, Miniard e Engel

Estágio	Atividades de consumo
1. Jovens solteiros	Os ganhos são baixos, mas as obrigações financeiras são poucas e não veem necessidade de poupar para o futuro, o que os faz destinarem recursos para mobília, aluguel, alimentação dentro ou fora de casa, bebidas alcoólicas, moda, viagens ou outros gastos envolvidos com a sedução. Alguns deles podem ter filhos pequenos, o que faz com que gastem parte dos gastos com o bebê.
2. Recém-casados	Os recém-casados sem filhos, por terem duas rendas para um só lar, estão em melhores condições financeiras que antes. Tendem a gastar mais com carros, roupas, férias, lazer, e mobília. São mais suscetíveis às propagandas que outros grupos.
3. Ninho cheio I	O primeiro filho nasce e há uma escolha entre a esposa deixar de trabalhar ou o casal pagar creche ou babá, o que diminui a renda disponível. Podem comprar a primeira casa e gastam com mobília e produtos de bebê. A capacidade de poupança reduz consideravelmente, deixando os pais insatisfeitos com a situação financeira.
4. Ninho cheio II	O primeiro filho atingiu a idade escolar, a renda do marido aumentou e a esposa voltou a trabalhar. A situação financeira melhorou, mas gasta-se mais e em maiores quantidades, também sob influência da criança. Tendem a adquirir mais em alimentação e produtos de limpeza e gastam com bicicletas, aulas de música, roupas, equipamentos esportivos e um computador.
5. Ninho cheio III	A família envelhece e os pais estão na meia-idade. A situação financeira melhora ainda mais, com a renda dos cônjuges aumentando, além dos filhos poderem também obter alguma renda. Porém, se o(s) filho(s) estiver(em) na faculdade, podem ter uma situação apertada. Gastam com mobília, outro carro, acessórios de luxo, serviços dentários, educação e outro computador.
6. Casados, sem filhos	Os casais sem filhos possuem recursos para gastar mais com caridade, viagens e lazer do que se tivessem filhos, além de reservar parte do orçamento para poupança.
7. Solteiros mais velhos	Os solteiros mais velhos podem ser <i>solteiros novamente</i> ou <i>nunca casados</i> . Os primeiros tendem a gastar com mobília com a nova casa, pensões para ex-cônjuge e filhos e viagens para visitar os filhos, quando é o caso. Os últimos vivem em casas menores e, como não há gastos com família, têm renda disponível para viagens, lazer e poupança para aposentadoria.
8. Ninho vazio I	Com os filhos tendo saído de casa, a situação financeira da família está bem, podendo poupar mais. Os gastos se direcionam para melhorias na casa, itens de luxo, férias, veículos utilitários, comida fora de casa, viagens, uma segunda (menor, mas melhor), produtos para os netos e cursos como <i>hobby</i> .
9. Ninho vazio II	Ocorre a aposentadoria e geralmente a renda disponível diminui. Os ativos trabalham para manter a renda e gastam com viagens e caridade. Os inativos gastam mais com saúde, às vezes mudando-se para locais com clima mais adequado.
10. Sobrevivente solitário	Se continua a trabalhar, fica socialmente ativo. Se não fica empregado, mas tem renda fixa advinda de pensão, pode morar com amigos para dividir despesas ou casar-se novamente. Nesse estágio, gasta menos com roupa e comida e mais com assistência médica, viagens, lazer, jardinagem e limpeza.
11. Sobrevivente solitário aposentado	Segue geralmente os mesmos padrões do sobrevivente solitário, mas a renda pode não ser alta. Sentem necessidades de atenção, afeto e segurança.

Fonte: Blackwell et al. (2009, p. 387-388)

Os autores supracitados ainda representaram graficamente a variação da renda disponível conforme os estágios do ciclo de vida das famílias, como pode ser observado na Figura 4.

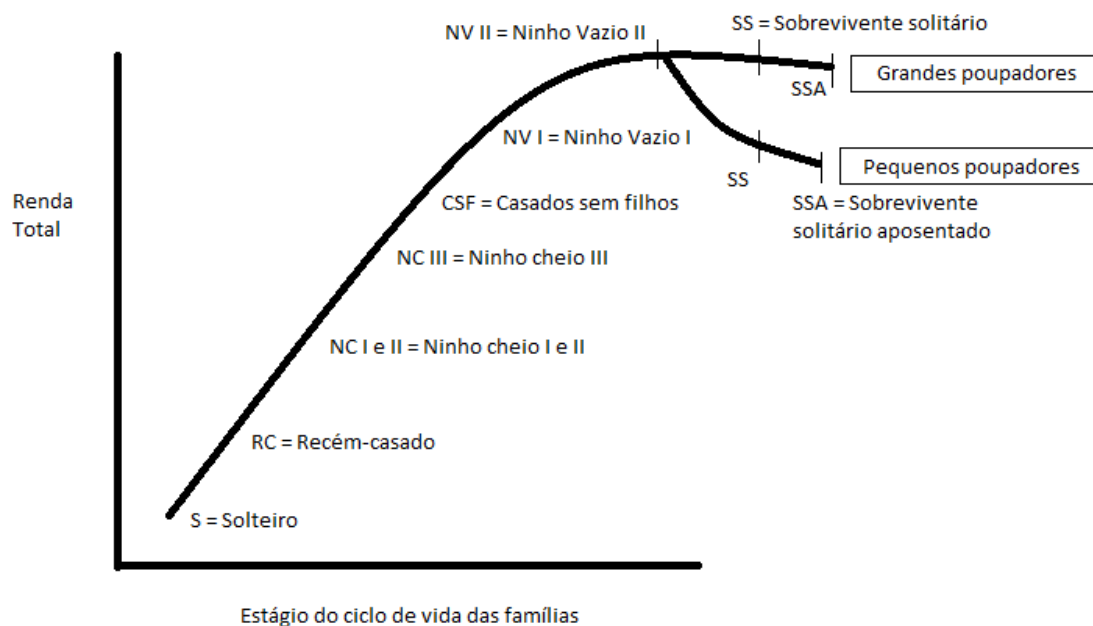


Figura 4 – Renda disponível para gastar por estágio de ciclo de vida
 Fonte: Blackwell et al. (2009, p. 389).

Pode ser observado, na Figura 4, que a renda vai subindo conforme os estágios acontecem. Quando os chefes de família entram na faixa de 30 a 40 anos, segundo os autores, geralmente alcançam um nível de renda maior, pois atingem postos mais altos em seus empregos e ambos os adultos trabalham, embora tenham seu nível de despesa aumentado com a chegada de crianças, o que dificulta a poupança e a ostentação de itens de luxo. Esta ascendência, apesar de ocorrer a taxas decrescentes, ocorre até o estágio ninho vazio II, em que os cônjuges se aposentam, mas ainda estão ativos para complementar a renda da aposentadoria. À medida que não se encontram tão saudáveis para trabalhar, a renda vai caindo até que um dos cônjuges venha a falecer e se perca parte da renda, seja no estágio do sobrevivente solitário que ainda trabalha ou no estágio do sobrevivente solitário aposentado, que vai deixando de trabalhar até ficar somente com a renda da aposentadoria. Os grandes poupadores, que se preocuparam com o futuro e puderam poupar muito na juventude e na meia-idade, seguiram este padrão, mas de uma forma mais equilibrada, mantendo a renda disponível para o consumo ligeiramente em queda após o estágio do ninho vazio II. Os pequenos poupadores, que não puderam ou não quiseram poupar muito em estágios anteriores, têm uma curva de renda disponível mais descendente após o estágio do ninho vazio II. (BLACKWELL et al., 2009). Esta representação dos autores coincide em grande parte com a teoria do ciclo vital de Modigliani, já apresentada anteriormente.

Du e Kamakura (2006, *apud* SARAIVA JR., 2010) também construíram um modelo de classificação dos estágios do ciclo de vida familiar em função do consumo, estabelecendo um perfil de gastos para cada tipo de domicílio em categorias distintas de despesas. Os autores segmentaram os domicílios norte-americanos conforme as seguintes variáveis: 1) estado civil do chefe do domicílio: solteiro, casado, viúvo ou separado/divorciado; 2) idade do chefe do domicílio; 3) vínculo empregatício do chefe do domicílio: empregado, desempregado, aposentado, inválido ou estudante; 4) vínculo empregatício do cônjuge; 5) número de outros adultos; 6) presença de filhos/crianças: abaixo de 7 anos, de 7 a 14 anos, de 15 a 18 anos, na faculdade; 7) quantidade de pessoas no domicílio. Os estágios do ciclo de vida familiar dos autores estão no Quadro 25.

Quadro 25 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Du e Kamakura

Estágio	Idade do chefe do domicílio	Características
1. Solteiro Jovem / Casal Jovem	De 22 a 32 anos	Solteiro jovem ou casal jovem, sem filhos.
2. Família Pequena I	De 25 a 35 anos	Família com até 4 membros e filhos até 7 anos.
3. Solteiro II	De 26 a 42 anos	Solteiro ou divorciado, sem filhos.
4. Solteiro III	De 27 a 41 anos	Solteiro ou divorciado com filhos com mais de 15 anos.
5. Família Grande I	De 33 a 41 anos	Família de 5 ou mais membros e filhos até 15 anos.
6. Família Pequena II	De 34 a 44 anos	Família com até 4 membros e filhos até 15 anos.
7. Família Grande II	De 40 a 50 anos	Família de 5 ou mais membros e filhos com mais de 15 anos.
8. Solteiro IV	De 44 a 62 anos	Divorciado ou viúvo, com filhos com mais de 15 anos.
9. Família Pequena III	De 45 a 57 anos	Família com até 4 membros e filhos com mais de 15 anos.
10. Solteiro V	De 49 a 71 anos	Solteiro ou divorciado, sem filhos.
11. Ninho Vazio	De 51 a 73 anos	Casal após saída dos filhos ou sem filhos.
12. Casal Dependente	De 63 a 77 anos	Casal com adultos dependentes
13. Solteiro VI	De 66 a 84 anos	Viúvo, sem filhos.

Fonte: Adaptado de Du e Kamakura (2006) *apud* Saraiva Jr. (2010, p. 83).

A maior contribuição do trabalho de Du e Kamakura (2006) foram as transições etárias entre os estágios do ciclo de vida dos domicílios norte-americanos, embora tais transições possivelmente sejam diferenciadas em outras sociedades.

Segundo Karsaklian (2009), a empresa de consultoria norte-americana Management Horizons elaborou uma classificação, cruzando ciclo de vida e renda, que resultou em cinco estágios, conforme o Quadro 26. A classificação da Management Horizons é simples e seus estágios foram divididos conforme o nível de maturidade das famílias. Enquanto os três primeiros estágios referem-se a famílias cujos chefes são jovens (solteiros, casados ou com filhos), os dois últimos dizem respeito a famílias mais

maduras, como o quarto estágio, correspondente ao ninho vazio, e o quinto estágio, correspondente ao estágio tardio.

Quadro 26 – Estágios de ciclo de vida segundo a Management Horizons

Estágio do ciclo de vida
1. Jovens solteiros
2. Jovens casais
3. Jovens pais
4. Famílias de idade madura
5. Residências de idosos (inclusive pessoas sozinhas)

Fonte: Karsaklian (2009, p. 214-215)

2.4 Mudanças no ciclo de vida familiar

Para Carter e McGoldrick (1995), a família compreende laços que envolvem pelo menos três gerações. Não obstante o processo familiar não se dê de modo linear, depende muito da dimensão linear do tempo, eis a razão de se estudar o ciclo de vida. Nos pontos de transição desses estágios, é onde se encontram, muitas vezes, os períodos de maior estresse e ansiedade de uma família.

As autoras identificam a existência de estressores horizontais e verticais que geram fluxos de ansiedade nas famílias. Os estressores horizontais, mais relacionados com o tempo, são divididos em desenvolvimentais (transições do ciclo de vida) e imprevisíveis (morte precoce, doença crônica, acidente). Um pequeno estresse horizontal pode desestruturar emocionalmente uma família, enquanto o estresse vertical precisa ser mais intenso para atingir a mesma magnitude de desestruturação. Os estressores verticais possuem maior ligação com a socialização do indivíduo, pois que dizem respeito às relações entre este e os micro e macrossistemas que o envolvem: família nuclear; família ampliada; comunidade e colegas de trabalho; social, cultural, político e econômico, como gênero, religião, etnicidade etc. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

O Quadro 27 apresenta os estágios do ciclo de vida estabelecidos por Carter e McGoldrick (1995) para a classe média tradicional norte-americana e o resumo de suas respectivas características. As relações entre o consumo e o ciclo de vida nos itens que dizem respeito aos estágios do ciclo de vida de Carter e McGoldrick foram adaptadas de Dubois (1994, apud KARSAKLIAN, 2009).

Quadro 27 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Carter e McGoldrick

Estágio do ciclo de vida familiar	Processo emocional de transição: princípios-chave	Mudanças de segunda ordem no <i>status</i> familiar necessárias para se prosseguir desenvolvimentalmente
1. O lançamento do jovem adulto solteiro (“saindo de casa: jovens solteiros”)	Aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu	a) Diferenciação do eu em relação à família de origem. b) Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais. c) Estabelecimento do eu com relação ao trabalho e independência financeira.
2. A união de famílias no casamento: o novo casal	Comprometimento com um novo sistema	a) Formação do sistema marital. b) Realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e os amigos para incluir o cônjuge.
3. Famílias com filhos pequenos	Aceitar novos membros no sistema	a) Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s). b) Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas. c) Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós.
4. Famílias com adolescentes	Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e a fragilidade dos avós	a) Modificar os relacionamentos progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema. b) Novo foco nas questões conjugais e profissionais do meio da vida. c) Começar a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha.
5. Lançando os filhos e seguindo em frente (“ninho vazio”)	Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar	a) Renegociar o sistema conjugal como diade. b) Desenvolvimento de relacionamentos de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e seus pais. c) Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos. d) Lidar com incapacidades e morte dos pais (avós).
6. Famílias no estágio tardio da vida	Aceitar a mudança dos papéis geracionais	a) Manter o funcionamento e os interesses próprios e/ou do casal em face do declínio fisiológico. b) Apoiar um papel mais central da geração do meio. c) Abrir espaço no sistema para a sabedoria e experiência dos idosos, apoiando a geração mais velha sem superfuncionar por ela. d) Lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte. Revisão e integração da vida.

Fonte: Adaptado de Carter e McGoldrick (1995, p. 17).

2.4.1 O lançamento do jovem adulto solteiro

O estágio do ciclo de vida familiar que diz respeito ao jovem adulto solteiro abrange o período em que este deixou a família de origem ou de orientação e ainda não formou a família de procriação. Para Aylmer (1995), inclui os indivíduos na casa dos vinte anos que: (1) estão fisicamente separados, mas que podem voltar ao ninho periodicamente; (2) estão em pós-graduação, exército ou vivendo fora das casas dos pais (se menores de 21 anos); (3) estão financeiramente independentes ou quase; (4) casaram cedo e divorciaram depois de um ano ou dois. Esta etapa não inclui os filhos de qualquer idade que nunca saíram de casa.

O lançamento dos jovens adultos significa muito mais que o afastamento físico do lar. Este evento representa um rompimento parcial do vínculo emocional que lhes permite escolher “aquilo que levarão da família de origem, aquilo que deixarão pra trás

e aquilo que irão criar sozinhos”. O momento é de definir objetivos pessoais de vida e se tornar um “eu”, inclusive aceitando e assumindo, em boa parte das vezes, a responsabilidade emocional e financeira por si mesmo (CARTER e MCGOLDRICK, 1995, p. 16-18). Entretanto, segundo Aylmer (1995), a instabilidade nesta fase é normal e é fator de amadurecimento do jovem adulto solteiro que se lança para a vida fora do lar de origem.

Levinson (1978, *apud* AYLMER, 1995, p. 171) destaca que o jovem que se lança deve mudar, a certa idade, o centro de gravidade de sua vida de filho para a vida de adulto, a começar com o próprio lar. Realizará suas próprias escolhas em relação à “ocupação, relacionamentos amorosos, estilo de vida e valores”, no sentido de expandir seus horizontes e tomar decisões sérias com maior clareza e de modo que possa “criar uma estrutura inicial de vida adulta, ter raízes, estabilidade e continuidade”. Acrescenta-se à lista de Levinson as escolhas que dizem respeito ao consumo, que também estão relacionadas com as demais escolhas por ele citadas.

Segundo Dubois (1994, *apud* KARSAKLIAN), o jovem solteiro que mora sozinho, embora sua renda seja limitada, consegue adquirir bens duráveis para equipar sua residência, além de roupas, alimentação em restaurantes, festas e férias.

2.4.2 A união das famílias no casamento: o novo casal

O casamento sempre foi uma porta para a sexualidade e a paternidade. Como, frequentemente, o sexo tem acontecido cada vez mais cedo e a decisão de ter filhos cada vez mais tarde, a idade média do casamento tem sido bastante postergado. Mesmo com a idade dos noivos estando mais avançada, isto não diminui significativamente o envolvimento com as famílias de origem. Em verdade, o mito de que dois indivíduos casam-se desvinculados emocionalmente das famílias das quais se originaram rende-se, em quase todos os casos, à realidade de que há uma modificação de dois sistemas e a criação de um terceiro subsistema sobreposto e interseccionado com os que lhe deram origem (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Contudo, o casamento carrega consigo o fardo emocional de um novo *status* familiar, com todas as questões que envolvem tempo, dinheiro, relacionamento com os sistemas familiares, lazer, férias etc., além dos próprios problemas do relacionamento amoroso inerente à nova instituição, influenciados pela intensa sensação errônea de passagem definitiva da juventude para a vida adulta. Se o casal ainda se encontra

dependente financeiramente de suas famílias de origem, é impossível alcançar independência emocional. São os paradoxos de nossa cultura, que permite a união sem que um alicerce financeiro subsista anteriormente (McGOLDRICK, 1995).

Os jovens casais sem filhos possuem renda ascendente, principalmente em razão da atividade da esposa, e os bens duráveis e o lazer são os itens que mais pesam na estrutura de consumo (DUBOIS, 1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009).

2.4.3 Famílias com filhos pequenos

Os maiores problemas deste estágio estão relacionados com a falta de preparação emocional dos pais no sentido de assumir as responsabilidades para com os filhos e enfrentar as questões advindas deste evento, que significa o avanço de uma geração. A necessidade de se comportar como adultos faz com que os hábitos dos novos pais tenham que se alterar significativamente para se adequarem à chegada dos novos membros da família (CARTER e McGOLDRICK, 1995).

São muito comuns, de acordo com as autoras, conflitos entre os cuidados com os filhos e a questão financeira. As despesas aumentam consideravelmente neste estágio, o que muitas vezes requer dois salários, mas a necessidade de maiores cuidados com os filhos pode fazer com que a mãe pare de trabalhar por um período ou até abandone a carreira.

Para Bradt (1995, p. 210-214), “o nascimento de um filho perturba a delicada heterossocialidade do local de trabalho e encaminha as mulheres na direção doméstica”, ao mesmo tempo que pode fazer com que uma mulher grávida tenha que se engajar ainda mais no emprego para sustentar ou ajudar a sustentar os filhos e trazer o homem para um empenho maior nas atividades domésticas. Do mesmo modo, a presença dos filhos pode estabilizar o casamento e pacificar, no médio prazo, os conflitos entre os ambientes profissional e doméstico.

O autor aponta para o papel da família ampliada junto à família nuclear. A partir do momento em que os filhos pequenos são considerados uma responsabilidade coletiva, a influência da velha geração aumenta, um maior apoio acontece e, então, há um “afastamento em relação ao eixo horizontal do casamento para um realinhamento com o impulso vertical das gerações do futuro e do passado” (BRADT, 1995, p. 213).

Passados os momentos críticos do pós-nascimento e dos primeiros anos da vida dos filhos, a mulher que deixou a carreira de lado sente necessidade de retornar ao

mercado de trabalho, operando aí o mesmo conflito que a retirou. O apoio da família ampliada ou o serviço de um profissional contratado passam a ser fundamentais neste processo. O autor resume sua teoria em poucas palavras:

Superenfatizar os relacionamentos com o cônjuge e amigos e negligenciar os relacionamentos pais-criança significa correr o risco de negligenciar os filhos e as pessoas mais velhas, e sacrificar as lições e a nutrição da continuidade. Superenfatizar os relacionamentos pais-criança significa pôr em risco o casamento e pode levar a vínculos emocionais excessivamente intensos entre pais e filhos. Reequilibrar a distribuição de tempo, energia e conexões psicossociais pode ativar poderosos recursos em um sistema para curar a si próprio. (...). O resultado ótimo deste estágio do ciclo familiar não é simplesmente o de ligar os adultos, como pais, aos filhos. É o de intensificar o relacionamento íntimo do casamento – ajudar homens e mulheres a realizar seu potencial criador na idade adulta jovem e média, e a assumir o seu lugar na família de maneira plena, possivelmente ampliando a vida. É o de unir os sexos e as gerações no presente e no futuro e o de colocar o amor numa posição igual à do trabalho (BRADT, 1995, 214-222).

Por fim, Bradt (1995) destaca que o dia em que os filhos forem criados igualmente por homens e mulheres, as crianças os “verão trabalhando lado a lado” tanto na esfera doméstica quanto na profissional, mas não num ambiente de privação/obrigação, mas de cooperação entre os sexos.

As famílias com filhos pequenos encontram dificuldades na continuidade do trabalho da esposa e, com isso, a renda diminui, enquanto as despesas aumentam (casa maior, equipamento mais completo), principalmente com a chegada da criança, não havendo muito como poupar (DUBOIS, 1994, apud KARSAKLIAN, 2009).

2.4.4 Famílias com adolescentes

Carter e McGoldrick (1995) entendem que as mudanças nas famílias com filhos pequenos são incrementais, ou seja, apenas acrescentam questões de uma mesma etapa, mas não suficientes para estabelecer um novo estágio, a não ser quando esses filhos alcançam a adolescência. A entrada dos filhos na puberdade enseja uma nova época, pois “assinala uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação aos seus filhos” (p. 20). Os pais não conseguem mais impor a plena autoridade aos filhos e, ao trazer para o convívio familiar novos amigos, abrem espaço para a inserção de novos valores. Os novos padrões advindos destes valores modificam o *status* familiar de uns membros em relação aos outros e são necessários ajustes na família, muitas vezes capitaneados pela relação entre pais e avós. São comuns nesta fase

crises no relacionamento conjugal, muitas vezes ocultadas pela lida com os filhos na fase da adolescência, que, muitas vezes, apresentam problemas com “abuso de drogas ou álcool, gravidez adolescente, delinquência ou comportamento psicótico” (p. 20).

A consequência mais imediata para o indivíduo que entra na adolescência são as transformações que visam a construção do próprio “eu”, seja este físico, psicológico ou político. Segundo Hopkins (1983, *apud* GARCIA-PRETO, 1995, p. 225), “a puberdade traz inúmeras mudanças que não apenas transformam o eu físico como assinalam o início da transição psicológica da infância para a idade adulta”. As alterações físicas e sexuais ocorridas nesta fase modificam a auto-avaliação dos adolescentes, ao mesmo passo que mudam a forma como são percebidos pelos outros, o que gera não somente conflitos intra-familiares como mudanças bruscas nos padrões e estilos de vida do adolescente (GARCIA-PRETO, 1995).

A difícil “tarefa da adolescência” culmina em tentativas muitas vezes dolorosas de estabelecer uma identidade própria, mas, ao mesmo tempo, torna-se fonte de energia que permite trazer ao âmbito da família e a outros microssistemas maiores novas ideias e atitudes, desafiando normas e padrões estabelecidos. Para Garcia-Preto (1995, p. 228):

A luta pela obter uma auto-imagem separada, clara e positiva também pode trazer confusão e imobilização para os adolescentes e suas famílias. Novas experiências no mundo podem submetê-los à ansiedade, desapontamento, rejeição e fracasso. Assim como com roupas e estilos de cabelo, os papéis podem ser experimentados, apreciados brevemente e então descartados ou adotados, numa tentativa de fixar um senso de eu. Embora alguns desses papéis sejam consistentes com os valores familiares, eles frequentemente desafiam, se não agredem, os costumes da família.

A busca do adolescente pela identidade esbarra na necessidade de uma maior autonomia para, além de permitir aventuras fora de casa, participar das tomadas de decisões no seio da família. Porém, manter o controle de autoridade e, ao mesmo tempo, exercitar a flexibilidade necessária nesta fase como “objetivo, apoiador e democrático” não é fácil para os pais. A intolerância dos pais e o desacordo entre os cônjuges podem fazer com que o adolescente experimente um processo de triangulação de poder em que ele se vê involuntariamente inserido, gerando “tensão, insatisfação, desenvolvimento e conflito” (GARCIA-PRETO, 1995, p. 229-230).

Os adultos casados com filhos com mais de 6 anos (inclusive adolescentes) veem a situação financeira melhorar com o progresso profissional do marido e o retorno da esposa ao trabalho, mas as despesas com as crianças e adolescentes ainda predominam, embora diversificadas (DUBOIS, 1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009).

2.4.5 Lançamento dos filhos e seguindo em frente (“ninho vazio”)

A fase do ninho vazio começa com o lançamento dos filhos, passa pela aceitação dos seus cônjuges e filhos e termina com a entrada no estágio tardio. Embora a casa esteja “sempre cheia” com saídas e entradas de membros da família, o dia-a-dia dos pais, que ocorria muito em função dos filhos, depara-se com uma situação em que, com a independência dos filhos, “sentimentos de vazio e depressão” obrigam o casal a iniciar novas atividades de vida. O relativo descompromisso financeiro com os filhos e a melhora das finanças dos pais os conduzem a um novo *status*, que se reflete na busca de viagens, *hobbies* e atividades profissionais paralelas e na preocupação em abrir espaço para as novas gerações, das quais são agora avós e, muitas vezes, atuam como cuidadores. Entretanto, se o casamento não se solidifica com esta fase, pode ser necessário um reinvestimento no relacionamento conjugal, a fim de suportar a desestruturação pós-lançamento dos filhos e não seguir para o divórcio (CARTER; McGOLDRICK, 1995).

Se o casal de meia-idade funcionava anteriormente como se existisse meramente para a procriação dos filhos, esta fase pode assomar como vazia e sem significado. Esses casais talvez não consigam adaptar-se a uma vida que não depende mais da função paterna para organizar seu relacionamento. Da mesma forma, se os filhos adultos não precisam mais dos pais, ou escolhem estilos de vida divergentes ou opostos, então os pais podem ver poucas razões para permanecerem conectados a esses filhos adultos (McCULLOUGH; RUTENBERG, 1995, p. 248).

De acordo com McCullough e Rutenberg (1995), as transições ocorridas com o casal de meia-idade após o lançamento dos filhos são relacionadas com: (1) a mudança de função do casamento; (2) o desenvolvimento de relações mais maduras entre os filhos adultos e os pais; (3) a extensão da família ampliada, com a entrada de netos e parentes por afinidade; (4) a oportunidade de solucionar problemas de relacionamentos com os pais que estão envelhecendo. A família está sendo reexaminada em todos os seus aspectos, o que torna este estágio um dos mais difíceis para os seus membros que, mais maduros e solventes financeiramente, desejam realizar todo o seu potencial. Por isso, “o impacto das perdas e mudanças que estão ocorrendo nesse momento às vezes é demonstrado indiretamente através de casos amorosos, em possessões materiais como carros esportivos e barcos, ou de algum tipo de atuação” (McCULLOUGH e RUTENBERG, 1995, p. 255).

Dubois (1994, apud KARSAKLIAN, 2009) diferencia famílias de meia-idade com e sem a responsabilidade dos filhos e formadas por casais ou se o idoso é sozinho. **Os casais que possuem a responsabilidade para com os filhos** possuem conforto financeiro, trocam os móveis e compram o segundo automóvel. Com os filhos maiores e os pais já em idade mais avançada, educação e saúde são importantes gastos na estrutura de consumo. **Os casais que não possuem a responsabilidade com os filhos, mas o chefe de família é ativo**, têm, neste estágio, o seu apogeu financeiro, o que permite (classes média e alta) que se possa adquirir itens de luxo e que parte dos recursos sejam direcionados para lazer, viagens e poupança para aposentadoria. O **idoso sozinho e ativo** possui uma renda ainda elevada, já que ainda trabalha e as necessidades são poucas, deixando espaço para viagens e lazer, além dos gastos com a saúde.

2.4.6 A família no estágio tardio da vida

No estágio tardio, que começa com a aposentadoria ou com a morte de um dos cônjuges enquanto idoso, a insegurança e a dependência financeira começam a atingir níveis maiores. Os ajustamentos à perda do cônjuge ou à incapacidade de administrar as coisas sozinho trazem desconfortos emocionais, agravados pelos problemas físicos senis e pela dificuldade de estabelecer relacionamentos sociais. Estes fatos incorrem em uma perda de *status* que refletem na maior dependência em relação à geração seguinte (CARTER; McGOLDRICK, 1995).

Walsh (1995, p. 270) completa com a afirmação de que “as mudanças com a aposentadoria, a viuvez, a condição de avós e as doenças requerem o apoio familiar, o ajustamento às perdas, reorientação e reorganização”, mas também representam oportunidades de transformação e crescimento. O bom funcionamento das famílias no estágio tardio de vida exige que se tenha uma flexibilidade na estrutura e nos papéis estabelecidos pela família ampliada, de modo que os membros da geração seguinte assumam responsabilidades nos cuidados com os da geração anterior.

A respeito deste estágio, Dubois (1994, apud KARSAKLIAN, 2009) também estabelece subtipos. Os casais **sem a responsabilidade dos filhos e com o chefe de família inativo** presenciam a queda brusca da renda e as despesas com saúde aumentarem, procurando, às vezes, uma residência menor. O **idoso sozinho e aposentado** tem a renda diminuída com a aposentadoria e as suas “necessidades são basicamente de atenção, afeto e segurança” (p. 213).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este item abordará o objeto de estudo, o tempo e a dimensão geográfica, a amostragem, o instrumento de coleta de dados e o tratamento dos dados.

3.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo ou a sua unidade de observação foi a população bambuiense urbana, descrita por meio do estabelecimento de um padrão de consumo familiar dentro dos estágios do ciclo de vida das famílias e levando em conta os seus níveis de renda.

A população foi segmentada mediante cinco estratos de estágios de ciclo de vida e três estratos de níveis de renda, formando quinze subestratos, os quais, combinando as duas referidas variáveis, compõem uma nova variável, que diferenciou subestratos específicos, com comportamentos específicos.

Os estágios do ciclo de vida das famílias utilizados no presente estudo e seus respectivos períodos de transição foram adaptados das classificações de Carter e McGoldrick e de Duvall (Quadro 28).

O primeiro estágio de Carter e McGoldrick, o que contempla o jovem adulto solteiro (Quadro 27), foi eliminado da pesquisa porque diverge do conceito de família adotado neste estudo, que é o de Blackwell, Miniard e Engel (2009, p. 377): “um grupo de duas ou mais pessoas ligadas pelo mesmo tipo de sangue, pelo casamento ou pela adoção, que vivem juntas”, além daquelas que formam o que se pode chamar de família estendida, que é composta, além da família nuclear (cônjuges e filhos), pelos outros membros anteriormente citados. O segundo estágio, famílias com filhos pequenos, abrangeu também famílias com netos ou sobrinhos pequenos. O quinto estágio de Carter e McGoldrick (o quarto estágio nesta pesquisa) foi renomeado para “ninho vazio” para atender as famílias que não possuem filhos. O primeiro, terceiro e o quinto estágios

utilizados, correspondentes ao segundo, quarto e sexto de Carter e McGoldrick, respectivamente, seguiram características semelhantes aos apresentados pelas autoras.

Quadro 28 – Estágios do ciclo de vida familiar utilizados na pesquisa

Estágio do ciclo de vida familiar		Início	Término
1	Famílias recém-formadas (novo casal)	Formação do casal (sem filhos)	Nascimento do filho mais velho, início da coabitação com netos/sobrinhos até 12 anos ou cônjuge mais velho com 45 anos.
2	Famílias com filhos pequenos	Nascimento do filho mais velho ou início da coabitação com netos/sobrinhos de até 12 anos.	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 13 anos.
3	Famílias com adolescentes	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 13 anos.	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 20 anos, saída do primeiro filho ou neto/sobrinho coabitante ou aposentadoria/pensão de um dos cônjuges ou do único. Se não houver filhos ou netos/sobrinhos coabitantes, cônjuge mais velho ou único com 45 anos.
4	Ninho vazio	20 anos do filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo ou saída do primeiro filho ou neto/sobrinho coabitante. Se não houver filhos ou netos/sobrinhos coabitantes, cônjuge mais velho com 45 anos.	Aposentadoria/pensão ou idade de 65 anos ou mais de um dos cônjuges ou único.
5	Famílias no estágio tardio (ou, simplesmente, estágio tardio)	Aposentadoria/pensão ou idade de 65 anos ou mais de um dos cônjuges ou único (desde que não haja presença de filhos pequenos).	Morte de ambos os cônjuges ou do único (desde que tenha formado família anteriormente).

Fonte: Adaptado de Carter e McGoldrick (1995) e Duvall (1957, apud RELVAS, 2000).

Dentro dos estágios do ciclo de vida familiar, diferentes arranjos familiares poderiam surgir durante a pesquisa, alguns dos quais classificados previamente dentro dos estágios de ciclo de vida (Quadro 29). Em consonância com o conceito de família que fez com que o primeiro estágio de Carter e McGoldrick fosse excluído, também foram eliminados da pesquisa os domicílios em que haviam apenas irmãos ou outros parentes por consanguinidade morando juntos, embora aparentemente contemplem o conceito de família. Isto porque grande parte dos bens consumidos pelos indivíduos de tais residências são independentes entre si e o centro de decisão de gastos é descentralizado como se fossem duas famílias unipessoais no mesmo domicílio, o que acaba por não coincidir com o conceito utilizado. Também foram eliminados os arranjos familiares que incluem o jovem adulto solteiro; o(a) divorciado(a) sozinho(a); o(a) idoso(a) sozinho(a) que não formou família anteriormente; indivíduos morando juntos sem vínculo de afinidade, adoção ou consanguinidade (ex.: república); irmãos ou outros parentes por consanguinidade morando juntos sem filhos.

Quadro 29 – Classificação dos possíveis arranjos familiares nos estágios de ciclo de vida

Estágio do ciclo de vida familiar		Arranjos familiares
1	Famílias recém-formadas	Casal recente heterossexual; casal recente homossexual, se for declarado.
2	Famílias com filhos pequenos	Família nuclear heterossexual; família nuclear homossexual, se for declarada; família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; família estendida; famílias reconstituídas com filhos de outros casamentos.
3	Famílias com adolescentes	Família nuclear; família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; família estendida; famílias reconstituídas com filhos de outros casamentos.
4	Ninho vazio	Família nuclear heterossexual; família nuclear homossexual, se for declarada; casal de meia-idade que teve ou não filho(s); família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; viúvo(a) sozinho(a) que já formou família anteriormente; família estendida; famílias reconstituídas com filhos de outros casamentos.
5	Famílias no estágio tardio	Casal idoso; idoso(a) coabitando com filhos adultos solteiros ou oriundos do divórcio ou da viuvez; idoso(a) sozinho(a) que formou família anteriormente.

Fonte: Adaptado de Carter e McGoldrick (1995).

Os níveis de renda utilizados neste trabalho foram baseados em uma adaptação das classes econômicas adotadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 2007, que conta com classes A, B, C, D e E, cujos parâmetros estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2 – Níveis de renda utilizados na pesquisa

Classe IBGE código	Classe IBGE Nome	Limite inferior 2007 (R\$) ^a	Limite superior 2007 (R\$) ^a	Qtde. SM ^b	Classe utilizada	Qtde. SM	Limite inferior 2010 (R\$) ^c	Limite superior 2010 (R\$) ^c
A/B	Alta	4.591,01	–	> 12	A	>12	6.120,01	–
C	Média	1.064,01	4.591,00	3-12	B	3-12	1.530,01	6.120,00
D	Média baixa	768,01	1.064,00	2-3	C	0-3	–	1.530,00
E	Baixa	–	768,00	0-2				

^a Fonte: PNAD/IBGE (2007b).

^b Quantidade aproximada de salários mínimos → (a) limite inferior / 372,5. O salário mínimo médio de 2007 foi de R\$ 372,50.

^c Valores estimados para 2010 → (b) x 510,00. Intervalos utilizados na pesquisa.

Realizando o cruzamento dos níveis de renda e dos estágios do ciclo de vida familiar, os quinze substratos resultantes foram formados conforme o disposto no Quadro 30.

Quadro 30 – Subestratos da pesquisa

	Nível de Renda C	Nível de Renda B	Nível de Renda A
Estágio C. Vida 1	C1 → sub-estrato 1	B1 → sub-estrato 2	A1 → sub-estrato 3
Estágio C. Vida 2	C2 → sub-estrato 4	B2 → sub-estrato 5	A2 → sub-estrato 6
Estágio C. Vida 3	C3 → sub-estrato 7	B3 → sub-estrato 8	A3 → sub-estrato 9
Estágio C. Vida 4	C4 → sub-estrato 10	B4 → sub-estrato 11	A4 → sub-estrato 12
Estágio C. Vida 5	C5 → sub-estrato 13	B5 → sub-estrato 14	A5 → sub-estrato 15

Fonte: Autor (2010)

Por exemplo, o subestrato 4 (C2) combina o estágio de ciclo de vida 2 com o nível de renda C, representando as famílias com filhos pequenos de renda baixa.

3.2 Dimensões geográfica e temporal

A pesquisa foi realizada na área urbana do município de Bambuí-MG, de forma a abranger a maior parte da zona urbana, procurando percorrer todas as regiões e bairros.

O delineamento empírico da pesquisa foi *cross-sectional*, o que significa que teve uma dimensão estática não-comparativa, ou seja, realizada em apenas um período, ou seja, o segundo semestre de 2010. A coleta de dados foi realizada nos meses de julho e agosto, tendo como data base o dia 15 de julho de 2010.

3.2.1 Local do estudo

Este estudo foi realizado na zona urbana de Bambuí, que é uma cidade de porte pequeno do Centro-Oeste de Minas Gerais, com uma população de 21.697 pessoas pelo Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2001) e de 21.850 pela Contagem da População de 2007 (IBGE, 2008a). Há, no município, 7007 domicílios particulares permanentes e 7313 famílias residentes, segundo o Censo de 2000. As famílias urbanas foram segmentadas por estágios do ciclo de vida e níveis de renda e divididas por diversas áreas do município. Os domicílios visitados se localizam em torno de três grandes áreas da cidade, definidas no Apêndice B, que representam a maior parte da zona urbana. Sua população urbana é de 17.672 habitantes, enquanto a população rural é de 4.025 habitantes, segundo o mesmo Censo. Seu entorno, a microrregião de Piumhi², caracteriza-se por cidades também pequenas, cuja população varia de cerca de 1.500 a 22.000 habitantes (Apêndice C e Anexo F).

O município possuía em 2000 um Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes de aproximadamente 82 milhões de reais (FJP/CEI, 2001). Era responsável pelo terceiro menor índice de PIB *per capita* de R\$ 3.674,85 da microrregião, embora fosse o segundo município com maior população e PIB. Possuía uma renda média

² A microrregião de Piumhi, dentro da macrorregião do Centro-Oeste de Minas, é compreendida pelos municípios de Bambuí, Córrego Danta, Doresópolis, Iguatama, Medeiros, Piumhi, São Roque de Minas, Tapiraí e Vargem Bonita.

mensal *per capita* de R\$ 313,74, uma renda familiar média mensal de R\$ 930,83 e uma média de aproximadamente 2,97 pessoas por família residente (Apêndice C).

O município de Bambuí-MG não reflete a divisão brasileira do PIB entre os setores da economia. No Brasil, em 2007, a agropecuária foi responsável por apenas 5,5% do PIB brasileiro, enquanto a indústria respondeu por 28,7% e os serviços por 65,8%. Em Bambuí, excetuando os impostos sobre produtos líquidos de subsídios, 36,51% se deveram à agropecuária, 9,99% à indústria e 53,5% aos serviços, demonstrando a forte vocação agrícola da região (IBGE, 2008b).

3.3 Tipo de pesquisa, população e amostra

O presente trabalho se trata de uma **pesquisa descritiva e explicativa**. Segundo Marconi; Lakatos (2005, p. 189), a pesquisa descritiva trata-se de uma “exata descrição de certas características quantitativas da população como um todo, organizações ou outras coletividades específicas”. A pesquisa explicativa, por sua vez, busca identificar e explicar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos (GIL, 1999).

3.3.1 População e amostra

A população do presente estudo foram famílias urbanas do município de Bambuí. O número de famílias urbanas foi obtido pela proporção estimada da população urbana em relação à população total do Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2001).

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) de 2006 (IBGE, 2007a), o número de pessoas por domicílio em Minas Gerais na área urbana é de 3,4, enquanto na área rural é de 3,6, o que poderia fazer com que um número maior de membros por família na zona rural incorresse em uma diminuição no número proporcional de famílias em relação à urbana. Contudo, como a população urbana é predominante, a média geral se manteve em torno de 3,4 habitantes por domicílio. Cerca de 81,45% da população de Bambuí era urbana, enquanto em Minas Gerais este

percentual era de 82%³ –, podendo-se admitir a existência de uma relação equivalente entre a população urbana e os domicílios urbanos diante dos respectivos parâmetros totais.

Sendo assim, as 7313 famílias residentes em Bambuí poderiam ser divididas, na mesma proporção, em ≈ 5.957 famílias urbanas e ≈ 1.356 famílias rurais. A população utilizada neste trabalho foi, portanto, de 5.957 famílias urbanas.

A amostra foi calculada de acordo com Stevenson (1981), da seguinte maneira, para um nível de significância de 95% e um erro de 5%:

$$n = (Z^2) \cdot (x / n) \cdot [1 - (x / n)] \cdot (N) / (N - 1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot (x / n) \cdot [1 - (x / n)]$$

Ou, de forma simplificada:

$$n = [Z^2 \cdot P \cdot Q \cdot N] / [(N-1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot P \cdot Q]$$

Onde:

n é o tamanho da amostra.

Z² representa o nível de significância para 95% na distribuição normal e **e** o erro de 5%.

P (ou x / n) e **Q** (ou $1 - x / n$) são as proporções de casos favoráveis e não favoráveis. Determinar 50% para ambos significa tornar o processo de amostragem mais estatisticamente confiável, pois resulta em um maior erro e a necessidade de uma amostra maior.

N é o tamanho da população.

$$n = [1,96 \times 0,5 \times 0,5 \times 5957] / [(5957 - 1) \times 0,05^2 + 1,96 \times 0,5 \times 0,5]$$

$$n = [2918,93] / [(5956) \times 0,0025 + 0,49]$$

$$n = [2948,715] / [7,2961]$$

$$n = 189,79 \approx 190.$$

Assim, uma amostra representativa seria de 190 famílias.

³ A população urbana de Bambuí-MG é de 17.672 habitantes, o que representa 81,45% da população total, de 21.697 habitantes. Em Minas Gerais, a população urbana é de 14.671.828, correspondentes a 82% da população total, que é de 17.891.494, conforme o Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2001).

A amostra foi classificada dentro dos 15 substratos, conforme detalhado no item 3.1 dos Procedimentos Metodológicos. Porém, por carência de informações que permitiriam o conhecimento da distribuição da população, conforme os estágios do ciclo de vida familiar e os níveis de renda, possibilitando a amostragem estratificada, a amostra foi extraída por um processo aleatório simples e estabelecida por meio de um sorteio entre os domicílios das três regiões especificadas.

Caso os domicílios sorteados não contemplassem o conceito de família ou se tratassem de estabelecimentos comerciais, lotes vagos ou casas abandonadas, a substituição do domicílio se daria da seguinte forma: a) o primeiro domicílio da direita, do mesmo lado; b) o segundo domicílio da esquerda, do mesmo lado; c) o domicílio da frente; d) o segundo domicílio da direita, do mesmo lado; e) o segundo domicílio da esquerda, do mesmo lado; f) o primeiro domicílio do lado direito do domicílio da frente; g) o primeiro domicílio do lado esquerdo do domicílio da frente; e assim por diante.

Portanto, a unidade amostral constituiu-se de domicílios com famílias de níveis diferentes de renda e distintos estágios do ciclo de vida familiar no perímetro urbano do município de Bambuí-MG.

As informações foram obtidas por meio de entrevista, preferencialmente com a pessoa de referência de família, conforme disponibilidade do mesmo nas visitas domiciliares. Segundo o IBGE (1997), a pessoa de referência da família é “a pessoa responsável pelas despesas com habitação (...) ou aquela indicada pelos membros da família”. No caso desta pesquisa, considerou-se a pessoa de referência como aquele membro responsável pela maior parte dos gastos da família, desde que fosse um dos cônjuges, sendo a unidade de análise do trabalho.

Para fins de estudo da composição familiar, os moradores dos domicílios foram classificados com base na adaptação da metodologia da POF de 1995/1996 do IBGE (1997), em que constam: a) **pessoa de referência**; b) **cônjuge** (“membro que vive conjugalmente com a pessoa de referência, existindo ou não vínculo matrimonial”); c) **filho** (“membro que é filho legítimo, adotivo ou de criação da pessoa de referência e/ou de seu cônjuge”), incluindo o enteado que não é filho de nenhum dos cônjuges e o neto ou sobrinho coabitante; d) **outro parente** (“membro que tem qualquer grau de parentesco, por consanguinidade ou afinidade com a pessoa de referência ou com o seu cônjuge, exclusive os relacionados anteriormente”); e e) **outros membros**, como o **agregado** (“membro que não é parente da pessoa de referência ou do seu cônjuge, não paga moradia nem alimentação e não presta serviços domésticos remunerados a

membros da família”), **convivente** (“membro que não é parente da pessoa de referência ou de seu cônjuge e que mora no domicílio com seus parentes ou pessoas sob dependência doméstica (...), mediante pagamento ou partilhando despesas”), **empregado doméstico** (“membro que não é parente da pessoa de referência ou de seu cônjuge e que presta serviços domésticos remunerados em dinheiro a membro da família”) e **parente de empregado doméstico** (“membro que é parente do empregado doméstico e não presta serviços remunerados a membro da família”).

O termo cônjuge foi adotado tanto para identificar os dois chefes de família que vivem maritalmente como para designar o único chefe de família que não possuía um companheiro em casa no momento da coleta de dados. O termo filho foi utilizado para identificar tanto filhos de fato, como netos e sobrinhos coabitantes com os avós e tios, uma vez que netos, filhos ou sobrinhos respondem de igual maneira no consumo familiar.

3.4 Variáveis envolvidas no estudo

O perfil socioeconômico das famílias considerou as seguintes variáveis:

- a) Idade dos membros da família: em anos.
- b) Sexo dos membros da família: masculino/feminino.
- c) Renda familiar: em R\$ (ou salários mínimos, se for o caso).
- d) Estado civil da pessoa de referência: solteiro, casado, separado/divorciado, viúvo ou união estável.
- e) Atividade ou inatividade dos cônjuges: ocupado, aposentado (idade ou tempo de serviço, invalidez) e/ou pensionista.
- f) Escolaridade da pessoa de referência: não cursou escola, ensino fundamental completo ou incompleto, ensino médio completo ou incompleto, ensino superior completo ou incompleto, pós-graduação *lato sensu* completa ou incompleta, mestrado completo ou incompleto, doutorado completo ou incompleto, pós-doutorado completo ou incompleto.

A identificação do estágio do ciclo de vida em que as famílias se encontram dependeu das variáveis descritas abaixo:

- a) Idade dos cônjuges: em anos.
- b) Idade dos filhos, netos ou sobrinhos coabitantes: em anos.
- c) Idade de outros membros da família: em anos.

- d) Laço de parentesco dos membros: cônjuge, filho, sobrinho, neto etc.
- e) Saída do filho de casa: sim, não.
- f) Dependência financeira de filho fora de casa: sim, não, parcialmente.
- g) Estado civil da pessoa de referência: solteiro, casado, separado/divorciado, viúvo ou união estável.
- h) Atividade ou inatividade dos cônjuges: ocupado, aposentado (idade ou tempo de serviço, invalidez) e/ou pensionista.

A caracterização do padrão de consumo das famílias em função do estágio do ciclo de vida e do nível de renda considerou as seguintes variáveis:

- a) Estágio do ciclo de vida familiar: um dos cinco estágios descritos no item 3.1.
- b) Nível de renda: um dos três níveis de renda bruta descritos no item 3.1.
- c) Combinação do estágio do ciclo de vida familiar com o nível de renda.
- d) Renda líquida familiar⁴: em R\$.
- e) Consumo dos itens da despesa familiar (alimentação, habitação, vestuário, transporte, higiene e cuidados pessoais, saúde, educação, recreação e cultura, fumo, serviços pessoais, entre outros): em percentual da renda líquida.

A análise combinada do padrão do consumo familiar em função da renda e do ciclo de vida familiar levou em conta, nas indagações durante as entrevistas, além das variáveis anteriores, algumas variáveis contingenciais que influenciaram ou poderiam ter influenciado/alterado o consumo tido como normal ou típico de um estágio de ciclo de vida em determinado nível de renda, tais como:

- a) Gastos com doenças.
- c) Gastos com os filhos em idade escolar, estudando fora ou não, em escolas particulares ou públicas, e, no caso de escolas particulares, se recebem ou não bolsas de estudos.
- d) Questões contingenciais gerais, como separações/divórcios recentes, catástrofes, mudanças, desemprego, vícios etc.

⁴ Considerou-se por renda líquida familiar a soma dos rendimentos dos membros da família, descontados os encargos trabalhistas e os impostos, como a contribuição para o INSS e o Imposto de Renda Retido na Fonte.

3.5 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de visitas a domicílios da zona urbana, durante os meses de julho e agosto de 2010, com data base em 15 de julho. As entrevistas domiciliares foram realizadas por meio de questionários com questões fechadas e abertas. Foram elaboradas perguntas que apontaram: (a) o perfil socioeconômico da família; (b) o tamanho e a composição familiar; e (c) os tipos de despesas familiares (percentual sobre a renda líquida).

A estrutura de consumo familiar foi adaptada da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE de 2002/2003 e teve os seguintes componentes, como especificados no Quadro 31, cujos percentuais foram definidos pela proporção de cada item de despesa sobre a renda total líquida das famílias.

Quadro 31 – Componentes da estrutura de consumo familiar

Item	Observações
Alimentação	Dentro ou fora do domicílio
Habitação	Aluguel, limpeza, manutenção, serviços e taxas, eletrodomésticos, IPTU, outras despesas (móveis etc.).
Vestuário	Roupas, calçados, jóias, acessórios etc.
Transporte	Coletivo, combustível, aquisição de veículos, seguro, manutenção, impostos, outros etc.
Higiene e cuidados pessoais	Artigos de higiene e beleza
Assistência à saúde	Remédios, planos de saúde, consultas e exames etc.
Educação	Educação regular, outros tipos de atividades de aprendizado
Recreação e cultura	Brinquedos, jogos, CD, DVD, clube, cinema, teatro, eventos etc.
Fumo	Despesas destinadas ao fumo
Serviços pessoais	Cabeleireiro, manicure, barbeiro, sapateiro etc.
Despesas diversas	Festas familiares, religiões, profissionais (advogados, dentistas etc.), funerária, presentes, jogos e apostas, viagens e mudanças, animais e plantas etc.
Outras despesas	Contribuições trabalhistas, empregados domésticos, pensões, mesadas, pagamento de prestações, seguro de vida, previdência privada, serviços financeiros, outras despesas etc.
Diferença renda-consumo	Diferença positiva ou negativa entre a renda líquida e o total de despesas mencionado
Poupança	Total destinado à poupança (média mensal)

Fonte: Adaptado da POF 2002/2003 (IBGE, 2003).

3.6 Tratamento e análise dos dados

Após codificadas no *software* de planilha eletrônica Microsoft Office Excel 2003®, as questões respondidas nos questionários aplicados às famílias com relação ao padrão de consumo familiar foram analisadas por meio do *software Statistical Package*

for Social Sciences (SPSS®) e do próprio Excel, mediante estatística descritiva. A baixa frequência de alguns subestratos e a existência de percentuais negativos em um dos itens analisados dificultaram a utilização de estatísticas não-paramétricas (teste qui-quadrado e outros).

Foi estabelecido um perfil socioeconômico e demográfico das famílias, que foram caracterizadas por vários fatores, inclusive pelos níveis de renda e pelos estágios do ciclo de vida familiar. Em seguida, foi analisado o padrão de consumo das famílias urbanas bambuienses em função dos níveis de renda, dos estágios do ciclo de vida familiar e dos subestratos formados pela combinação das duas variáveis.

Estatisticamente, a intenção, descrita nos procedimentos metodológicos, era realizar um teste qui-quadrado para testar a dependência entre as variáveis que foram utilizadas na combinação dos subestratos, mas a restrição causada pela baixa frequência nas famílias recém-formadas e nos estágios de renda alta (menor que 5 em alguns casos) impediu a sua realização. Como o objetivo era estudar o comportamento do consumo em estágios específicos do ciclo de vida familiar, combinados com os níveis de renda, não foi possível agrupar categorias, a fim de que se pudesse obter frequências maiores, dando margem à realização do teste de verificação de interdependência. Para realizar o Teste Exato de Fisher, possível substituto do teste qui-quadrado para frequências abaixo de 5, era preciso que a amostra fosse menor ou igual a 40, o que não era o caso. Outros impasses surgiram na distribuição das frequências, que não se comportaram como a distribuição normal, e nos percentuais negativos apresentados no item diferença entre renda e consumo, o que dificultou a aplicação de outros testes estatísticos que não possuem o exponencial quadrado, que elimina valores negativos. Por se tratar de um estudo que não encontrou pares precedentes, a falta de parâmetros anteriores também dificultou comparações.

Por estas razões, optou-se pela realização de um estudo mais descritivo do que explicativo, embora se tenha procurado examinar as causas das diferenças e semelhanças dos níveis de consumo por meio dos dados quantitativos disponíveis e das informações específicas relatadas pelos entrevistados, o que contribuiu para o estabelecimento de um padrão de consumo para as famílias urbanas bambuienses, em consonância com os objetivos do presente trabalho.

4 RESULTADOS

Foi possível, por meio das informações coletadas, identificar diferenças e semelhanças no padrão de consumo familiar em função dos níveis de renda, dos estágios do ciclo de vida familiar e dos substratos deles advindos, além de estabelecer um perfil socioeconômico das famílias pesquisadas.

4.1 Perfil socioeconômico e demográfico das famílias

Neste item, procurou-se traçar um perfil socioeconômico e demográfico das famílias como um todo, não levando em consideração, ainda, os estágios do ciclo de vida familiar e a sua combinação com os níveis de renda.

4.1.1 A pessoa de referência e o outro cônjuge

Foram entrevistadas 190 famílias na área urbana de Bambuí-MG, com uma pessoa de referência e outros membros familiares. Foi considerada como referência a pessoa responsável por arcar com a maior parte dos gastos da família, desde que fosse um dos cônjuges (ou o único chefe da família). Quando ambos eram igualmente responsáveis (mesma renda bruta), considerou-se o indicado pelos membros da família.

Do total das famílias, 122 (64,2%) tinham como pessoa de referência homens e 68 (35,8%) mulheres (Tabela 3)⁵. Destas, 73,5% eram pessoas de referência por serem responsáveis por famílias monoparentais ou unipessoais que já formaram famílias anteriormente. Os outros 26,5% compreenderam os casos em que as esposas ganhavam realmente mais do que o marido ou o mesmo que o marido e responderam o

questionário, auto-indicando-se como pessoa de referência. De fato, foram poucos os casos em que a mulher ganhava mais do que o homem. Entretanto, não foi possível indicar o dado com exatidão porque a maior parte dos respondentes indicava a renda familiar como um todo ou porque ambos os cônjuges tinham a mesma fonte de renda, como um estabelecimento comercial, por exemplo.

Tabela 3 – Informações acerca da pessoa de referência e do segundo cônjuge das famílias – Bambuí-MG, 2010

Informação	Pessoa de referência		Segundo cônjuge	
	Quant.	%	Quant.	%
Total	190	100,0	132	100,0
Homens	122	64,2	114	13,6
Mulheres	68	35,8	18	86,4
Não aposentados	106	55,8	109	80,1
Idade média (anos)	55,3	-	49,3	-

Fonte: Dados da pesquisa.

A idade média da pessoa de referência (cônjuge 1 ou único chefe da família) era de 55,3 anos, com um desvio padrão de 14,5 anos. Quanto à atividade da pessoa de referência, 106 (55,8%) não eram aposentados, 58 (30,5%) eram aposentados por idade ou tempo de serviço, 13 (6,8%) são aposentados por invalidez e também 13 (6,8%) são pensionistas por morte. Esta informação foi utilizada para classificar as famílias conforme os estágios do ciclo de vida familiar. Como a aposentadoria (ou pensão por morte, sendo o(a) viúvo(a) inativo(a) ou idoso(a)) foi um dos fatores utilizados para classificar a família no estágio tardio, mais de 40% das pessoas de referência inativas (ou ativas com pensão por morte) já evidencia uma população nos estágios finais do ciclo de vida.

Das 190 famílias entrevistadas, 132 (69,5%) possuíam cônjuges. Destas, 114 (86,4%) possuíam mulheres como o segundo cônjuge⁶ e 18 (13,6%) são homens, pelos mesmos motivos expostos anteriormente. É importante ressaltar que não foram observados casais homossexuais declarados entre os entrevistados.

A idade média do segundo cônjuge era de 49,3 anos, com um desvio padrão de 12,7 anos. Quanto à ocupação, 109 (80,1%) não eram aposentados (ativos e/ou pensionistas por morte) e apenas 16 (11,8%) eram aposentados por idade ou tempo de

⁵ No Brasil, em 2001, as mulheres como pessoas de referência, representavam 27,3% do total (IBGE, 2003).

⁶ Considerou-se como “segundo cônjuge” aquele que não foi a pessoa de referência, considerando que utilizar apenas o termo “cônjuge” poderia gerar confusão, já que a pessoa de referência também é cônjuge do “segundo cônjuge”.

serviço, apenas 10 (7,4%) eram aposentados por invalidez, possuindo, muitas vezes, dupla contagem entre aposentadoria e segunda fonte de renda ou aposentadoria e pensão por morte, o que impede a soma das proporções de 100% neste caso, sendo explorados os dados mais relevantes. Como o segundo cônjuge era, em geral, mais novo e do sexo feminino, ainda não havia se aposentado ou não trabalhava e/ou vivia da pensão por morte do marido.

Quanto à escolaridade das pessoas de referência, foi verificado que metade dos indivíduos nesta condição, 95 (50%), possuíam ensino fundamental incompleto, ou seja, cursaram alguns anos e pararam. Parte deste percentual pode ser explicada pela idade das pessoas de referência, pois 75,8% dos que possuíam ensino fundamental incompleto tinham entre 40 e 80 anos, enquanto a maior parte dos que possuíam ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo, por exemplo, tinham entre 30 e 60 anos (Tabela 4).

Tabela 4 – Escolaridade da pessoa de referência – Bambuí-MG, 2010

Escolaridade		
Grau de Escolaridade	Quant.	%
Não cursou escola	8	4,2
Fundamental incompleto	95	50,0
Ensino Fundamental	28	14,7
Ensino Médio	33	17,4
Ensino Superior	20	10,5
Pós-Graduação lato sensu	4	2,1
Mestrado	2	1,1
Total	190	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível perceber que as pessoas de referência da maioria das famílias possuíam ensino fundamental completo ou incompleto, ensino médio completo e ensino superior completo. A inexistência de pessoas de referência com curso superior incompleto pode indicar que, uma vez formada a família, não procuraram aumentar sua escolaridade ou que completaram o curso antes de formarem a família.

O grau de escolaridade das pessoas de referência das famílias bambuienses urbanas era baixo, pois apenas 6 (3,2%) indivíduos possuíam ensino de pós-graduação (*lato sensu* ou *stricto sensu*) e apenas 26 (13,7%) possuíam ensino superior,

considerando os 20 (10,5%) que possuíam apenas curso superior e outros 6 que possuíam ensino de pós-graduação. Entretanto, 61 (32,1%) indivíduos possuíam o ensino médio ou o fundamental, enquanto 103 (54,2%) não possuíam títulos nos moldes do ensino atual.

Na Figura 5, encontram-se os percentuais relativos ao estado civil das pessoas de referência, o que possui relação óbvia com o cônjuge atual ou com o ex-cônjuge. Das pessoas de referências entrevistadas, 119 (62,63%) eram casadas (ou recasadas) de forma civil e 14 (7,37%) por meio de união estável; 18 (9,47%) eram divorciadas ou separadas judicialmente, 33 (17,37%) eram viúvas e 6 (3,16%) eram solteiras.

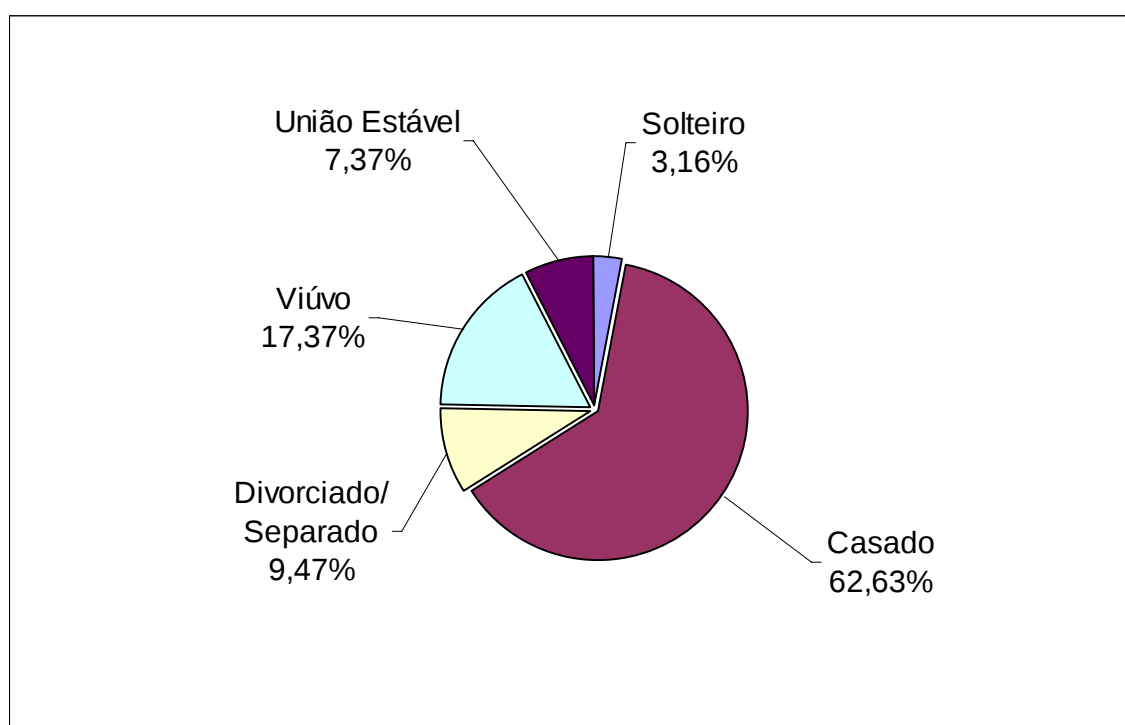


Figura 5 – Estado civil da pessoa de referência das famílias – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns dos casados possuíam filhos de casamentos anteriores morando consigo ou enteados de casamentos anteriores do cônjuge, não representando maioria significativa. Entretanto, todos os indivíduos divorciados/separados (todas mulheres) possuíam filhos e a maioria recebia pensões dos ex-maridos. Dos 33 indivíduos viúvos, apenas 5 (15,2%) eram homens, sendo 28 (84,8%) mulheres, o que revela que os homens, em geral, morrem mais cedo do que as mulheres, por terem uma menor expectativa de vida. Dos 6 indivíduos solteiros, havia apenas 1 (16,7%) pai solteiro, enquanto 5 (83,3%) eram mães solteiras.

4.1.2 Filhos, outros parentes e conviventes

Das 190 famílias entrevistadas, 142 (74,7%) possuíam filhos em casa e 148 (77,9%) possuíam, além dos filhos, netos ou sobrinhos em casa. Destas últimas, 89,1% destes membros eram filhos e 10,9% são netos ou sobrinhos, o que demonstra relativamente pouca coabitação das pessoas de referência com os netos ou sobrinhos, cuja maioria estaria realmente coabitando com seus pais em outro domicílio que não o domicílio dos seus avós ou tios. Considerou-se os netos e sobrinhos que moravam com avós e tios também como “filhos”, pois representam, sem dúvida, motivos de despesas tanto quanto os filhos propriamente ditos. As famílias possuíam, no máximo, na ocasião da coleta de dados, 6 filhos em casa (Tabela 5).

Tabela 5 – Famílias com ou sem filhos morando com os pais – Bambuí-MG, 2010

Categorias de famílias Com ou sem filhos	Quantidade de famílias com filhos	Quantidade acumulada	% em relação ao total de famílias entrevistadas	% em relação ao total de famílias com filhos
Famílias sem filhos	42	42	22,1%	-
Famílias com 1 filho	70	148	36,8%	47,3%
Famílias com 2 filhos	56	78	29,5%	37,8%
Famílias com 3 filhos	14	22	7,4%	9,5%
Famílias com 4 filhos	7	8	3,7%	4,7%
Famílias com 5 filhos	0	1	0,0%	0,0%
Famílias com 6 filhos	1	1	0,5%	0,7%
Total com filhos	148	-	-	100%
Total geral	190	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa.

A maior parte das famílias entrevistadas (66,3%) tinha entre 1 filho (36,8%) e 2 filhos (29,5%) morando com os pais, o que revelou uma média de 1,4 filhos por família em casa, sendo pouco menor do que a quantidade de 1,5 filhos por família nos domicílios particulares brasileiros em 2001 (IBGE, 2003). Isto leva a crer que não só as famílias estão tendo menos filhos, mas também que, quando os filhos mais velhos saíram de casa, deixaram, em média, 1,4 irmãos para trás (Tabela 5).

A idade média do primeiro filho que residia no domicílio na ocasião da coleta era de 25,3 anos, o que poderia trazer a ideia de que o primeiro filho sai de casa, em média, com mais de 25 anos, mas, em verdade, outros fatores contribuíram para esta média, como os filhos que não se casaram ou os filhos que voltaram para a casa dos pais após a separação, o divórcio ou a viuvez. O mesmo ocorreu com os demais, porém, a incidência deste último fator parece menos preponderante à medida que a família possui mais filhos, porque nem todos os filhos mais velhos permanecem morando com os pais.

As idades médias dos segundos e terceiros filhos, adolescentes, eram, respectivamente, de 16,9 e de 13,3 anos, ao passo que a tenra idade média dos quartos, do quinto e do sexto filhos (7,6; 4,0; e 2,0, respectivamente) pode ser explicada pelo fato de terem sido, em sua maioria, netos.

De todos os filhos que residem na casa das famílias entrevistadas, 142 (55%) eram mulheres e 116 (45%) eram homens. Entre os primeiros e segundos filhos, a proporção se manteve aproximadamente: 55,4% e 44,6%, respectivamente, no primeiro caso, e 52,6% e 47,4% no segundo caso, mas não entre os demais. Entre os terceiros filhos, houve 72,7% de mulheres e 27,3% de homens e, entre os quartos filhos, houve uma inversão, com 75% de homens e 25% de mulheres. O único quinto filho (neto) era do sexo masculino e o único sexto filho (neto) era do sexo feminino.

Das 190 famílias entrevistadas, apenas 10 (5,3%) possuíam membros além de cônjuges, filhos, netos e sobrinhos, sendo que 1 destas famílias possuía 2 membros e as demais 9 tinham apenas 1 membro. Destes 11 membros, apenas 1 era convivente (não parente que partilha despesas), enquanto 10 eram outros parentes, entre sogros, tios e irmãos em relação à pessoa de referência. Dos 11 membros, 6 (54,5%) eram mulheres e 5 (45,5%) eram homens. A idade média foi de 59,9 anos, o que indica que, possivelmente, eram pessoas idosas que, viúvas ou divorciadas tardiamente, foram morar com os filhos.

4.1.3 Arranjos familiares

Embora a descrição dos arranjos familiares não faça parte dos objetivos deste trabalho e não esteja contemplada nos procedimentos metodológicos, conhecê-los ajudou a compreender os estágios utilizados na pesquisa. Foram considerados os arranjos encontrados no momento da pesquisa, ignorando, para fins de classificação, os filhos que já saíram de casa ou os cônjuges que já faleceram, por exemplo.

Em Bambuí, a família nuclear composta foi maioria, com 77 (40,5%). Em seguida, a família monoparental, com 42 (22,1%), e a família nuclear simples, com 39 (20,5%) casos. Finalmente, a família estendida, com 30 (15,8%) e 2 famílias unipessoais (1,05%) (Figura 6).

A família nuclear, com ou sem filhos morando com os pais, compreendeu 61% das famílias entrevistadas (Figura 6). A família estendida, com 15,9%, abrangeu tanto as famílias nucleares simples e compostas estendidas quanto a família monoparental

estendida, com netos, sobrinhos, sogros, tios, irmãos e outros parentes e conviventes. A exceção foi a família unipessoal (com idoso ou indivíduo de meia-idade que já formaram família anteriormente), que abrangeu, nesta pesquisa, tanto o indivíduo sozinho quanto acompanhado de outros parentes ou conviventes.

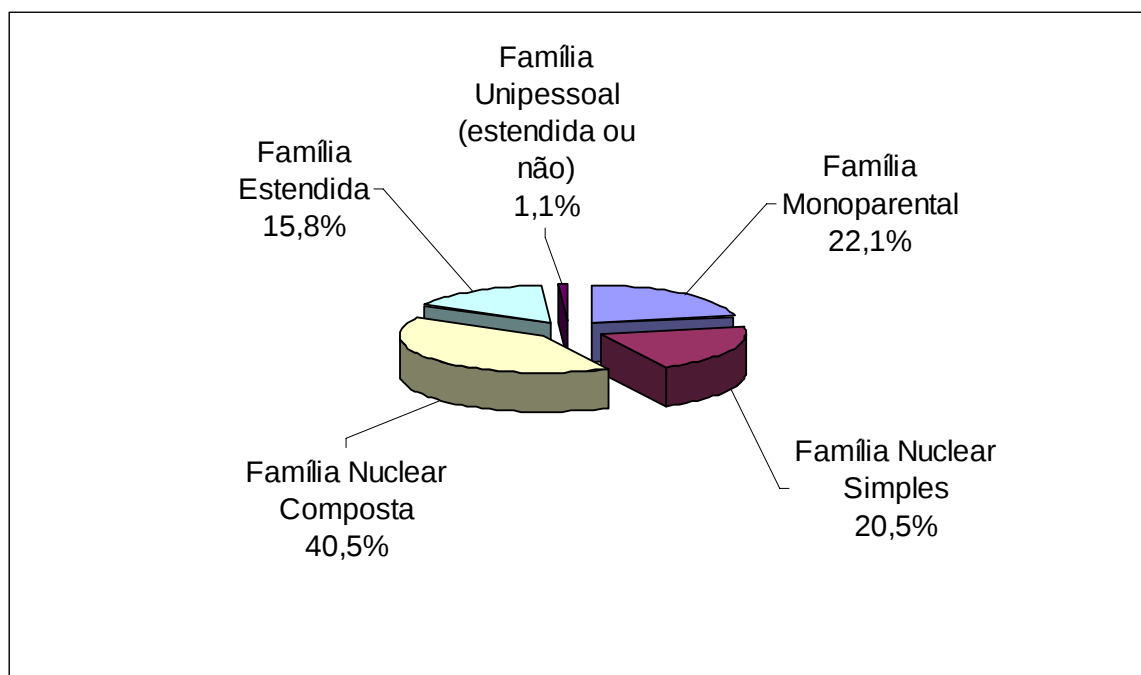


Figura 6 – Distribuição dos arranjos familiares – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as famílias estendidas, 73,3% possuíam netos ou sobrinhos além de filhos, 70% somente netos ou sobrinhos, 30% possuíam outros membros (conviventes ou outros parentes) e 26,7% possuíam somente outros membros. Houve apenas um caso em que havia um neto e outro parente. Houve apenas 2 famílias unipessoais, com idosos que já formaram famílias anteriormente, um idoso sozinho e um idoso acompanhado de um irmão.

Analisando comparativamente os dados da presente pesquisa com os dados do Brasil de 2007 (Apêndice D), levando em conta as diferenças metodológicas, foi possível verificar que, como no Brasil, as famílias nucleares compostas, em Bambuí, também eram maioria. Considerando que os três primeiros arranjos do Apêndice D (nucleares compostas, nucleares simples e monoparentais) abrangeram as famílias estendidas pelo IBGE, percebe-se que as famílias nucleares simples e as famílias monoparentais eram relativamente mais numerosas em Bambuí que no Brasil, enquanto

as famílias nucleares compostas tenderam a possuir percentuais próximos se excluídas as famílias estendidas.

4.1.4 Renda familiar

A coleta de informações sobre a renda familiar foi necessária tanto para estabelecer os substratos em que se encontravam as famílias (renda bruta familiar) quanto para calcular o percentual de consumo familiar (renda líquida familiar). Todas as famílias entrevistadas responderam os dados solicitados acerca da renda familiar.

Como discutido nos procedimentos metodológicos, foram considerados três estratos de renda. No nível de renda baixa (nível de renda C), estavam as famílias que ganhavam até 3 salários mínimos. Entre 3 e 12 salários mínimos, as famílias de renda média (nível de renda B) e, acima de 12 salários mínimos, as famílias de renda alta (nível de renda A). As medidas descritivas estão na Tabela 6.

Tabela 6 – Medidas descritivas da renda familiar – Bambuí-MG, 2010

Medida	Renda bruta familiar (R\$)				Renda líquida familiar (R\$)			
	Total	C	B	A	Total	C	B	A
Média	2337,17	1090,07	2871,08	9409,77	2188,50	1064,50	2710,39	8151,67
Desv.Pad.	2073,05	349,96	1113,36	3034,47	1800,69	338,82	1010,06	2555,96
Máximo	15826,81	1530,00	6092,83	15826,81	12500,00	1530,00	6020,00	12500,00
Mínimo	400,00	400,00	1538,46	6260,00	400,00	400,00	1400,00	5800,00
Mediana	1637,42	1020,00	2591,52	8531,87	1553,00	1020,00	2550,00	7262,37
Moda	1530,00	1530,00	2040,00	não há	1020,00	1020,00	2550,00	não há

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as famílias entrevistadas, a renda bruta familiar média total foi de R\$ 2.337,17, menor do que a renda média do brasileiro de 2008/2009, que foi de R\$ 2.763,47 (IBGE, 2010), tendo como valor máximo a renda de R\$15.826,81, como renda mínima R\$ 400,00 e como valor mais frequente a renda de R\$ 1.530,00. As famílias de renda baixa possuíam média de renda bruta de R\$ 1.090,07, enquanto a renda bruta das famílias de renda média foi de R\$ 2.871,08 e, de renda alta, R\$ 9.409,77. A renda líquida familiar média, por várias pessoas serem aposentadas ou pensionistas (abaixo do limite de isenção), autônomas, não terem carteira assinada ou possuírem outras fontes de renda (como aluguéis e pensões alimentícias), foi, muitas vezes, bem próxima da renda bruta, sendo de R\$ 2.188,50 no total; de R\$ 1.064,50, entre as famílias de renda baixa; de R\$ 2.710,39 entre as famílias de renda média; e de R\$ 8.151,67, entre as famílias de renda alta (Tabela 6).

Das 190 famílias entrevistadas, 9 (4,7%) eram do nível de renda ou da classe considerada A, 91 (47,9%) do nível de renda B e 90 (47,9%) do nível de renda C (Figura 7).

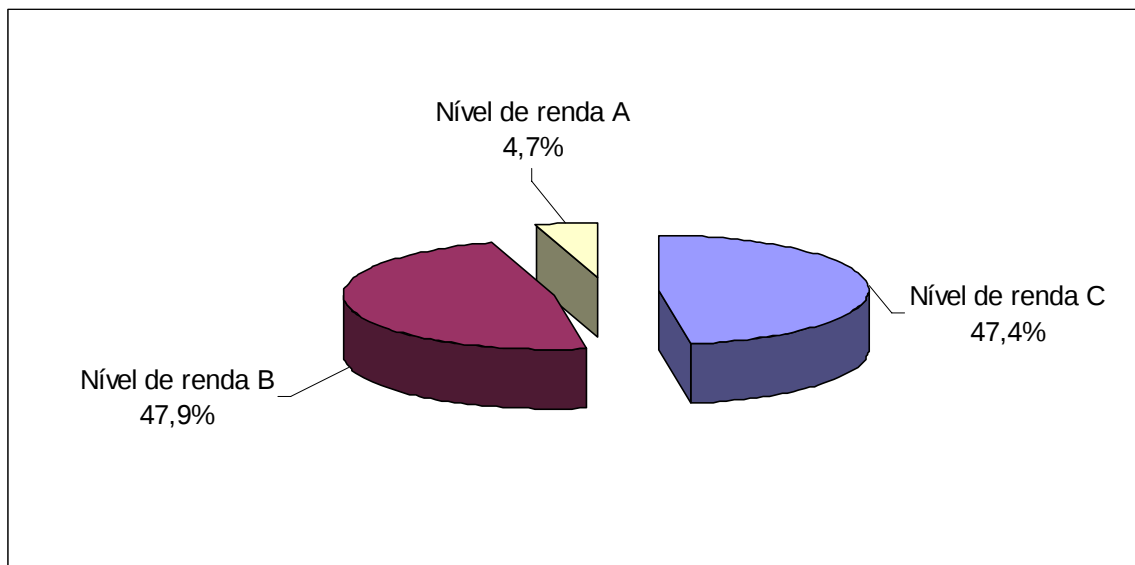


Figura 7 – Frequência das famílias por níveis de renda – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

A proporção de famílias de renda alta em Bambuí pode ser considerada baixa, já que, no Brasil, as famílias cuja renda é maior que 25 salários mínimos respondem por um percentual de apenas 6,98% (IBGE, 2003). Por consequência, os demais níveis de renda estavam bem maiores que os observados no Brasil, mesmo considerando que, no presente trabalho, a estratificação foi mais simplificada.

Foram realizados cruzamentos simples de algumas variáveis com a renda, de forma a tentar encontrar possíveis relações que ajudassem a descrever e explicar a situação das famílias bambuienses urbanas.

Verificou-se uma relação estreita entre a escolaridade da pessoa de referência e os níveis de renda, já que a maioria das pessoas de referência das famílias de nível de renda A possuía escolaridade superior (55,6%) ou de ensino de pós-graduação (33,3%). A maioria das pessoas de referência das famílias de nível de renda B estava no ensino fundamental incompleto (40,7%), no ensino médio (24,2%), no ensino fundamental completo (15,4%) e no ensino superior (14,3%), uma faixa inferior às encontradas nas famílias de nível de renda A. O mesmo ocorreu com as famílias de nível de renda C, em que a maioria das pessoas de referência possuía ensino fundamental incompleto (64,4%), fundamental completo (15,6%) e ensino médio (11,1%), uma faixa de inferior

de escolaridade, comparando com as encontradas nas famílias de nível de renda B (Tabela 7).

Tabela 7 – Escolaridade da pessoa de referência por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010

Escolaridade	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
	Total	Total	C	C	B	B	A	A
Sem Ensino Formal	8	4,2	7	7,8	1	1,1	0	0,0
Ensino Fundamental Incompleto	95	50,0	58	64,4	37	40,7	0	0,0
Ensino Fundamental	28	14,7	14	15,6	14	15,4	0	0,0
Ensino Médio	33	17,4	10	11,1	22	24,2	1	11,1
Ensino Superior	19	10,0	1	1,1	13	14,3	5	55,6
Pós-Graduação lato sensu	4	2,1	0	0,0	3	3,3	1	11,1
Mestrado	3	1,6	0	0,0	1	1,1	2	22,2
Total	190	100,0	90	100,0	91	100,0	9	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

O estado civil das famílias bambuienses parece não possuir relação com a renda, pois os casados – maioria em todos os casos – possuíam percentuais semelhantes nos três níveis de renda. Detalhes observados foram que, somente no nível de renda C, as pessoas de referência eram solteiras e não houve divorciados ou separados entre as pessoas de referência das famílias de nível A, que possuíam um percentual de cônjuges com união estável maior que os demais níveis (Tabela 8).

Tabela 8 – Estado civil da pessoa de referência por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010

Estado civil	Total		Nível C		Nível B		Nível A	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Solteiro	6	3,2	6	6,7	0	0,0	0	0,0
Casado	119	62,6	52	57,8	61	67,0	6	66,7
Divorciado/separado	18	9,5	10	11,1	8	8,8	0	0,0
Viúvo	33	17,4	17	18,9	15	16,5	1	11,1
União Estável	14	7,4	5	5,6	7	7,7	2	22,2
Total	190	100,0	90	100,0	91	100,0	9	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

O sexo da pessoa de referência também pouco teve a ver com os níveis de renda das famílias entrevistadas. Entretanto, no estrato A de renda, pode-se destacar que, em 6 (66,7%) famílias, a pessoa de referência era do sexo masculino e, em 3 (33,3%), era do sexo feminino. No nível de renda B, 65 (71,4%) famílias possuíam homens como pessoa de referência. No nível de renda C, 39 (43,3%) famílias possuíam mulheres

como pessoa de referência, o que pode ser explicado pelo maior número de famílias monoparentais chefiadas por mulheres (Figura 8).

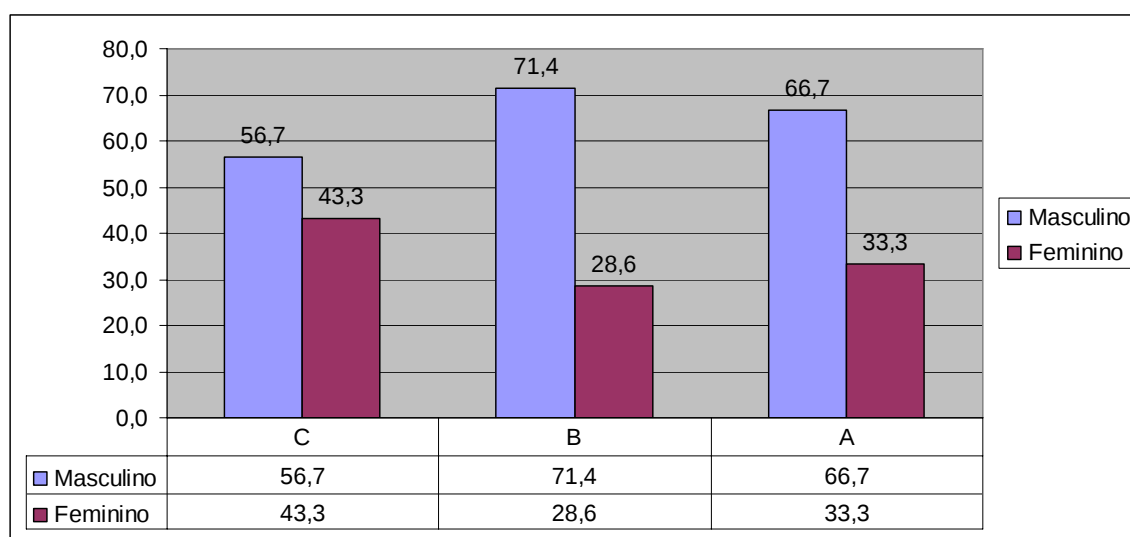


Figura 8 – Sexo da pessoa de referência em três níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

Os arranjos familiares trazem informações interessantes quando cruzadas com os níveis de renda. No nível C, houve uma distribuição relativamente equilibrada entre os arranjos familiares, com 27 (30%) famílias nucleares compostas, 26 (28,9%) famílias monoparentais e 21 (23,3%) famílias nucleares simples. Nos níveis de renda A e B, a maioria das famílias era nuclear composta (Tabela 9).

Tabela 9 – Arranjos familiares por níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010

Arranjo familiar	Total		Nível C		Nível B		Nível A	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Família monoparental	42	22,1	26	28,9	15	16,5	1	11,1
Família nuclear simples	39	20,5	21	23,3	18	19,8	0	0,0
Família nuclear composta	77	40,5	27	30,0	43	47,3	7	77,8
Família estendida	30	15,8	14	15,6	15	16,5	1	11,1
Família unipessoal	2	1,1	2	2,2	0	0,0	0	0,0
Total	190	100,0	90	100,0	91	100,0	9	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

A família monoparental foi mais verificada nas famílias de nível de renda C, onde a instabilidade financeira pode causar separações/divórcios e a falta de cuidados com a saúde ou o tipo de atividade profissional exercida podem gerar casos de viuvez, levando a essa frequência. Nos níveis A e B, onde se encontram famílias mais estáveis financeiramente e que destinavam maiores cuidados com a saúde e exerciam atividades

menos arriscadas, a família nuclear composta era mais comum. Os percentuais de famílias nucleares simples foram menores quando o nível de renda era maior, o que pode indicar casamentos mais tardios nos níveis de renda mais altos. A família estendida ocorreu em proporções semelhantes em todos os níveis de renda e as famílias unipessoais (idosos que haviam formado família anteriormente) ocorreram em poucos casos, o que não permitiu estabelecer relação destes arranjos familiares com a renda familiar.

Os dados referentes aos estágios do ciclo de vida familiar nos três níveis de renda, evidenciados na Tabela 10, não apresentaram uma distribuição uniforme. No nível de renda A, as famílias concentraram-se principalmente nos estágios intermediários, apresentando um percentual de 33,3% nos estágios de famílias com filhos pequenos e adolescentes. No nível de renda B, a maior frequência aconteceu nas famílias com adolescentes e no estágio tardio (ambos com 28,6%). No nível de renda C, a frequência do estágio tardio foi ainda maior (38,9%), seguido das famílias com adolescentes (22,2%).

Tabela 10 – Estágios do ciclo de vida familiar nos níveis de renda nas famílias – Bambuí-MG, 2010

Estágio do ciclo de vida	Total		Nível C		Nível B		Nível A	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Família recém-formada	8	4,2	3	3,3	5	5,5	0	0,0
Família com filhos pequenos	38	20,0	16	17,8	19	20,9	3	33,3
Família com adolescentes	49	25,8	20	22,2	26	28,6	3	33,3
Ninho Vazio	33	17,4	16	17,8	15	16,5	2	22,2
Família no estágio tardio	62	32,6	35	38,9	26	28,6	1	11,1
Total	190	100,0	90	100,0	91	100,0	9	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em geral, as famílias recém-formadas tiveram a menor participação percentual nos cinco estágios de ciclo de vida familiar em relação aos níveis de renda, com, no máximo, 5,5%. Dos outros estágios, o que mais chamou a atenção foi a maior participação do estágio tardio no nível de renda C (38,9%) além da sua distribuição total (32,6%), refletindo o declínio da renda após a aposentadoria. No nível de renda A, a maior participação dos três estágios intermediários demonstra as fases em que os cônjuges, maduros, com ou sem filhos em casa, encontram-se no auge do seu ciclo de vida financeiro. O nível de renda B revelou uma transição entre os níveis de renda dos extremos, mesclando a participação entre os estágios intermediários e o estágio tardio.

4.2 Caracterização das famílias em função dos estágios do ciclo de vida familiar

Neste item, as famílias entrevistadas foram analisadas conforme os estágios do ciclo de vida familiar, considerando informações demográficas e socioeconômicas em cada um deles. Os estágios foram caracterizados conforme o estabelecido nos procedimentos metodológicos. Para tornar mais clara a tomada de decisões da classificação, o Quadro 32 resume os procedimentos metodológicos.

Quadro 32 – Fatores que definiram a classificação das famílias em estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Estágio do ciclo de vida familiar	Fatores
Famílias recém-formadas	Ausência de filhos/netos/sobrinhos Idade do cônjuge mais velho até 44 anos
Famílias com filhos pequenos	Presença de filhos/netos/sobrinhos até 12 anos
Famílias com adolescentes	Idade do filho mais novo entre 13 e 19 anos Não saída do primeiro filho de casa
Ninho vazio	Saída do primeiro filho de casa Filho mais novo com mais de 19 anos Cônjuge mais velho entre 45 e 64 anos Não aposentadoria dos cônjuges
Famílias no estágio tardio	Aposentadoria de um dos cônjuges Cônjuge mais velho ou único com mais de 64 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Em Bambuí-MG, mais de 30% das famílias encontrava-se no estágio tardio, com frequência de 62 (32,6%), revelando importante percentual de idosos como pessoas de referência. A frequência relativa das famílias dentro dos estágios do ciclo de vida familiar estão dispostos na Figura 9.

Observou-se uma baixa participação nas famílias recém-formadas, o que poderia indicar que muitas das famílias do município poderiam ser constituídas a partir da concepção de filhos ou que o primeiro filho nascesse logo após a união. Entretanto, como o número de famílias com filhos pequenos não foi tão significativo (20%) para que esta hipótese se comprovasse, este fato leva a crer que a população bambuiense é uma população em que predominam, de fato, as famílias nos estágios finais do ciclo de vida.

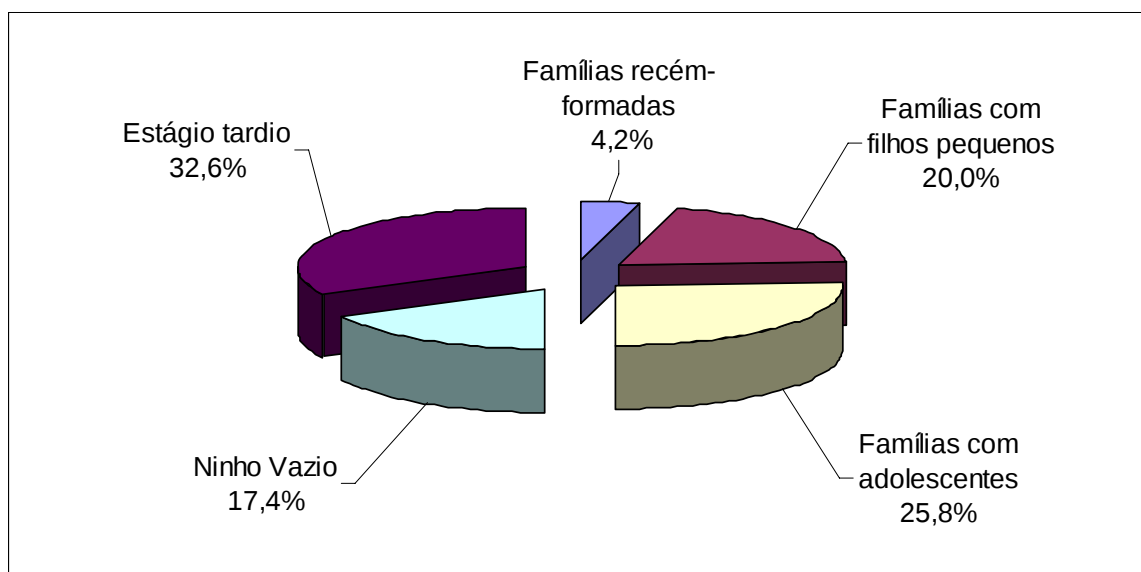


Figura 9 – Frequência relativa das famílias nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

O percentual razoável de famílias com adolescentes (25,8%), cujos primeiros filhos não saíram de casa para transformar o ninho cheio em vazio, vem de um fenômeno recente: as novas universidades ou faculdades⁷ têm mantido os jovens na cidade, prolongando o estágio das famílias com adolescentes.

O percentual inferior a 20% das famílias no estágio ninho vazio (17,4%) ocorreu em função do achatamento sofrido pelos dois estágios adjacentes. O prolongamento do estágio das famílias com adolescentes pelos motivos supramencionados e o adiantamento do estágio tardio, com várias aposentadorias precoces, antes de 60 anos, fizeram com que somente 33 das 190 famílias se encontrassem no quarto estágio.

A escolaridade da pessoa de referência pode contribuir para explicar a distribuição das famílias bambuienses nos estágios do ciclo de vida familiar, por meio dos dados da Tabela 11. Percebe-se que as pessoas de referência que não cursaram a escola pertenciam às famílias do estágio tardio e às famílias com filhos pequenos, que incluem as famílias estendidas com idosos cuidando dos netos. Os mais idosos, portanto, eram os que não possuíam nenhum ano de ensino formal. As pessoas de referência com ensino fundamental foram maioria, mas não ocorreram nas famílias recém-formadas, que estudam em uma época em que as exigências de escolaridade são

⁷ PUC-Arcos, Unifor-Formiga, FASF-Luz, IFMG-Campus Bambuí, UNIPAC-Unidade Bambuí, UAB-Pólo Bambuí e Ulbra-Pólo Bambuí.

mais altas. Em geral, as famílias dos estágios iniciais do ciclo de vida possuíram escolaridade mais alta do que as famílias dos estágios finais.

Tabela 11 – Escolaridade da pessoa de referência nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Escolaridade	Total		Estágio 1		Estágio 2		Estágio 3		Estágio 4		Estágio 5	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Não cursou escola	8	4,2	0	0,0	2	5,3	0	0,0	0	0,0	6	9,7
Fundamental Incompleto	95	50,0	0	0,0	18	47,4	21	42,9	18	54,5	38	61,3
Fundamental Completo	28	14,7	1	12,5	4	10,5	8	16,3	7	21,2	8	12,9
Médio	33	17,4	4	50,0	9	23,7	10	20,4	3	9,1	7	11,3
Superior	19	10,0	2	25,0	3	7,9	7	14,3	4	12,1	3	4,8
Pós-Grad. lato sensu	4	2,1	1	12,5	0	0,0	3	6,1	0	0,0	0	0,0
Mestrado	3	1,6	0	0,0	2	5,3	0	0,0	1	3,0	0	0,0
Total	190	100,0	8	100,0	38	100,0	49	100,0	33	100,0	62	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

1 Famílias recém-formadas

2 Famílias com filhos pequenos

3 Famílias com adolescentes

4 Famílias de ninho vazio

5 Famílias no estágio tardio

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao deslocar o foco para os estágios do ciclo de vida familiar, o primeiro estágio possuiu a predominância de ensino médio (50%) e superior (25%), confirmando a escolaridade mais alta dos cônjuges jovens. O segundo estágio, que mescla famílias jovens com filhos pequenos e tardias com netos, revelou estas frequências com maiores participações das pessoas de referência com ensino fundamental incompleto (47,4%) e ensino médio completo (23,7%). A presença de filhos nas famílias jovens impede, muitas vezes, que os pais prossigam ou iniciem curso superior, como se refere Sousa (2010), o que pode explicar a baixa participação deste ensino (7,9%). A diminuição da exigência de participação dos pais na vida dos filhos no terceiro estágio e a melhora das finanças da família permitiram que alguns pontos percentuais do ensino fundamental incompleto (42,9%) fossem deslocados para o fundamental completo (16,3%) em relação ao estágio anterior, bem como mais pessoas de referência concluíssem o curso superior (14,3%). O quarto e o quinto estágios acentuaram novamente a participação do ensino fundamental incompleto das pessoas de referência.

A Tabela 12 traz a distribuição do estado civil das pessoas de referência nos estágios do ciclo de vida familiar. Excetuando-se o primeiro estágio, cuja frequência do estado civil da pessoa de referência concentrou-se totalmente entre os casados, não possuindo nenhum casal em união estável, e os solteiros com filhos, cuja frequência foi

pouco significativa, os demais estágios e os outros estados civis apresentaram detalhes que merecem discussão.

Tabela 12 – Estado civil da pessoa de referência nos estágios de ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Estado civil	Total		Estágio 1		Estágio 2		Estágio 3		Estágio 4		Estágio 5	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Solteiro	6	3,2	0	0,0	2	5,3	2	4,1	1	3,0	1	1,6
Casado	119	62,6	8	100,0	23	60,5	35	71,4	21	63,6	32	51,6
Divorciado/separado	18	9,5	0	0,0	3	7,9	7	14,3	5	15,2	3	4,8
Viúvo	33	17,4	0	0,0	4	10,5	3	6,1	4	12,1	22	35,5
União Estável	14	7,4	0	0,0	6	15,8	2	4,1	2	6,1	4	6,5
Total	190	100,0	8	100,0	38	100,0	49	100,0	33	100,0	62	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As pessoas de referência casadas possuíram, em geral, frequência relativamente maior nos estágios onde a frequência dos cônjuges com união estável foi relativamente mais baixa, se for tomada como referência a frequência relativa total. As pessoas de referência com estado civil divorciado ou separado possuíram maiores frequências no terceiro e no quarto estágio, em que a idade dos cônjuges é mais madura, levando a pressupor que as separações e divórcios acontecem em menor proporção quando há filhos pequenos no seio familiar, bem como no estágio tardio. Já os viúvos foram mais frequentes obviamente nos últimos estágios do ciclo de vida familiar.

No segundo estágio do ciclo de vida familiar, encontrou-se maior frequência de casados (60,5%) e de cônjuges com união estável (15,8%), considerando que a presença de netos nas famílias maduras e velhas aumentou a frequência do estado civil deste estágio. No terceiro estágio, os casados também foram maioria (60,5%), mas destacou-se uma maior participação percentual de divorciados e separados (12,1%). O quarto estágio manteve as características do terceiro estágio, mas também percebendo um aumento da presença de viúvos (12,1%). No estágio tardio, houve a predominância dos casados e dos viúvos, pelos motivos já expostos anteriormente.

O sexo da pessoa de referência encontrou diferentes proporções nos estágios do ciclo de vida familiar, acima ou abaixo da distribuição geral, que foi de 64,2% para os homens e 35,8% para as mulheres, conforme observado na Figura 10.

No primeiro estágio, a frequência foi idêntica para homens e mulheres (50%) e a maior diferença ocorreu no segundo estágio (76,3% para os homens e 23,7% para as

mulheres). A igualdade dos percentuais do sexo das pessoas de referência no primeiro estágio entre masculino e feminino pode indicar que as mulheres jovens têm tido maiores oportunidades de trabalho e conquistado cada vez mais presença no papel de pessoa de referência da família, pelo menos no que diz respeito à responsabilidade nos gastos.

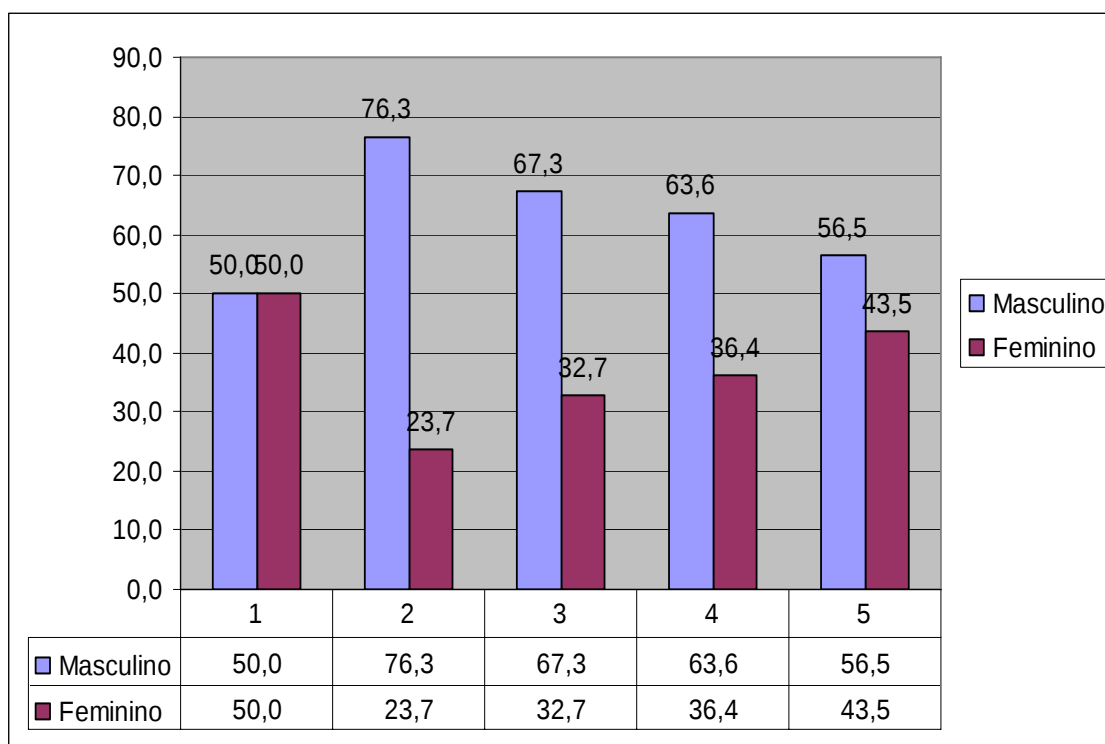


Figura 10 – Sexo da pessoa de referência nos 5 estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

A maior predominância do sexo masculino no segundo estágio pode ser explicada, em parte, pela presença dos filhos pequenos que, muitas vezes, obriga as mães a deixarem o trabalho para cuidar das crianças, enquanto o pai se encarrega da provisão financeira da família (CARTER; McGOLDRICK, 1995). A partir do segundo estágio, percebeu-se um aumento na proporção de mulheres como pessoa de referência, e um consequente declínio na proporção de homens, por ocasião do aumento de divórcios, separações e casos de viuvez.

O cruzamento realizado entre os arranjos ou tipos familiares e os estágios do ciclo de vida familiar traz, por meio da Tabela 13, muitas informações relevantes. Considerando que, por conceito, não pode haver famílias nucleares simples nos estágios com filhos pequenos ou com filhos adolescentes e que 100% das famílias recém-

formadas possuíam necessariamente o arranjo nuclear simples, as frequências relevantes deste arranjo ocorreram somente no quarto e no quinto estágios, ambas com percentuais maiores que os da frequência total. Isto é fácil de ser explicado, na medida em que, no ninho vazio e no estágio tardio, há a ausência comum dos filhos, que já formaram suas próprias famílias.

Tabela 13 – Arranjos familiares nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Condição	Total		Estágio 1		Estágio 2		Estágio 3		Estágio 4		Estágio 5	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Família monoparental	42	22,3	0	0,0	4	10,5	9	18,4	10	30,3	19	31,7
Família nuclear simples	39	20,7	8	100,0	0	0,0	0	0,0	12	36,4	19	31,7
Família nuclear composta	77	41,0	0	0,0	20	52,6	32	65,3	10	30,3	15	25,0
Família estendida	30	16,0	0	0,0	14	36,8	8	16,3	1	3,0	7	11,7
Família unipessoal	2	1,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	3,3
Total	188	100,0	8	100,0	38	100,0	49	100,0	33	100,0	60	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As famílias monoparentais também possuíram percentuais acima da frequência total somente nos dois últimos estágios, o que pode ser explicado pelo fato de, nestes, ocorrerem maior quantidade de divórcios, separações e casos de viuvez. Pelos mesmos motivos, as famílias nucleares compostas tiveram maiores percentuais no segundo e no terceiro estágios, em que há a presença de filhos e a maior parte dos cônjuges ainda vivem juntos. A família estendida esteve mais presente no segundo estágio, em que os netos coabitam com os avós. Os únicos dois casos de famílias unipessoais aconteceram no estágio tardio.

Como o primeiro, o segundo estágio (famílias com filhos pequenos) também está ausente de frequência por conceito, que são as famílias nucleares simples e as famílias unipessoais, já que as famílias classificadas neste estágio devem possuir, pelo menos, um cônjuge e um filho. Portanto, sua frequência está distribuída principalmente nas famílias nucleares compostas (52,6%).

No terceiro estágio (filhos com adolescentes), houve maior participação das famílias nucleares compostas (65,3%) em relação ao segundo estágio, por causa da redução da proporção das famílias estendidas, e das famílias monoparentais (18,4%), tanto por causa da menor presença de famílias estendidas quanto pela maior quantidade de divórcios e separações neste estágio. A redução da participação das famílias

estendidas (16,3%) se deveu a uma maior quantidade de netos pequenos em detrimento à quantidade de netos adolescentes.

O quarto estágio do ciclo de vida familiar (ninho vazio) possuiu redução significativa da família nuclear composta em relação aos estágios anteriores (30,3%), em função da maior presença de divórcios, separações e casos de viuvez, além de maior participação das famílias monoparentais (30,3%), pelo mesmo motivo, e das famílias nucleares simples (36,4%), já que os filhos saíram de casa e estas famílias voltaram a ter o mesmo arranjo típico das famílias recém-formadas.

No estágio tardio, a maior participação de famílias monoparentais (31,7%) e das famílias nucleares simples (31,7%) ocorreu, respectivamente, por causa de uma quantidade maior de indivíduos viúvos e porque os filhos já saíram de casa. Os únicos dois casos de famílias unipessoais (3,3%) aconteceram neste estágio e foram formados por idosas que já haviam formado famílias anteriormente, sendo uma delas sozinha e outra acompanhada de um irmão.

Por meio dos dados da Tabela 14, é possível discutir a frequência dos níveis de renda nos estágios do ciclo de vida familiar, invertendo o raciocínio estabelecido anteriormente, em que se discutiu a frequência dos estágios do ciclo de vida familiar nos níveis de renda, o que difere em relação ao ponto de vista agora apresentado.

Tabela 14 – Níveis de renda nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Nível de renda	Total		Estágio 1		Estágio 2		Estágio 3		Estágio 4		Estágio 5	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
Renda baixa - C	90	47,4	3	37,5	16	42,1	20	40,8	16	48,5	35	56,5
Renda média - B	91	47,9	5	62,5	19	50,0	26	53,1	15	45,5	26	41,9
Renda alta - A	9	4,7	0	0,0	3	7,9	3	6,1	2	6,1	1	1,6
Total	190	100,0	8	100,0	38	100,0	49	100,0	33	100,0	62	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

O primeiro estágio não apresentou frequência de famílias de renda alta, mas possuiu uma participação bem maior de famílias de renda média (62,5%) em relação às famílias de renda baixa (37,5%), o que se explica pelo maior grau de escolaridade das famílias jovens. O segundo estágio possuiu proporções mais baixas dos níveis de renda B (50%) e C (42,1%) em relação ao primeiro estágio, não somente porque há a presença de famílias de renda A reduzindo a participação das demais, mas também porque houve famílias tardias estendidas com netos neste estágio, cuja renda foi mais baixa. O terceiro estágio possuiu um percentual um pouco maior de famílias de renda B (53,1%), uma

vez que, com os filhos maiores, ambos os cônjuges podem trabalhar e, dependendo do caso e da idade, os próprios adolescentes passam a ter alguma renda própria. O quarto estágio teve maior participação de famílias de renda baixa (48,5%), por possuírem indivíduos maduros que, em geral, não tiveram graus de escolaridade altos e muitos dos filhos já saíram de casa, levando consigo suas rendas que complementavam as despesas da casa (ou simplesmente aumentavam a renda familiar, já que, em muitos casos, os filhos não ajudavam os pais, mas arcavam com algumas de suas despesas pessoais). O quinto estágio é o que possuiu maior participação de famílias com renda baixa (56,5%), pelo declínio da renda na aposentadoria e pelo grau de escolaridade baixo.

A renda bruta familiar possuiu média mais alta nas famílias com filhos pequenos (R\$ 2.743,40), embora não tenha havido frequência de famílias de renda alta neste estágio, o que indica que as famílias de renda média tiveram rendas mais próximas ao ponto de corte superior. As menores médias estiveram nas famílias nos estágios finais (R\$ 2.036,00) e nas famílias recém-formadas (R\$ 2.081,42), por motivos já esclarecidos anteriormente. O maior valor mínimo de renda bruta (R\$ 820,65) e o menor valor máximo (R\$ 3.787,84) encontraram-se nas famílias recém-formadas, estágio que mescla nível de escolaridade mais alto com o início da vida financeira (Tabela 15).

Tabela 15 – Medidas descritivas da renda familiar nos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Medida	Estágio 1		Estágio 2		Estágio 3		Estágio 4		Estágio 5	
	RB (R\$)	RL (R\$)	RB (R\$)	RL (R\$)	RB (R\$)	RL (R\$)	RB (R\$)	RL (R\$)	RB (R\$)	RL (R\$)
Média	2081,42	1882,43	2743,40	2573,86	2492,11	2273,48	2267,17	2104,75	2036,00	1969,22
Desv.Pad.	1057,14	919,03	2574,31	2384,28	2491,45	1997,07	1767,66	1573,80	1555,08	1378,52
Máximo	3787,84	3305,00	12500,00	12500,00	15826,81	12414,51	7500,00	6597,42	9946,75	8350,00
Mínimo	820,65	765,00	400,00	400,00	450,00	450,00	510,00	510,00	510,00	510,00
Mediana	2006,42	1786,02	1696,50	1618,10	1960,00	1800,00	1574,40	1489,20	1530,00	1489,20

* RB → Renda bruta

* RL → Renda líquida

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.1 Caracterização das famílias em função dos substratos formados pelos níveis de renda e pelos estágios do ciclo de vida familiar

Como já discutido anteriormente e explicitado pelo Quadro 30, os 15 substratos da pesquisa são formados pela combinação entre 3 níveis de renda e os 5 estágios do ciclo de vida familiar, que estão caracterizados pelo modelo especificado no Quadro 33. No item apropriado, as diferenças de consumo familiar serão analisadas em cada

subestrato, que se tornou uma variável diferente da renda e do ciclo de vida familiar, embora seja formado por eles.

Os níveis de renda (alta, média e baixa) foram classificados como sendo os níveis A, B e C, respectivamente. As famílias recém-formadas foram classificadas como estágio 1, as famílias com filhos pequenos em estágio 2, as famílias com adolescentes em estágio 3, as famílias de ninho vazio em estágio 4 e as famílias no estágio tardio em estágio 5. Assim, sendo os substratos formados pela combinação entre os códigos, C1 é o substrato das famílias recém-formadas de baixa renda e A5 o substrato das famílias no estágio tardio de renda alta, por exemplo.

Quadro 33 – Subestratos de renda por estágios do ciclo de vida familiar

Estágios CVF	Níveis de renda		
	C	B	A
1	C1 = 1	B1 = 2	A1 = 3
2	C2 = 4	B2 = 5	A2 = 6
3	C3 = 7	B3 = 8	A3 = 9
4	C4 = 10	B4 = 11	A4 = 12
5	C5 = 13	B5 = 14	A5 = 15

C1 → Famílias recém-formadas de renda baixa

B1 → Famílias recém-formadas de renda média

A1 → Famílias recém-formadas de renda alta

C2 → Famílias com filhos pequenos de renda baixa

B2 → Famílias com filhos pequenos de renda média

A2 → Famílias com filhos pequenos de renda alta

C3 → Famílias com adolescentes de renda baixa

B3 → Famílias com adolescentes de renda média

A3 → Famílias com adolescentes de renda alta

C4 → Ninho vazio de renda baixa

B4 → Ninho vazio de renda média

A4 → Ninho vazio de renda alta

C5 → Famílias no estágio tardio de renda baixa

B5 → Famílias no estágio tardio de renda média

A5 → Famílias no estágio tardio de renda alta

Fonte: Dados da pesquisa.

As frequências absoluta e relativa das famílias entrevistadas nos substratos podem ser evidenciadas na Tabela 16, sendo o resultado da combinação entre os níveis de renda e os estágios do ciclo de vida familiar. Os totais horizontais mostram as frequências totais dos níveis de renda, enquanto os verticais trazem as frequências totais dos estágios do ciclo de vida familiar.

Tabela 16 – Frequência absoluta das famílias nos substratos – Bambuí-MG, 2010

Estágios CVF	Total		Nível C		Nível B		Nível A	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
1	8	4,2	3	1,6	5	2,6	0	0,0
2	38	20,0	16	8,4	19	10,0	3	1,6
3	49	25,8	20	10,5	26	13,7	3	1,6
4	33	17,4	16	8,4	15	7,9	2	1,1
5	62	32,6	35	18,4	26	13,7	1	0,5
Total	190	100,0	90	47,4	91	47,9	9	4,7

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se uma frequência relativamente baixa nos substratos de renda alta, com no máximo 3 famílias por substrato (1,6%), e não houve frequência no substrato A1, ou seja, não foram encontradas famílias recém-formadas de renda alta, o que é razoável, já que estas famílias estão no início de seu ciclo financeiro. Houve maior frequência no substrato C5, com 35 (18,4%) famílias. Em geral, as maiores frequências ocorreram nos substratos pertencentes às famílias nos estágios finais do ciclo de vida e com adolescentes e nos substratos de renda média e baixa.

Alguns cruzamentos realizados em função dos substratos puderam complementar esta análise. A escolaridade teve frequência muito difusa entre os substratos. Os que não cursaram escola estavam no substrato C5 (famílias tardias de renda baixa), pois os idosos possuíam, em geral, um grau relativamente alto de analfabetismo, e nos substratos C2 e B2 (famílias com filhos pequenos de renda baixa e média), pois ali se encontravam também idosos com netos. Os que possuíam fundamental incompleto estavam ausentes nos substratos das famílias recém-formadas (1), de escolaridade mais alta, e nos substratos de renda alta (A); porém, possuíam frequência considerável nos demais substratos por constituírem a escolaridade mais frequente nas famílias entrevistadas. O ensino fundamental completo continuou ausente nos substratos de renda alta, mas já apareceu em um dos substratos das famílias recém-formadas (C1) e possuiu frequência relativamente equilibrada nos demais. O ensino médio foi o grau de escolaridade mais frequente nos substratos de renda alta e teve maior concentração nas famílias recém-formadas. O ensino superior esteve em todos os substratos de renda alta e possuiu frequência nos substratos de renda baixa e alta das famílias recém-formadas e das famílias no estágio tardio, mas não nos respectivos substratos de renda média, que possuíram a exclusiva participação do ensino de pós-graduação *lato sensu*, sobre o que se pode inferir que, uma vez formadas

no ensino superior, estas famílias buscavam melhorar sua renda por meio do ensino de pós-graduação. O ensino de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado, no caso) esteve restrito aos substratos de renda alta e não houve frequência de doutorado completo e de pós-doutorado (Tabela 17).

Quanto à frequência em função dos substratos, as famílias recém-formadas de renda baixa (C1) possuíram participação restrita ao ensino fundamental completo (33,3%) e ao ensino médio (66,7%), em virtude da exigência de maior escolaridade para a obtenção de empregos, mas não possuindo recursos para ingressar no ensino superior. As pessoas de referências do estágio B1, com mais recursos que os do estágio de renda inferior, já buscavam outros títulos para aumentar sua renda, como o ensino superior (40%) e a pós-graduação *lato sensu* (20%). Não houve frequência no substrato A1.

Tabela 17 – Escolaridade da pessoa de referência nos substratos – Bambuí-MG, 2010

Escolaridade	Frequência relativa da escolaridade das famílias nos substratos (%)															
	Total	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Não cursou	4,2	0,0	0,0	0,0	6,3	5,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	17,1	0,0	0,0
Fundam. Incomp.	50,0	0,0	0,0	0,0	50,0	52,6	0,0	70,0	26,9	0,0	75,0	40,0	0,0	68,6	53,8	0,0
Fundam. Comp.	14,7	33,3	0,0	0,0	18,8	5,3	0,0	20,0	15,4	0,0	18,8	26,7	0,0	8,6	19,2	0,0
Médio	17,4	66,7	40,0	0,0	25,0	21,1	33,3	10,0	30,8	0,0	0,0	20,0	0,0	5,7	19,2	0,0
Superior	10,0	0,0	40,0	0,0	0,0	15,8	0,0	0,0	19,2	66,7	6,3	6,7	100,0	0,0	7,7	100,0
Pós <i>lato sensu</i>	2,6	0,0	20,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,7	33,3	0,0	6,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Mestrado	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	66,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As famílias com filhos pequenos de renda baixa (C2), cuja maioria tinha ensino fundamental incompleto (50%), possuíam dois obstáculos ao aumento da escolaridade da pessoa de referência: a própria renda baixa e a presença de filhos pequenos, inclusive netos criados pelos avós. O substrato B2 já possuía pessoas de referência em condições de cursar o ensino superior (15,8%) e, no substrato A2, a maior frequência ficou por conta do mestrado (66,7%).

O substrato das famílias com adolescentes de renda baixa (C3) tinha maioria no ensino fundamental incompleto (70%). O substrato B3 possuía 50% dos casos em ensino médio e superior e as pessoas de referência do substrato A3, com maiores condições financeiras, possuíam somente escolaridade acima do ensino médio.

As famílias do ninho vazio de renda baixa (C4), como quase todo substrato de renda baixa, possuía ampla maioria do ensino fundamental incompleto (75%), mas o

subestrato B4, entretanto, tinha uma frequência melhor distribuída. Todas as pessoas de referência do subestrato A4 possuíam curso superior.

As pessoas de referência das famílias no estágio tardio de renda baixa (C5) possuíam escolaridade muito baixa, com majoritariamente o ensino fundamental incompleto (68,6%), e, em menor proporção, não cursaram escola (17,1%) ou completaram o ensino fundamental (8,6%). Todas as pessoas de referência do subestrato B5 cursaram escola, mas 53,8% possuíam o ensino fundamental incompleto. A pessoa de referência da única família entrevistada no subestrato A5 possuía curso superior.

O estado civil das pessoas de referência, observando a Tabela 18, distribuiu-se de forma desigual nos subestratos de renda familiar por estágios do ciclo de vida familiar. Os solteiros estavam localizados somente nos subestratos de renda baixa, exceto no subestrato C1 (famílias recém-formadas de renda baixa), em que os membros são casados ou possuem união estável, por conceito, e, principalmente, no estágio C2 (famílias com filhos pequenos de renda baixa), em que se encontram as mães solteiras. Os casados (maioria) distribuíram-se em todos os subestratos, sendo frequência total nos estágios das famílias recém-formadas (nos casos em que houve frequência) e no estágio A3 (famílias com adolescentes de renda alta), cuja frequência foi baixa. A participação percentual dos casados foi menor nos subestratos em que a participação dos cônjuges com união estável foi maior, inclusive no único caso de família tardia de renda alta (A5), cujos cônjuges não eram casados por união civil. Os divorciados e separados estavam nos subestratos de renda baixa e média (exceto nos subestratos de famílias recém-formadas, por conceito). Os viúvos estavam concentrados nos subestratos do estágio tardio, nos de famílias com filhos pequenos e nos de ninho vazio, estágios em que se encontram as famílias maduras.

Tabela 18 – Estado civil da pessoa de referência nos subestratos – Bambuí-MG, 2010

Estado civil	%															
	Total	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Solteiro	3,2	0,0	0,0	0,0	12,5	0,0	0,0	10,0	0,0	0,0	6,3	0,0	0,0	2,9	0,0	0,0
Casado	62,6	100,0	100,0	0,0	62,5	57,9	66,7	70,0	69,2	100,0	56,3	73,3	50,0	45,7	61,5	0,0
Divorciado/separado	9,5	0,0	0,0	0,0	12,5	5,3	0,0	10,0	19,2	0,0	25,0	6,7	0,0	5,7	3,8	0,0
Viúvo	17,4	0,0	0,0	0,0	6,3	15,8	0,0	10,0	3,8	0,0	6,3	13,3	50,0	37,1	34,6	0,0
União Estável	7,4	0,0	0,0	0,0	6,3	21,1	33,3	0,0	7,7	0,0	6,3	6,7	0,0	8,6	0,0	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando os subestratos, percebeu-se que os de famílias recém-formadas em que houve frequência (C1 e B1), por conceito, abrigam os casados, mas nenhum caso de união estável. O subestrato C2 (famílias com filhos pequenos de renda baixa), além dos casados (62,5%) – que foram maioria em praticamente em todos os subestratos –, registrou 12,5% de mães solteiras e de mulheres divorciadas e separadas. O subestrato B2 possuía uma frequência maior de viúvos (15,8%) do que os anteriores e o subestrato A2, pela estabilidade financeira que proporciona e, até mesmo, pela baixa frequência, tinha apenas indivíduos casados ou em união estável (Tabela 18).

O subestrato C3 (famílias com adolescentes de renda baixa) não possuía participação de uniões estáveis e, por isto mesmo, alta frequência de casados (70%). O subestrato B3 tinha uma frequência maior de divorciados e separados (19,2%) do que o estágio anterior, enquanto as três famílias do subestrato A3 possuíam os seus cônjuges casados. O subestrato C4 (ninho vazio de renda baixa) possuía um percentual alto de divorciados e separados (25%). O subestrato B4 tinha menor presença relativa de divorciados e separados (6,7%) e maior de viúvos (13,3%) e os dois casos pertencentes ao subestrato A4 dividiram-se entre um casamento civil e uma viuvez. O subestrato C5 (famílias no estágio tardio de renda baixa) possuía uma presença maior de viúvos (37,1%), pela idade dos que lhe pertenciam, o mesmo ocorrendo no subestrato B5, com 34,6% de viúvos. O único caso pertencente ao subestrato A5 foi de união estável (Tabela 18).

O cruzamento de dados entre o sexo da pessoa de referência e os subestratos (Tabela 19) levou a algumas considerações sobre a possibilidade ou necessidade da mulher trabalhar ou não. Excetuando-se as famílias recém-formadas e de renda alta, que possuíam baixa frequência com somente duas variáveis nominais⁸, os demais subestratos permitiram alguma discussão. Em todos os demais subestratos de renda média, houve uma frequência maior de homens como pessoa de referência do que nos subestratos de renda baixa, em que a mulher tem que sair para trabalhar e complementar a renda e, muitas vezes, no caso do município estudado, ambos ganhavam apenas 1 salário mínimo ou a renda era muito parecida, ocasiões em que a mulher podia ganhar mais do que o homem. Nos subestratos finais de renda baixa (C4 e C5), as proporções foram mais equilibradas do que nos subestratos iniciais (C2 e C3), o que pode indicar que a mulher voltou a trabalhar após o crescimento e a saída dos filhos e, nestas

⁸ No caso, as variáveis nominais são sexo masculino e sexo feminino. No caso de somente duas variáveis nominais, a baixa frequência aumenta a possibilidade do acaso.

oportunidades, também podia possuir renda maior do que a do homem, como ressaltam Carter e McGoldrick (1995).

Tabela 19 – Sexo da pessoa de referência nos substratos – Bambuí-MG, 2010

Sexo	%															
	Total	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Masculino	64,2	66,7	40,0	0,0	68,8	84,2	66,7	60,0	69,2	100,0	56,3	80,0	0,0	48,6	65,4	100,0
Feminino	35,8	33,3	60,0	0,0	31,3	15,8	33,3	40,0	30,8	0,0	43,8	20,0	100,0	51,4	34,6	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os diferentes arranjos familiares auxiliaram a caracterizar os substratos, pois possuíram frequências bastante distintas em cada um deles. À exceção das famílias recém-formadas – que, por conceito, são compostas por famílias nucleares simples – e dos substratos de renda alta, que tiveram baixa frequência, foi possível realizar algumas observações, por meio dos dados da Tabela 20.

As famílias monoparentais ocorreram com maior frequência nos substratos de renda baixa, especialmente nos substratos finais (C4 e C5), em que houve maior número de casos de divórcios, separações e viuvez. A família nuclear simples, além das famílias recém-formadas, ocorreu somente nos estágios finais, especialmente no substrato C4 (ninho vazio de renda baixa), em que os filhos saíram de casa para construir outros ninhos e ainda não existem muitos casos de viuvez como no estágio tardio. As famílias nucleares compostas, maioria na maior parte dos substratos, possuíram frequência maior nos substratos de renda média do que nos substratos de renda baixa, com destaque para as famílias com adolescentes, que não continham muitas famílias estendidas com netos, cujas pessoas de referência foram, muitas vezes, viúvas e que diminuíram relativamente a frequência no substrato B2 (famílias com filhos pequenos de renda média). As famílias estendidas estavam nos substratos das famílias com filhos pequenos e adolescentes ou das famílias tardias, onde se encontravam os netos que coabitavam com os avós. Os dois casos de famílias unipessoais ocorreram somente no substrato C5, em que se encontravam as viúvas que haviam formado família anteriormente (Tabela 20).

Tabela 20 – Arranjos familiares nos substratos – Bambuí-MG, 2010

Condição	%															
	Total	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Família monoparental	22,1	0,0	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	20,0	19,2	0,0	37,5	20,0	50,0	34,3	26,9	0,0
Família nuclear simples	20,5	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	43,8	33,3	0,0	31,4	30,8	0,0
Família nuclear composta	40,5	0,0	0,0	0,0	43,8	52,6	100,0	50,0	73,1	100,0	18,8	46,7	0,0	20,0	26,9	100,0
Família estendida	15,8	0,0	0,0	0,0	31,3	47,4	0,0	30,0	7,7	0,0	0,0	0,0	50,0	8,6	15,4	0,0
Família unipessoal	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,7	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

No substrato C2, como em outros substratos, houve maior frequência das famílias nucleares (43,8%), mas também nele se encontraram 25% de famílias monoparentais, por causa de mães solteiras, e 31,3% de famílias estendidas, por causa das viúvas cuidando dos netos. No substrato B2, a frequência foi parecida com a do substrato anterior, mas percebeu-se a ausência de famílias monoparentais, pois as mães solteiras estavam, em maioria, nas famílias de renda baixa. O substrato A2, pela baixa frequência e pela estabilidade financeira, possuía 100% de famílias nucleares compostas.

As famílias com adolescentes de renda baixa (C3) tiveram arranjos monoparentais (20%) e estendidos (30%) em menor proporção do que no substrato C2, em virtude da menor coabitação dos netos com os avós e de menor número de mães solteiras, embora tenha havido maior número de divorciadas e separadas. No substrato B3, a relativa independência dos adolescentes e a idade mais avançada dos idosos reduziram a necessidade de coabitação de avós com netos, que constituiu a maioria das famílias estendidas. O substrato A3 possuiu 100% de famílias nucleares compostas, pelos mesmos motivos do substrato A2 analisado no parágrafo anterior (Tabela 20).

No substrato C4, não houve famílias estendidas nem unipessoais, mas nele se encontravam 37,5% de famílias monoparentais, por causa do aumento dos casos de viuvez, além de 43,8% de famílias nucleares simples porque muitos dos filhos já saíram de casa. Os dois casos de frequência no substrato A4 foram uma família monoparental com caso de viuvez e uma família estendida, em que os cônjuges e uma filha coabitavam com a sogra da pessoa de referência.

No substrato C5, houve 31,4% de famílias nucleares simples, pois muitos filhos já saíram de casa, e 34,3% de famílias monoparentais, principalmente por causa dos casos de viuvez. O substrato B5 possuiu frequência semelhante à do substrato

anterior, mas com mais famílias estendidas (15,4%), porque a renda maior dos avós permitiu que os netos (filhos de mães solteiras ou divorciadas e separadas) coabitassem com eles. O único caso presente no substrato A5 foi de uma família nuclear composta (Tabela 20).

A Tabela 21 mostra as medidas descritivas da renda bruta familiar nos substratos. A renda bruta familiar média dos substratos de renda baixa foi bastante uniforme, mas possuiu o menor valor no substrato C4 (R\$ 1.000,39) e maior no substrato C5 (R\$ 1.135,69), garantida pelas aposentadorias e pensões dos idosos, que recebiam, em sua maioria, 1 salário mínimo por benefício. Os substratos de renda média também possuíram uma média semelhante, em torno de R\$ 3.000,00, embora o valor máximo tenha chegado a R\$ 6.092,83 no substrato B5, o que foi evidenciado por um desvio padrão bem maior do que o das médias dos substratos de renda baixa. Os substratos de renda alta foram os que possuíram médias de renda diferentes, uma vez que não houve limite superior e a frequência foi baixa. A renda média destes substratos variou de R\$ 6.880,00, no substrato A4, até R\$ 10.360,40, no substrato A3.

Tabela 21 – Medidas descritivas da renda bruta familiar nos substratos – Bambuí-MG, 2010

Medida	Renda bruta familiar (R\$) nos substratos														
	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Média	1066,16	2690,57	-	1079,74	3003,86	9966,67	1093,83	2659,83	10360,40	1000,39	3003,34	6880,00	1135,69	2943,70	9946,75
Desv.Pad.	401,93	798,77	-	395,05	1313,47	2203,03	416,76	951,34	4819,72	299,38	1239,62	876,81	315,57	1127,08	-
Máximo	1530,00	3787,84	-	1530,00	6020,00	12500,00	1530,00	5615,38	15826,81	1530,00	5896,28	7500,00	1530,00	6092,83	9946,75
Mínimo	820,65	1612,83	-	400,00	1560,00	8500,00	450,00	1538,46	6722,51	510,00	1574,40	6260,00	510,00	1780,00	9946,75
Mediana	847,83	2645,22	-	1092,50	2830,00	8900,00	1160,00	2430,76	8531,87	975,00	3020,00	6880,00	1110,00	2550,00	9946,75

Fonte: Dados da pesquisa .

4.3 Análise do padrão de consumo das famílias

O consumo familiar na zona urbana do município de Bambuí foi analisado por meio dos percentuais gastos sobre a renda líquida das famílias, abrangendo tanto as despesas típicas, como alimentação, transporte, habitação e saúde, quanto itens de consumo indireto, como a poupança e as outras despesas, incluindo pagamento de prestações. A Figura 11 traz a distribuição total do consumo entre os itens de despesa familiar, em que preponderaram os gastos com a alimentação (25,26%) e com a habitação (22,05%).

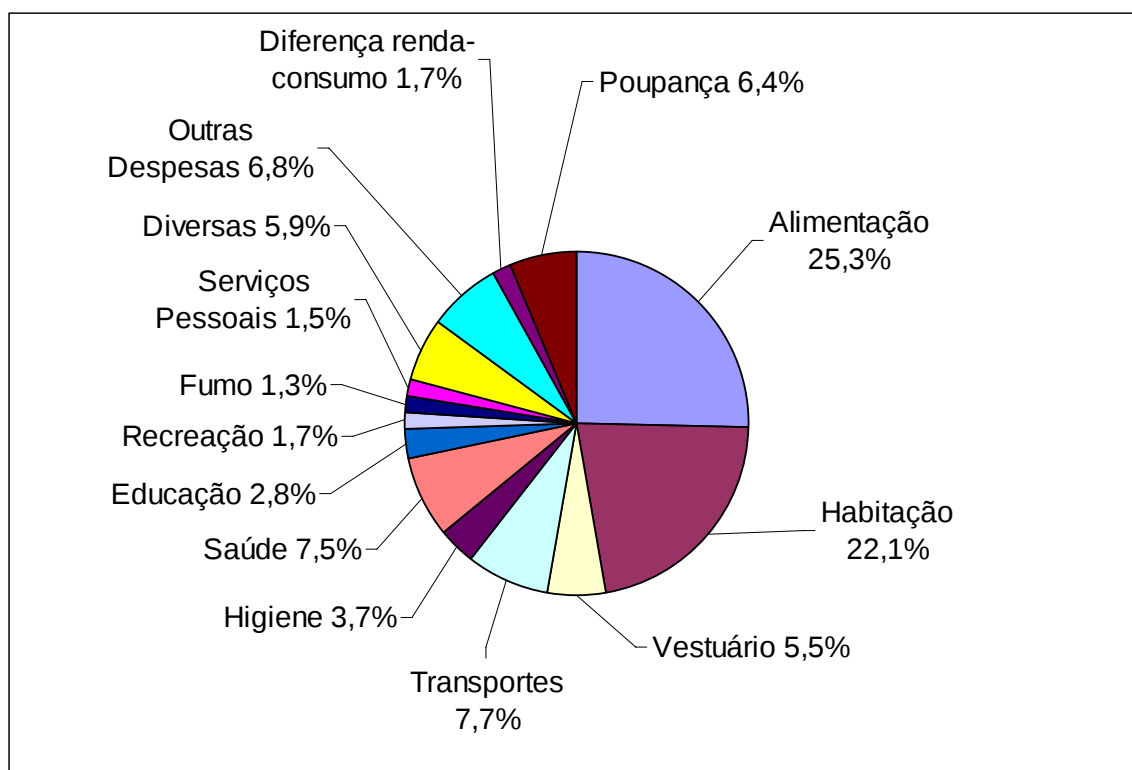


Figura 11 – Consumo familiar por item de despesa – Bambuí-MG, 2010

Fonte: Dados da pesquisa.

O consumo das famílias bambuienses, em geral, acompanhou aqueles obtidos pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE de 2002-2003 ou de 2008-2009⁹, com algumas diferenças a serem observadas na Tabela 22. O item diminuição do passivo (IBGE) foi incluído como um subitem das outras despesas na presente pesquisa, o item aumento do ativo foi considerado como a poupança das famílias e foi necessária a inclusão de um item que revela as diferenças positivas e negativas entre a renda líquida e as despesas mencionadas, já que, em alguns casos, a renda era bastante superior ao consumo e esta diferença não foi declarada como poupança, além dos casos em que a diferença foi negativa, ou seja, os gastos ultrapassavam em muito a renda, seja porque a renda estava subestimada ou porque os gastos estavam superestimados.

⁹ Das duas pesquisas, estão considerados os dados disponíveis mais atualizados para cada item.

Tabela 22 – Despesas médias mensais percentuais da POF/IBGE e de Bambuí-MG, 2010

Itens de despesa familiar	% de despesas sobre a renda familiar		
	IBGE (%)		Bambuí 2010 (%)
	2002-03	2008-09	
Alimentação	17,1	16,1	25,3
Habitação	29,3	29,2	22,1
Vestuário	4,7	-	5,5
Transporte	15,2	16,0	7,7
Higiene e cuidados pessoais	1,8	-	3,7
Assistência à saúde	5,4	5,9	7,5
Educação	3,4	2,5	2,8
Recreação e cultura	2,0	-	1,7
Fumo	0,6	-	1,3
Serviços pessoais	0,8	-	1,5
Despesas diversas	2,3	-	6,0
Outras despesas	10,9	10,9	6,8
Aumento do ativo ou poupança	4,8	5,8	6,4
Diminuição do passivo**	2,0	2,1	-
Diferença renda-consumo***	-	-	1,7
Total*	100%	100%	100%

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

** A diminuição do passivo está incluída em outras despesas na pesquisa de Bambuí-MG.

*** A diferença renda-consumo está incluída em outras despesas na pesquisa do IBGE.

Fonte: IBGE (2003) e dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 22, As famílias bambuienses gastaram em 2010 mais com alimentação (25,3%) do que os brasileiros em geral em 2008-2009 (16,1%). Isto se deve, principalmente, ao fato de que a renda bambuiense (R\$ 2.337,17) foi menor que a brasileira (R\$ 2.763,47) e, como o consumo de alimentos é uma necessidade básica, a proporção tende a ser maior quando a renda é menor, como diz uma das leis de Engel. A alimentação foi subdividida entre alimentação dentro (96,4%) e fora do domicílio (3,6%), com grande destaque para o primeiro caso.

No item habitação, os bambuienses gastaram menos (22,1%) do que os brasileiros (29,2% em 2008-2009). O principal fato que motivou esta diferença foi o grande número de casas próprias (77,9%) em relação às alugadas (16,3%) e financiadas (5,8%), o que isentava as famílias de gasto mensal com aluguéis ou prestações do imóvel, embora em Bambuí, tradicionalmente, o proprietário do imóvel é que arque com os gastos do IPTU. Dentre os subitens da habitação, o maior gasto (54,6%) foi com o subitem contas (água, energia elétrica, telefone fixo e/ou celular, internet, TV a cabo etc.) (Figura 12).

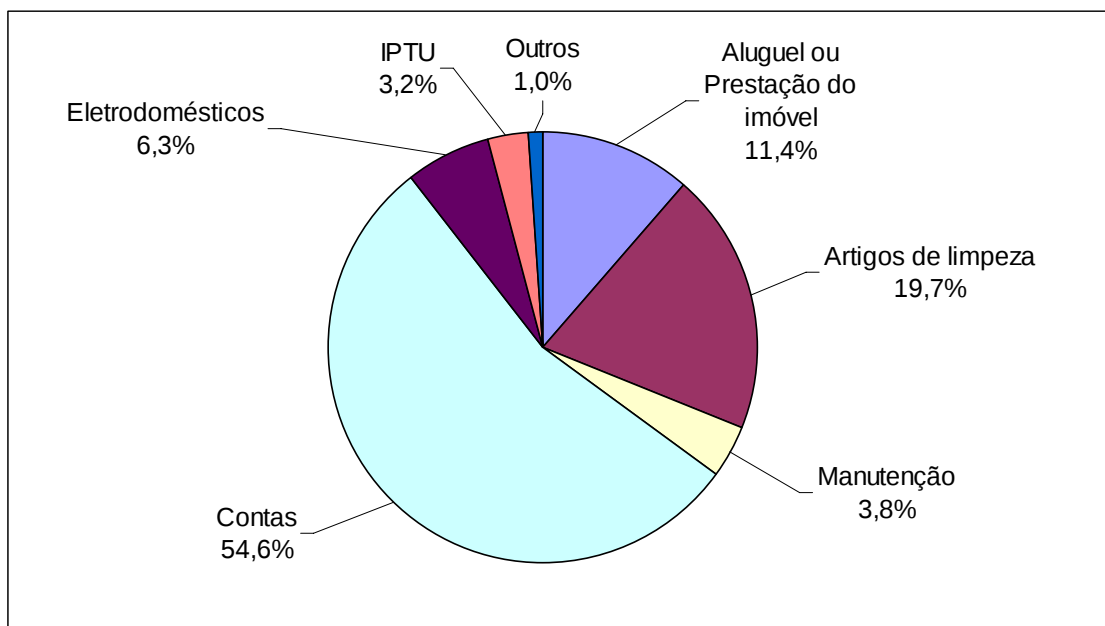


Figura 12 – Consumo médio dos subitens da habitação no orçamento familiar - Bambuí-MG, 2010
 Fonte: Dados da pesquisa.

Foi demonstrada, nas entrevistas, uma grande preocupação com a aparência física, o que se refletiu nos gastos maiores com higiene e cuidados pessoais (3,7%), vestuário (5,5%) e cuidados pessoais (1,5%) do que na média brasileira (1,8%, 4,7% e 0,8% em 2002-2003, respectivamente), não obstante a diferença observada no vestuário não tenha sido tão importante quanto nos gastos com higiene e cuidados pessoais e com serviços pessoais (Tabela 22).

No transporte, houve uma considerável diferença quando se comparou os dados do município (7,7%) com os brasileiros (16%, em 2008-2009). A baixa renda média do município e a facilidade de se transitar em um município de pequeno porte foram os principais fatores relatados pelos entrevistados para as baixas despesas neste item. Os combustíveis (38,4%) foram os principais responsáveis pelos gastos com transporte. É importante notar que se gasta o dobro com combustíveis do que com o transporte coletivo. Se forem considerados todos os gastos envolvidos com a aquisição de veículos (combustíveis, prestações, manutenção, seguros e impostos), a proporção chega a quatro vezes mais. Num município de renda baixa, nem todos podem arcar com uma alternativa que custa quatro vezes mais do que o transporte coletivo (Figura 13).

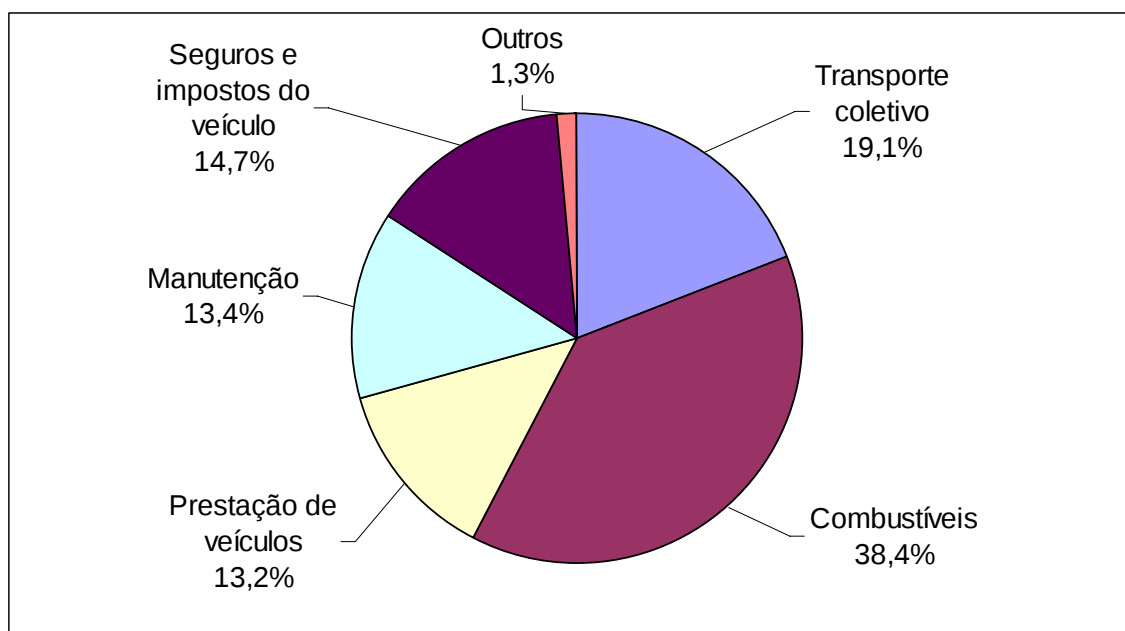


Figura 13 – Consumo médio dos subitens do transporte no orçamento familiar – Bambuí-MG, 2010
 Fonte: Dados da pesquisa.

A diferença na assistência à saúde, que ficou em 7,5% em Bambuí, maior do que no Brasil (5,9% em 2008-2009), provavelmente se deveu ao grande número de famílias no estágio tardio no município. O número só não foi maior porque muitas das famílias de baixa renda conseguem remédios, exames e consultas por meio das clínicas, postos de saúde e hospitais que atendem pelo SUS. O gasto com remédios (75,1%) em relação ao total dos gastos com saúde foi muito superior ao gasto com os planos de saúde (24,9%). A explicação reside no fato de que menos do que a metade das famílias (45,8%) gastou com planos de saúde, consultas ou exames de forma privada ou co-participativa pública e, destes, 23% gastaram somente com um plano de saúde corporativo público que custava R\$ 14,90 por mês, não gastando com exames e consultas.

Os percentuais de educação do município (2,8%) e do País (2,5% em 2008-2009) foram semelhantes. Destacou-se a predominância do ensino público sobre o privado em Bambuí, devido tanto à renda baixa observada na maioria das famílias quanto à existência de um *campus* do Instituto Federal de Minas Gerais no município, que oferece cursos de nível médio, técnico, superior e de pós-graduação. O problema é a falta de diversificação de cursos, o que obrigava muitos indivíduos a receberem o ensino superior ou de pós-graduação em outros municípios.

Os percentuais de recreação e cultura (1,7%) foram muito semelhantes aos brasileiros (2%, em 2002-2003), mas os percentuais de fumo (1,3%) ficaram em mais

do que o dobro dos nacionais (0,6%, em 2002-2003). Uma observação interessante quanto aos dois itens é que, nos casos em que as famílias que gastavam com pelo menos algum deles, em 86,3% dos domicílios um item excluía o outro, ou seja, ou se gastava com recreação ou com o fumo, o que sugere que ambos eram bens substitutos, conforme pode ser demonstrado na Tabela 23. Foi observado também que, em 25,8% das famílias, pelo menos um membro fumava e, em quase metade das famílias (48,4%) houve consumo de recreação ou cultura de alguma natureza. O baixo índice de consumo de recreação e cultura se deveu à maior quantidade de famílias no estágio tardio e de renda baixa.

Tabela 23 – Consumo de recreação e fumo no orçamento familiar – Bambuí-MG, 2010

	Consumo em relação ao total de famílias		Consumo em relação às famílias que recreiam ou fumam	
	Quant. famílias	%	Quant. famílias	%
Recreação*	92**	48,4**	-	-
Fumo	49**	25,8**	-	-
Somente recreação*	75	39,5	75	60,5
Somente fumo	32	16,8	32	25,8
Somente recreação* + somente fumo	-	-	107	86,3
Ambos	17	9,0	17	13,7
Nenhum	66	34,7	-	-
Total	190	100,00	124	100,0

* Inclui também cultura.

** Considera todas as famílias que recreiam ou fumam, incluindo as famílias que consomem ambos os itens e, portanto, há dupla contagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 23, os bambuienses gastaram o dobro com despesas diversas (6%) do que os brasileiros (2,3% em 2002-2003). A ausência de oportunidades de lazer em Bambuí foi a justificativa mais apresentada informalmente para os subitens que pertencem ao grupo de despesas diversas. Neste item, muito foi gasto com religião (24,1%), animais e plantas (21,1%), presentes (19,8%), viagens (17%), festas familiares (14,1%) e serviços profissionais, como advogados e dentistas (3,8%).

As outras despesas (6,8%) foram bem menores do que a média brasileira (10,9% em 2008-2009), embora a diminuição do passivo (prestações) existente na POF tenha sido incorporado como um subitem na presente pesquisa. Gastou-se consideravelmente, no município estudado, com empregados domésticos (31% das outras despesas), empréstimos pessoais (22,9%), serviços financeiros – como consórcios, previdência privada, seguro de vida e manutenção de conta corrente (22,5%), mesada para os filhos – principalmente os que estudavam fora (19,3%) e pensões alimentícias (4,3%).

Em termos percentuais, o bambuiense poupou mais (6,4%) do que o brasileiro (5,8%), conforme a Tabela 26, embora os percentuais dos aumentos dos ativos não reflitam totalmente os recursos destinados para a poupança, sendo uma *proxy*. O item que trata da diferença entre renda e consumo e que não foi declarado como poupança nem como passivo financeiro representou, em média, 1,7% das despesas familiares. Das 190 famílias, 68 (35,8%) conseguiram informar 100% dos gastos sobre a renda líquida, 25 (13,2%) informaram gastos maiores do que a renda sem declararem que possuem empréstimos que cubram esta diferença e 97 (51%) não conseguiram informar todas as despesas familiares em relação à renda que não eram poupança. Dos casos em que havia diferenças, ou seja, 122 (64,2%) famílias, 79,5% foram originárias de diferenças positivas (renda maior que os gastos) e 20,5% de diferenças negativas (gastos maiores do que a renda).

4.3.1 Análise do padrão de consumo das famílias em função da renda familiar

Como já discutido, a renda familiar é um importante fator que explica os hábitos de consumo das famílias. No caso do município de Bambuí, as evidências foram significativas. Por meio da Tabela 24, é possível observar como o consumo variou em função dos níveis de renda. Os gastos com as necessidades básicas, como a alimentação, a habitação, a higiene e a saúde encontraram maiores percentuais nas famílias de renda baixa, enquanto as maiores despesas percentuais com os itens considerados de luxo em Bambuí, como transportes¹⁰, educação particular, recreação e cultura e a poupança estiveram a cargo das famílias de renda média e alta. Em geral, a distribuição dos percentuais das despesas familiares conforme os níveis de renda acompanharam a evolução realizada pelo IBGE, na POF 2002/2003 (Tabela 1) e na POF 2008-2009 (Anexo A).

Os gastos percentuais com alimentação estiveram fortemente ligados à questão da renda, na medida em que, quanto maior a renda, menor a participação da alimentação na renda líquida mensal média, como diz a primeira das leis de Engel (*à medida que a renda cresce, a proporção gasta em alimentação decresce*). A segunda lei de Engel (*à medida que a renda cresce, a proporção gasta com habitação e equipamento doméstico*

¹⁰ Em Bambuí, como o município é pequeno, anda-se muito a pé. Portanto, gastar com transporte coletivo para trabalhar no centro da cidade ou com automóveis não é uma necessidade básica para as famílias de renda mais baixa.

permanece mais ou menos a mesma) não funcionou para a habitação, que se comportou como a alimentação, ou seja, os percentuais diminuíram conforme o nível de renda. O que se pode observar é que a alimentação e a habitação são necessidades básicas em todos os níveis de renda, não aumentando tanto com a renda, ou seja, em Bambuí-MG, não se observou um consumo elevado de produtos alimentícios de luxo nem a ocupação de pequenas mansões quando a renda é superior. Portanto, o que se viu com o aumento da renda é o gasto com outros itens, reduzindo a participação dos itens básicos (Tabela 24).

Tabela 24 – Consumo familiar em função dos níveis de renda – Bambuí-MG, 2010

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)			
	Total	Nível de renda		
		C	B	A
Alimentação	25,3	31,6	20,1	14,4
Habitação	22,1	26,0	19,0	13,0
Vestuário	5,5	5,4	5,7	5,3
Transportes	7,7	4,7	10,3	11,3
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	4,5	3,0	1,8
Assistência à Saúde	7,5	8,3	6,7	7,9
Educação	2,8	1,5	4,0	4,7
Recreação e Cultura	1,7	1,4	2,0	2,7
Fumo	1,3	1,7	1,0	0,2
Serviços Pessoais	1,5	1,5	1,6	1,2
Despesas Diversas	5,9	4,7	7,2	5,5
Outras Despesas	6,8	4,1	8,3	19,0
Diferença renda/consumo	1,7	-0,2	3,8	0,1
Poupança	6,4	4,9	7,3	13,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os gastos com vestuário obedeceram à terceira lei de Engel (*à medida que a renda cresce, a proporção gasta em vestuário permanece a mesma, ou talvez, aumente um pouco*), permanecendo praticamente a mesma nos três níveis de renda, indicando que as famílias de renda alta, média e baixa gastaram com roupas, calçados, jóias e acessórios de forma proporcional à sua renda. O mesmo fenômeno ocorreu com os serviços pessoais (manicure, cabeleireiro e barbeiro), que estão intimamente ligados ao vestuário (Tabela 24).

As despesas com higiene e cuidados pessoais se alteraram como a alimentação e a habitação, ou seja, decrescendo significativamente conforme o nível de renda, o que significa que, para a maioria das famílias do município, os produtos do grupo higiene e beleza eram mais uma necessidade do que um luxo.

No grupo de assistência à saúde, os gastos percentuais das famílias de renda média foram um pouco menores do que nas famílias de renda baixa e de renda alta (Tabela 24). A razão reside no fato de que, no nível de renda C, estavam, em grande quantidade, as famílias no estágio tardio, que gastam naturalmente mais com saúde, notadamente com remédios, e, no estrato A, as maiores rendas destas famílias permitiram gastos maiores com planos de saúde mais caros, além de praticamente não terem utilizado os serviços de saúde pública.

As famílias de renda alta e de renda média gastaram bem mais com educação do que as famílias de renda baixa. O que pode explicar esta diferença são vários fatores: 1) a renda maior das classes A e B permitiram gastos com educação particular e a consolidação da busca por uma escolaridade maior; 2) nas famílias de renda baixa, havia muitas famílias no estágio tardio, que possuíam escolaridade baixa e não buscavam aumentá-la; 3) a maior parte das famílias de renda baixa utilizava-se do ensino público, que oferecia cursos de nível fundamental e médio para todos os estudantes, inclusive para jovens e adultos.

Os gastos com o grupo recreação e cultura, considerado um item de luxo, aumentaram conforme o nível de renda. O mesmo ocorreu com as outras despesas, que incluem empregados domésticos e mesadas, por exemplo. Neste último grupo, a diferença entre os níveis de renda foi muito significativa: 19% nas famílias de renda alta, 8,3% nas famílias de renda média e 4,1% nas famílias de renda baixa (Tabela 24). Estes itens confirmaram a quarta lei de Engel (*à medida que a renda cresce, a proporção gasta em luxos cresce*).

Os gastos com fumo decresceram com a renda. Como ocorreu com a alimentação e a habitação, as famílias de renda alta de Bambuí não consumiram, necessariamente, cigarros de luxo nem em maior quantidade do que os de renda média ou baixa, o que fez a participação percentual do artigo cair em função da renda.

As despesas diversas foram maiores nas famílias de renda média e caíram nas famílias de renda alta e de renda baixa. A compreensão destas diferenças depende de análise mais detalhada de cada subitem do grupo, demonstrada por meio da Tabela 25.

Tabela 25 – Consumo médio dos subitens das despesas diversas nos níveis de renda das famílias – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%		
	C	B	A
Festas familiares	0,7	1,3	0,9
Religiões	1,0	0,7	0,3
Profissionais	0,0	0,5	0,4
Viagens	0,7	2,1	2,2
Presentes	1,1	1,3	1,1
Animais e plantas	1,1	1,4	0,7
Total	4,7	7,2	5,5

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

** No item religiões, estão incluídos dízimo e caridade.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos subitens das despesas diversas, observou-se que as famílias de renda média gastaram mais de sua renda com festas familiares, presentes, animais e plantas e serviços de profissionais do que as famílias de outros níveis de renda. As famílias de renda alta gastaram mais somente com viagens, mesmo assim com um percentual próximo aos das famílias com renda baixa. As famílias de renda baixa, por sua vez, foram as que mais fizeram caridade ou contribuíram com suas igrejas. Portanto, predominaram neste item as famílias de renda média (Tabela 24).

No item outras despesas, os gastos das famílias cresceram com a renda em uma proporção importante (Tabela 24). Por meio da Tabela 26, é possível analisar os subitens para compreender melhor os percentuais gerais do item outras despesas. Por causa da alta renda e a propensão a gastar com bens e serviços de luxo, as famílias do nível A gastaram mais com empregados domésticos do que as famílias de renda média e de renda baixa.

Além disso, as famílias de renda alta deram mais mesadas para os filhos que saíram de casa e gastaram pouco mais com serviços financeiros. As famílias de renda média pagaram mais pensões alimentícias do que as famílias de renda baixa e do que as famílias de renda alta, que não tiveram nenhum caso. As famílias do nível C somente gastaram mais com empréstimos pessoais do que as famílias de nível B e de nível A, muitas vezes para complementar suas despesas básicas.

Tabela 26 – Consumo médio dos subitens das outras despesas nos níveis de renda das famílias – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%		
	C	B	A
Empregados domésticos	0,46	2,10	7,54
Pensões alimentícias	0,22	0,51	0,00
Mesadas	0,32	2,90	8,84
Empréstimos pessoais	2,06	1,33	0,97
Serviços financeiros	1,03	1,44	1,66
Total	4,1	8,3	19,0

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

O item que trata da diferença entre renda e consumo informados possuiu percentuais distintos em cada um dos três níveis de renda. As famílias de renda baixa, em média, superestimaram suas despesas ou superestimaram sua renda líquida, com um percentual de -0,2%. As famílias de renda alta foram mais precisas em informar as despesas conforme sua renda líquida, o que não ocorreu com as famílias de renda média, que tiveram dificuldade em quantificar a distribuição da renda em suas despesas (Tabela 24).

Finalmente, o item poupança também cresceu com a renda, pois as famílias de renda alta, uma vez satisfeitas suas necessidades, guardaram mais de sua renda mensal para consumir no futuro do que as famílias de renda média e de baixa. Observa-se que as famílias, em geral, pouparam mais do que tomaram emprestado, pois os percentuais totais de poupança foram maiores do que os dos empréstimos pessoais.

4.3.2 Análise do padrão de consumo das famílias em função dos estágios do ciclo de vida familiar

As famílias, em geral, gastaram diferentemente, dependendo do estágio do ciclo de vida em que se encontravam. É possível observar, por meio da Tabela 31, que em alguns itens básicos de todas as idades e estágios, como a alimentação, os percentuais pouco se alteraram, mas, em outros, típicos de alguns estágios, como a saúde, as diferenças foram consideráveis.

As famílias recém-formadas tiveram maiores gastos com habitação, transportes e despesas diversas, alguns itens básicos e outros que os casais jovens se permitem fazer com a ausência de filhos, mas poupando menos que as famílias dos outros estágios.

Estes gastos, em parte, vão de encontro ao estudo de Blackwell et al. (2009), analisado anteriormente, que diz que “os recém-casados tendem a gastar mais com carros, roupas, férias, lazer e mobília” (Quadro 24) e ao estudo de Dubois (1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009), que diz que os jovens casais gastam mais com bens duráveis e lazer. As famílias com filhos pequenos somente tiveram maiores gastos em recreação e cultura, por causa da idade dos filhos, como foi relatado no estudo dos primeiros autores supracitados, que se referiram a gastos maiores sob a influência dos filhos, como com bicicletas, aulas de música e equipamentos esportivos, entre outros. As famílias com adolescentes utilizaram mais de sua renda líquida do que as demais famílias em alimentação, vestuário e educação, gastos típicos de filhos adolescentes. As famílias do ninho vazio preponderaram somente em outras despesas, que podem ser feitas após a saída dos filhos e que são denominadas pelos referidos autores de “itens de luxo”. As famílias do estágio tardio gastaram mais com saúde, despesas diversas e poupança (Tabela 27). Os gastos deste estágio foram os que mais coincidiram com os citados por Blackwell et al. (2009), que fizeram menção a maiores gastos com saúde, viagens, caridade (religião), lazer (recreação e cultura), jardinagem (animais e plantas) e limpeza.

Tabela 27 – Consumo familiar em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)					
	Total	Estágios do ciclo de vida familiar				
		1	2	3	4	5
Alimentação	25,3	24,8	23,0	27,4	24,7	25,4
Habitação	22,1	26,7	23,9	24,3	21,3	18,9
Vestuário	5,5	5,9	6,4	6,6	5,2	4,3
Transportes	7,7	12,2	5,9	8,8	7,7	7,4
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	4,3	3,8	3,1	3,8	3,9
Assistência à Saúde	7,5	2,4	6,1	4,9	6,4	11,5
Educação	2,8	2,9	3,9	4,8	2,7	0,8
Recreação e Cultura	1,7	1,0	2,5	1,8	1,3	1,6
Fumo	1,3	0,0	1,0	1,3	2,1	1,3
Serviços Pessoais	1,5	2,3	1,4	1,5	1,3	1,7
Despesas Diversas	5,9	6,7	5,4	5,5	4,8	7,2
Outras Despesas	6,8	7,0	7,3	4,4	13,5	4,9
Diferença renda/consumo	1,7	2,9	1,0	1,7	0,5	2,7
Poupança	6,4	0,8	8,5	4,1	4,8	8,6

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

1 Famílias recém-formadas

2 Famílias com filhos pequenos

3 Famílias com adolescentes

4 Ninho vazio

5 Famílias no estágio tardio

Fonte: Dados da pesquisa.

A alimentação não sofreu grandes alterações, gravitando em torno da média total de 25,3%. O maior percentual ocorreu nas famílias com adolescentes, cuja pequena diferença pode ser explicada pela maior frequência de alimentação fora de casa neste estágio (38,7%) em relação aos demais estágios (Tabela 27).

As proporções sobre a renda líquida das famílias do item habitação foram maiores nos estágios iniciais e menores nos estágios finais. A análise dos subitens pode explicar essa variação, que pode ser observada por meio da Tabela 28. Considerando que o subitem contas apresentou maior percentual em quatro dos cinco estágios e com percentuais relativamente semelhantes, a diferença de consumo de habitação entre os estágios se deu pela diferença dos outros subitens em relação àquele.

Tabela 28 – Consumo médio dos subitens da habitação em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Subitens	Estágios do ciclo de vida familiar				
	%				
	1	2	3	4	5
Aluguéis ou prestações de imóveis	10,2	6,8	5,4	3,7	0,4
Artigos de limpeza	3,8	3,6	3,6	3,9	4,2
Manutenção	2,1	0,2	0,8	0,8	1,2
Contas	8,5	10,4	12,5	9,1	11,2
Eletrodomésticos	1,6	1,7	1,6	3,1	1,1
IPTU	0,6	0,4	0,4	0,5	0,7
Outros	0,0	0,7	0,0	0,4	0,2
Total	26,7	23,9	24,3	21,3	18,9

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

* O item contas inclui água, energia elétrica, telefone fixo e celular, internet, TV a cabo, entre outras.

Fonte: Dados da pesquisa.

No primeiro estágio, os aluguéis ou prestações de imóveis foram preponderantes. As famílias recém-formadas, jovens, que não possuíam casa própria quitada como as famílias dos estágios finais, gastaram com este subitem mais do que as famílias dos outros estágios. O percentual significativo das famílias com filhos pequenos com aluguéis ou prestações de imóveis ratifica o estudo de Dubois (1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009), que diz que as famílias com filhos pequenos gastam mais com habitação. Verificou-se que, à medida que as famílias envelhecem, muitas delas compram ou quitam seus imóveis e o gasto percentual com aluguéis ou prestações reduz gradativamente, o que de fato ocorreu. Os demais subitens obtiveram percentuais semelhantes ou pouco significativos, à exceção dos gastos com manutenção dos imóveis nas famílias recém-formadas e a maior aquisição de eletrodomésticos no estágio de

ninho vazio em relação aos demais estágios, já que ali se encontra o apogeu financeiro da maioria das famílias.

No item vestuário, os maiores percentuais aconteceram onde estão os filhos, sejam pequenos ou adolescentes, e os menores nos demais estágios, principalmente no estágio tardio, o que pode ser atestado pelo estudo de Dubois (1994, *apud* KARSAKLIAN, 2009), que se refere ao fato de que o seu estágio ninho cheio II, correspondente ao das famílias com filhos pequenos, aumentam seus gastos percentuais com vestuário, enquanto as famílias de ninho vazio II (estágio tardio) reduzem esta proporção.

Os gastos percentuais com transporte não foram semelhantes nos diferentes estágios. As famílias recém-formadas possuíram percentuais bem maiores que as famílias dos outros estágios nos quatro subitens principais. Percebeu-se uma baixa destinação de gastos com saúde e com poupança e alta para o transporte, que era, muitas vezes, a forma destas famílias buscarem a sua estabilidade financeira e o aumento da escolaridade. Quando os filhos chegam, mas a estabilidade financeira ainda não, os gastos com transporte deixam de ser prioridade, o que se transfere para a saúde e para a poupança. Nos demais estágios, os gastos com transportes se equilibraram em relação à média total, com destaque para as famílias com adolescentes, que utilizaram mais combustíveis e pagaram mais prestações de veículos (Tabela 29).

Tabela 29 – Consumo médio dos subitens do transporte em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Subitens	Estágios do ciclo de vida familiar				
	%				
	1	2	3	4	5
Transporte coletivo	1,3	0,8	0,8	0,7	0,6
Combustíveis	3,9	2,1	2,7	2,7	3,4
Prestação de veículos	4,0	1,1	3,1	2,0	0,8
Manutenção	1,7	0,9	1,2	1,0	1,3
Seguros e impostos	1,3	0,7	0,8	1,2	1,3
Outros	0,0	0,2	0,2	0,1	0,0
Total	12,2	5,9	8,8	7,7	7,4

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os gastos com o item higiene e cuidados pessoais não apresentaram significativas alterações nos percentuais entre os estágios do ciclo de vida familiar, girando em torno da média de 3,7% da renda líquida, com uma pequena diminuição nas famílias com adolescentes. Do mesmo modo, estiveram os gastos com o item serviços

personais, que praticamente não se alteraram, a não ser nas famílias recém-formadas, com cônjuges mais jovens, que gastaram mais com cabeleireiros, barbeiros e manicures do que a média total (Tabela 27).

O item saúde é um item típico de variação com a idade dos membros e o estágio do ciclo de vida familiar. As famílias recém-formadas, sem filhos e com cônjuges ainda jovens, possuíram o percentual mais baixo entre os cinco estágios, bem menor que a média total das 190 famílias. No segundo estágio, o percentual subiu em virtude da presença de filhos e das idosas que coabitavam com netos. Nas famílias com adolescentes, em que os filhos já cresceram e os cônjuges ainda estão relativamente jovens, o gasto com saúde decresceu. No estágios finais, verificou-se gastos maiores com a assistência à saúde (Tabela 27).

Os gastos com a educação, assim como o vestuário, foram maiores onde houve a presença de filhos e menores no estágio tardio. Nas famílias com filhos pequenos, muitos filhos estudavam em escolas particulares e, nas famílias com adolescentes, estes começaram a cursar cursos superiores, como no estágio do ninho cheio III de Blackwell *et al.* (2009). Verificou-se que as famílias do estágio tardio praticamente não gastaram com educação.

Os gastos com recreação e cultura também acompanharam os do vestuário, ou seja, foram maiores nos estágios onde havia filhos (famílias com filhos pequenos e com adolescentes). Os idosos que se aposentaram em idade precoce (antes dos 60 anos) aproveitavam seu tempo para atividades de lazer, mais do que os membros das famílias de ninho vazio e das famílias recém-formadas, cujos membros mais trabalhavam do que gozavam do ócio (Tabela 27).

Notadamente, à exceção das famílias recém-formadas, verificou-se mais consumo de fumo onde havia menos recreação. Por outro lado, observou-se que os mais velhos fumavam mais que os mais jovens. Nas famílias recém-formadas, não houve nenhum caso de fumo entre os membros, pois a cultura anti-tabagista recente fez com que as pessoas mais novas fumassem menos, o que foi confirmado pelos entrevistados. Nas famílias com filhos, o percentual foi relativamente pequeno, mas cresceu no ninho vazio, em que estão membros maduros, cujos problemas de saúde ainda não se tornaram tão evidentes, e tornou a cair nas famílias do estágio tardio, mais por causa dos problemas de saúde do que por outros motivos.

O grupo despesas diversas teve percentuais diferentes, porém, não tão próximos da média como os gastos de alimentação nem tão díspares como os da saúde, por

exemplo; em outras palavras, o desvio padrão foi médio. As famílias no estágio tardio e as famílias recém-formadas possuíam os maiores percentuais de gastos com as despesas diversas e as famílias de ninho vazio os menores. A Tabela 30 traz o consumo dos subitens das despesas diversas.

Tabela 30 – Consumo médio dos subitens das “despesas diversas” em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Subitens	Estágios do ciclo de vida familiar				
	%				
	1	2	3	4	5
Festas familiares	1,7	1,0	0,9	0,6	1,2
Religiões	0,3	0,6	1,1	0,4	1,1
Profissionais	0,1	0,7	0,0	0,1	0,3
Viagens	1,8	1,5	1,4	1,2	1,5
Presentes	2,0	1,0	0,7	0,9	1,8
Animais e plantas	0,7	0,5	1,4	1,6	1,4
Total	6,7	5,4	5,5	4,8	7,2

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As famílias recém-formadas, por serem jovens e não possuírem filhos, realizaram mais festas familiares que outros estágios, acompanhadas das famílias no estágio tardio, que recebiam os filhos e netos nos finais de semana e período de férias. Quem fez mais caridade ou pagou mais dívidas para as igrejas foram as famílias com adolescentes e as famílias no estágio tardio e quem gastou mais com profissionais foram as famílias com filhos pequenos, provavelmente em função das pensões alimentícias, como observado no subitem do grupo outras despesas, analisado adiante. As viagens foram o subitem mais equilibrado do grupo, com leve diferença para as famílias recém-formadas, cujos membros viajaram mais para estudar fora. Quem gastou mais com presentes também foram as famílias recém-formadas e quem cuidou mais de animais e plantas foram as famílias no estágio tardio (Tabela 30).

No grupo outras despesas, a disparidade entre os percentuais foi bem maior. As famílias do ninho vazio gastaram mais de sua renda líquida com seus subitens, enquanto as famílias no estágio tardio e as famílias com adolescentes gastaram bem menos do que a média total. A análise deste item pode ser feita com o auxílio da Tabela 31.

As famílias recém-formadas e as famílias com filhos pequenos foram as que mais gastaram com empregados domésticos, os primeiros principalmente com diaristas para que os cônjuges pudessem trabalhar e os segundos com babás para tomar conta dos filhos pequenos. Com filhos maiores, as famílias com adolescentes e as de ninho vazio

não destinaram maiores percentuais com este subitem. O percentual de gastos com empregados domésticos cresceu um pouco entre as famílias do estágio tardio, principalmente com diaristas.

Tabela 31 – Consumo médio dos subitens das “outras despesas” em função dos estágios do ciclo de vida familiar – Bambuí-MG, 2010

Subitens	Estágios do ciclo de vida familiar				
	%				
	1	2	3	4	5
Empregados domésticos	2,4	2,4	1,3	1,1	1,5
Pensões alimentícias	0,0	1,1	0,0	0,5	0,1
Mesadas	0,0	2,0	0,5	5,5	1,4
Empréstimos pessoais	2,2	0,9	1,4	4,0	1,0
Serviços financeiros	2,4	0,9	1,1	2,4	0,8
Total	7,0	7,3	4,4	13,5	4,9

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As pensões alimentícias foram pagas em maior percentual pelos pais de famílias com filhos pequenos para filhos de outros casamentos ou que viviam com mães solteiras. Há algum gasto com o subitem nas famílias de ninho vazio e nas famílias do estágio tardio, por causa da presença dos filhos homens que voltaram a viver com os pais após os divórcios e separações.

As famílias de ninho vazio pagaram mais mesadas em relação às famílias de outros estágios, pois muitos dos filhos estudavam fora. Quem mais se utilizou de empréstimos pessoais também foram as famílias de ninho vazio, sendo muito comentada a utilização de cheque especial para este fim. As famílias recém-formadas se endividavam mais (e poupavam menos) para arcar com as despesas pessoais, já que também haviam se endividado com a aquisição de veículos e gastaram mais com viagens, presentes e festas familiares do que outros estágios. Não por acaso, também foram as famílias destes dois estágios que se utilizaram mais de serviços financeiros, como o pagamento da taxa de manutenção de conta corrente (Tabela 31).

Os percentuais do item diferença renda-consumo foram maiores nas famílias recém-formadas e nas famílias no estágio tardio. Não foi observado nenhum fator ligado aos estágios do ciclo de vida familiar que causasse a diferença entre os cinco percentuais ou mesmo entre a renda e o consumo. Estas diferenças dependiam muito mais de outros fatores, além do grau de escolaridade e da renda, como: se os respondentes eram ou não quem mais gerenciava as despesas da casa (dentro ou fora do domicílio); se todos os membros da família estavam ou não em casa no momento da

entrevista; a memória dos entrevistados acerca de todas as despesas do domicílio; o desconhecimento de valores exatos dos gastos mensais e das consequentes aproximações realizadas; ou mesmo se havia disposição ou tempo dos entrevistados para a participação na pesquisa.

Os percentuais de poupança foram os que apresentaram maior disparidade entre os itens de despesas familiares. Quem mais poupou foram as famílias no estágio tardio e as famílias com filhos pequenos, justamente quem menos utilizou de empréstimos pessoais. Nas famílias no estágio tardio, os gastos, em geral, diminuíram consideravelmente, com exceção da assistência e saúde e outros de menor importância, o que fez com que se destinassem recursos para a poupança. Nas famílias com filhos pequenos, havia muitos avós coabitando com netos, o que influenciou os percentuais deste estágio pelo mesmo motivo das famílias no estágio tardio. As famílias de ninho vazio e as famílias com adolescentes pouparam abaixo da média total por causa de seus maiores gastos com mesada e educação (Tabela 27).

4.3.3 Análise do padrão de consumo das famílias em função dos subestratos formados pelos estratos do nível de renda e pelos estratos dos estágios do ciclo de vida familiar

O objetivo de estabelecer subestratos que representassem uma combinação dos níveis de renda e dos estágios do ciclo de vida familiar, como uma nova variável, foi observar se existiriam semelhanças e diferenças no consumo familiar nestes subestratos, o que é diferente de analisar os mesmos itens de consumo em função somente dos níveis de renda e somente em função dos estágios do ciclo de vida familiar, como realizado nos itens anteriores.

A Tabela 32 traz os dados percentuais sobre o consumo dos itens de despesa pelas famílias bambuienses, em função dos subestratos formados pelos níveis de renda e pelos estágios do ciclo de vida familiar. Em uma primeira análise, foi possível observar que as famílias dos subestratos de renda baixa possuíam maiores percentuais em alguns dos itens básicos, como alimentação, vestuário e higiene e cuidados pessoais, e menores do que em itens considerados menos essenciais, como educação particular e transportes, ocorrendo o inverso nas famílias de renda alta e média. Em outros itens, as variações nos subestratos não foram tão uniformes. Ressalta-se que, no subestrato A1 (famílias

recém-formadas de renda alta), não houve frequência. A seguir, será realizada uma análise mais criteriosa em cada categoria.

Tabela 32 – Consumo familiar por item de despesa em função dos substratos – Bambuí-MG, 2010

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)															
	Total	Nível de renda (salários mínimos) x estágio do ciclo de vida familiar														
		C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Alimentação	25,3	30,7	21,3	0,0	30,0	19,0	10,3	35,8	22,7	10,9	29,3	19,6	25,4	31,0	18,2	15,3
Habitação	22,1	42,9	17,0	0,0	27,4	22,0	17,8	27,3	23,7	9,9	28,6	15,1	9,8	22,0	14,8	14,1
Vestuário	5,5	6,6	5,5	0,0	6,4	6,8	3,4	6,4	6,5	8,6	5,7	4,8	4,0	4,1	4,5	4,2
Transportes	7,7	1,7	18,5	0,0	4,6	6,1	12,2	5,0	11,1	14,2	5,7	9,9	6,6	4,4	11,4	9,7
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	5,6	3,6	0,0	4,7	3,4	1,9	3,5	2,9	2,1	4,6	3,3	0,7	4,8	2,6	2,2
Assistência à Saúde	7,5	2,9	2,1	0,0	5,3	5,6	13,7	4,9	5,1	4,1	7,6	5,3	5,8	12,3	10,8	5,7
Educação	2,8	2,3	3,3	0,0	2,7	4,8	4,3	3,2	5,5	9,0	1,0	4,8	0,4	0,1	1,6	1,4
Recreação e Cultura	1,7	1,2	0,9	0,0	2,3	2,4	3,7	1,3	2,0	2,8	1,0	1,6	0,4	1,2	2,0	3,6
Fumo	1,3	0,0	0,0	0,0	0,2	1,8	0,0	2,2	0,7	0,0	3,3	1,0	0,8	1,5	1,1	0,1
Serviços Pessoais	1,5	1,9	2,6	0,0	1,5	1,4	1,2	1,0	1,8	1,6	1,3	1,4	0,6	1,7	1,6	1,1
Despesas Diversas	5,9	5,0	7,7	0,0	4,3	6,2	5,6	5,0	6,0	4,5	2,2	7,5	6,3	5,8	9,0	6,5
Outras Despesas	6,8	0,8	10,7	0,0	3,9	8,5	17,8	3,1	4,2	14,1	8,3	16,8	30,6	3,2	6,8	14,2
Diferença renda/consumo	1,7	-1,6	5,7	0,0	0,2	1,9	0,0	-0,5	3,6	0,8	-2,0	3,4	-1,0	0,8	5,2	0,4
Poupança	6,4	0,0	1,2	0,0	6,6	10,1	7,9	1,7	4,3	17,5	3,5	5,6	9,6	7,1	10,3	21,6

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

O item alimentação, em todos os substratos, teve participação percentual maior nos substratos de renda baixa, caindo significativamente conforme o nível de renda, com duas exceções. Entre as famílias de ninho vazio, o percentual das famílias de renda alta foi superior ao das famílias de renda média e, nos estágios tardios, os percentuais foram relativamente próximos entre as famílias de renda média e de renda alta. A principal causa desta diferença, conforme relatado por alguns entrevistados, é que os filhos e netos se alimentavam nos finais de semana e nos períodos de férias com a família de origem, o que foi computado, por decisão dos próprios respondentes, não como um gasto do subitem festas familiares e, sim, como parte do consumo do item alimentação, já que a frequência de visitas era relativamente alta (Tabela 32).

O consumo de habitação comportou-se de maneira semelhante à da alimentação, ou seja, os percentuais foram maiores nos estratos de renda baixa, caindo gradativamente à medida que a renda aumentou, contradizendo a já referida lei de Engel. Para as famílias recém-formadas, compostas, em geral, por membros jovens que estão iniciando a vida familiar, a infra-estrutura de uma habitação nova e o preço da moradia não são muito diferentes (seja aluguel ou prestação do imóvel)¹¹, mas o peso

¹¹ Em Bambuí, houve uma recente explosão imobiliária em função do crescimento do Instituto Federal Minas Gerais e da implantação da usina Total Canavieira S/A, que empregaram muitas novas famílias e inflacionou o mercado imobiliário, seja para a aquisição, seja para o aluguel.

que a habitação possuía nos ganhos das famílias de renda média e baixa era muito diferente neste estágio. A Tabela 33 traz a distribuição percentual do consumo de subitens sobre a renda líquida das famílias.

Tabela 33 – Consumo médio dos subitens da habitação em função dos substratos – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%														
	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Aluguel ou prestação de imóveis	21,5	3,5	0,0	7,0	6,4	8,2	6,4	5,2	1,0	7,3	0,3	0,0	0,6	0,0	0,0
Artigos de limpeza	4,1	3,6	0,0	4,8	2,9	1,8	4,5	3,1	2,4	4,8	3,3	1,7	4,9	3,3	2,6
Manutenção	1,2	2,6	0,0	0,2	0,2	0,4	0,6	1,0	0,4	0,0	1,7	0,0	1,4	0,9	0,4
Contas	12,5	6,1	0,0	13,6	8,7	4,9	13,6	12,4	5,4	10,3	8,1	7,1	12,8	9,1	9,3
Eletrodomésticos	3,3	0,5	0,0	0,7	2,5	2,3	1,6	1,7	0,0	4,9	1,5	0,0	1,2	0,9	1,1
IPTU	0,3	0,7	0,0	0,7	0,3	0,2	0,6	0,3	0,6	0,5	0,4	1,0	0,7	0,7	0,7
Outros	0,0	0,0	0,0	0,4	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0
Total	42,9	17,0	0,0	27,4	22,0	17,8	27,3	23,7	9,9	28,6	15,1	9,8	22,0	14,8	14,1

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Como a maioria das famílias bambuienses possuía casa própria, o subitem contas foi o que teve maior participação, em geral, no item habitação, na maior parte dos substratos, acompanhados do aluguel ou prestação de imóveis e dos artigos de limpeza. Pela impossibilidade de arcar com as despesas de aquisição de imóveis, o aluguel preponderou nas famílias de renda baixa em todos os substratos, com diferenças maiores nos substratos C1 e C4 em relação aos outros substratos do mesmo estágio do ciclo de vida familiar. Isto porque as famílias recém-formadas de renda baixa (C1) não possuíam ainda condições de possuir um imóvel próprio quitado, enquanto as famílias de ninho vazio de renda média (B4) e alta (A4) já o possuíam. Os subitens artigos de limpeza, contas, eletrodomésticos, manutenção e IPTU tiveram distribuição relativamente semelhante entre os substratos, variando mais em função do peso que a habitação possuía no consumo das famílias de rendas diferentes do que propriamente em função de diferenças entre os substratos. (Tabela 33).

O item vestuário teve maiores percentuais nos substratos iniciais, não variando conforme a renda, como observado anteriormente. As variações entre os substratos do mesmo estágio do ciclo de vida familiar não foram significativas, com exceção das famílias recém-formadas.

O item transporte sofreu variações bastante diferentes entre os substratos, pois teve forte influência tanto dos níveis de renda quanto dos estágios do ciclo de vida familiar. As famílias de renda média e alta consumiram mais transporte e as famílias

nos estágios iniciais, principalmente as recém-formadas, gastaram bem mais com este item do que os demais estágios. O maior percentual coube às famílias do substrato B1, por reunirem dois dos aspectos que mais influenciaram o consumo do transporte, que foram a ausência de filhos (que redirecionariam gastos dos transportes para outros itens) e a renda média, que tornaram possível o deslocamento para estudar fora, seja com transporte coletivo, seja com veículo próprio (Tabela 34).

Tabela 34 – Consumo médio dos subitens do transporte em função dos substratos – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%														
	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Transporte coletivo	0,0	2,1	0,0	0,2	1,5	0,0	0,4	1,0	1,4	0,5	0,8	0,5	0,7	0,5	0,0
Combustíveis	1,2	5,6	0,0	2,2	1,9	3,1	2,3	2,9	3,3	1,8	3,8	2,5	2,1	5,1	3,6
Prestação de veículos	0,0	6,4	0,0	0,6	0,7	6,2	0,7	4,6	6,9	1,3	2,9	1,1	0,0	2,0	0,0
Manutenção	0,0	2,7	0,0	0,9	0,9	1,1	1,2	1,3	0,9	1,1	0,9	0,4	0,9	1,8	2,4
Seguros e impostos	0,6	1,7	0,0	0,4	0,9	1,0	0,4	0,9	1,7	0,8	1,5	2,1	0,7	1,9	3,7
Outros	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,9	0,0	0,3	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	1,7	18,5	0,0	4,6	6,1	12,2	5,0	11,1	14,2	5,7	9,9	6,6	4,4	11,4	9,7

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 34 traz a distribuição dos subitens dos transportes, o que auxilia na compreensão do consumo deste item. Quem mais usou o transporte coletivo foram as famílias recém-formadas de renda média (B1), como já abordado, notadamente para estudar, gastando consideravelmente com combustíveis e a prestação de veículos, como também gastaram os substratos A2, B3, C3 e B4.

Os percentuais de higiene e cuidados pessoais nas famílias de renda baixa e média foram mais altos do que nas famílias de renda alta, mas pouco sofreram alterações com os estágios do ciclo de vida familiar, a não ser por pequenas variações não muito significativas. Do mesmo modo, os serviços pessoais, que pouco se alteraram com a renda e com os estágios do ciclo de vida familiar, também não apresentaram significativas diferenças entre os substratos. Uma pequena exceção se apresentou nas famílias recém-formadas de renda média, cujas mulheres jovens, principalmente, deram mais atenção aos cuidados com o corpo (Tabela 32).

A assistência à saúde variou com os estágios do ciclo de vida familiar mais do que com a renda. Os substratos com maiores percentuais foram o das famílias com filhos pequenos com renda alta, por causa da possibilidade dos pais em oferecer melhores planos de saúde para os filhos pequenos e em ocasião da presença de idosos

coabitantes com netos, e nas famílias no estágio tardio de renda baixa e média, em virtude da maior necessidade dos membros mais velhos de assistência à saúde.

Na educação, os gastos foram maiores entre os mais jovens e entre os que possuíam renda média e alta. Por isto mesmo, os substratos das famílias recém-formadas, com filhos pequenos e com adolescentes foram os que mais tiveram gastos com educação, à exceção das famílias de ninho vazio de renda média, que apresentaram uma frequência relativamente baixa. O substrato que possuiu o maior percentual de gastos com educação foi o das famílias com adolescentes de renda alta, que pagavam cursinhos ou faculdades para os filhos (Tabela 32).

Os gastos com recreação e cultura aconteceram nos substratos onde havia a presença de filhos. As famílias mais recreantes estavam nos substratos A2, que possuíam mais condições de oferecer oportunidades de lazer para os filhos na idade própria de recrear; A5, cujos membros aposentados aproveitavam seu ócio com atividades do tipo; e A3, onde estavam os adolescentes de renda alta, que puderam usufruir de mais opções de lazer do que os de renda média ou baixa. As famílias menos recreantes foram as que estavam nos substratos A4, cujos membros eram mais maduros, ainda trabalhavam e ajudavam os filhos fora de casa, e B1, cujos membros geralmente estudavam e trabalhavam.

O fumo não estava presente nas famílias recém-formadas e os percentuais eram inexistentes ou muito pequenos nos substratos de renda alta. Nos demais substratos, os maiores percentuais praticamente coincidiram com os que menos recreavam, o que leva a crer que o fumo, principalmente para os membros das famílias nos estágios finais e de renda baixa, significou um tipo de recreação ou um substituto para o lazer. Os maiores percentuais estavam no substrato C4 (Tabela 32).

O consumo do grupo despesas diversas não foi uniforme em relação aos substratos, o mesmo acontecendo se analisado em função dos níveis de renda ou dos estágios do ciclo de vida familiar. É preciso analisar os subitens para observar as razões para tais diferenças, por meio da Tabela 35.

As festas familiares foram relativamente uniformes entre os substratos, mas foram mais presentes nos substratos das famílias recém-formadas B1 e C1, que pareceram substituir a recreação pelas festas domésticas, e no substrato B5, em que os idosos recebiam os filhos e netos em certas ocasiões. Os gastos com religiões (dízimo e caridade) apresentaram pouca variação em função dos substratos, enquanto os gastos com profissionais ocorreram em poucos substratos, mas notadamente nas famílias com

filhos pequenos, com advogados, possivelmente para questões que envolvem guarda dos filhos e consequente pagamento de pensões alimentícias (já que houve um percentual significativo de gasto nos substratos das famílias com filhos pequenos de renda média e baixa, se comparados com os demais substratos), e, nas famílias no estágio tardio, com dentistas. As viagens foram o subitem principal das despesas diversas, responsável pela maior participação no item como um todo, ocorrendo com maior importância nas famílias recém-formadas (para estudos), nas famílias tardias (para fins de lazer ou saúde) e nas famílias de renda alta (principalmente para lazer). Os maiores percentuais ocorreram nos substratos A4, A5, A2 e C1. Os presentes possuíam distribuição bastante uniforme entre os substratos, sendo a maior exceção o substrato B1. O gasto com animais e plantas foi pequeno, mas com maiores percentuais nas famílias de ninho vazio e do estágio tardio, tido como uma atividade de lazer (Tabela 35).

Tabela 35 – Consumo médio dos subitens das despesas diversas em função dos substratos – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%														
	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Festas familiares	1,6	1,8	0,0	1,4	0,8	0,5	0,5	1,1	1,0	0,2	1,0	1,2	0,6	1,9	0,7
Religiões	0,0	0,4	0,0	0,8	0,4	0,1	1,4	1,0	0,6	0,4	0,5	0,1	1,3	0,8	0,5
Profissionais	0,0	0,2	0,0	0,2	1,2	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,7	1,4
Viagens	2,3	1,5	0,0	0,9	1,8	2,7	0,5	2,2	0,5	0,1	2,0	3,3	0,8	2,2	3,2
Presentes	1,2	2,6	0,0	0,9	1,0	1,5	0,5	0,7	1,2	0,5	1,2	0,6	1,8	1,7	0,7
Animais e plantas	0,0	1,2	0,0	0,1	1,0	0,0	2,0	0,9	1,2	0,8	2,5	1,1	1,3	1,7	0,0
Total	5,0	7,7	0,0	4,3	6,2	5,6	5,0	6,0	4,5	2,2	7,5	6,3	5,8	9,0	6,5

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Do mesmo modo que as despesas diversas, as outras despesas não apresentaram variações uniformes, pois os subitens deste grupo foram bastante distintos, sendo maiores ou menores conforme o substrato, variando desde 30,6% no substrato B4 até 0,8% no substrato C1. A análise do consumo dos subitens, por meio da Tabela 36, traz maiores possibilidades de análise do item.

As pensões alimentícias tiveram percentuais pouco significativos, mas surgiram apenas nos substratos das famílias com filhos pequenos de renda baixa e média, mas relativos a filhos de outros casamentos ou de mães solteiras; e, nos substratos B4 e B5, onde havia pais separados ou divorciados que moravam com seus pais e que pagavam pensões aos filhos. As mesadas somente ocorreram com significância apenas nas famílias de renda média e alta onde havia filhos. Os gastos com empregados domésticos

ocorreram principalmente onde havia filhos e nas famílias com renda alta, pois era um item de necessidade no primeiro caso e de luxo no segundo. Os empréstimos pessoais foram maiores nas famílias de renda média e baixa, com exceção das famílias do subestrato A2, sendo mais significativos nos subestratos B4 e C4, possivelmente por causa da ajuda que prestam aos filhos como forma de mesadas e estudos, e, no subestrato B1, em razão das prestações de imóveis e veículos. Os serviços financeiros ocorreram, em geral, onde foram tomados os empréstimos pessoais (Tabela 36).

Tabela 36 – Consumo médio dos subitens das outras despesas em função dos subestratos – Bambuí-MG, 2010

Subitens	%														
	C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Empregados domésticos	0,0	3,8	0,0	2,1	2,0	6,2	0,0	1,5	7,9	0,2	1,0	8,8	0,1	3,1	8,0
Pensões	0,0	0,0	0,0	1,3	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	0,0	0,0	0,3	0,0
Mesadas	0,0	0,0	0,0	0,0	2,8	8,0	0,0	0,8	2,1	0,0	9,2	21,8	0,8	2,1	5,7
Empréstimos pessoais	0,0	3,6	0,0	0,0	1,3	2,9	2,8	0,5	0,0	4,2	4,3	0,0	1,8	0,0	0,0
Serviços financeiros	0,8	3,3	0,0	0,5	1,3	0,7	0,2	1,5	4,1	3,8	1,2	0,0	0,5	1,3	0,5
Total	0,8	10,7	0,0	3,9	8,5	17,8	3,1	4,2	14,1	8,3	16,8	30,6	3,2	6,8	14,2

* Qualquer soma manual que não alcance o total indicado deve-se ao arredondamento do *software* utilizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os percentuais do item diferença renda-consumo pouco variaram em função dos subestratos, não apresentando relações significativas. O nível de poupança variou bastante entre os subestratos, resultado das altas variações tanto em função da renda quanto em função dos estágios do ciclo de vida familiar. Em relação à renda, quanto mais se gasta, mais se poupa. Em relação aos estágios do ciclo de vida familiar, a presença de idosos (famílias tardias) e de filhos pequenos (famílias com filhos pequenos e famílias tardias) favoreceu os percentuais de não consumo. Entre os subestratos, os maiores índices foram os observados nos subestratos A5 e A3 (Tabela 32).

Com os dados da Tabela 37, foi possível fazer um resumo do consumo familiar sob a ótica dos itens de despesa. Os itens que apresentaram maiores variações em relação à média total foram a habitação, as outras despesas, a alimentação e a poupança, isto porque tiveram grandes alterações principalmente entre os subestratos de renda alta e baixa. No outro extremo, os itens que apresentaram menores variações foram os que possuem pouca importância sobre a renda líquida das famílias, mas que existem em todas ou em quase todas elas, como serviços pessoais, recreação e cultura, fumo, higiene e cuidados pessoais, vestuário e despesas diversas. Com exceção do item diferença renda-consumo, os desvios padrões intermediários ilustraram aqueles itens que representaram o consumo de bens não tão essenciais, ou seja, que surgem à medida

que a renda vai aumentando e ocorreram com maiores ou menores percentuais em determinados estágios do ciclo de vida familiar, como foi o caso dos transportes, da saúde particular e da educação particular.

Tabela 37 – Medidas descritivas dos itens de despesa das famílias – Bambuí-MG, 2010

Itens de despesa	Média total (%)	Desvio padrão em relação aos subestratos (%)	Subestratos com maiores percentuais	Subestratos com menores percentuais
Alimentação	25,3	7,9	C3 (35,8%)	A2 (10,3%)
Habitação	22,1	8,9	C1 (42,9%)	A4 (9,8%)
Vestuário	5,5	1,4	A3 (8,6%)	A2 (3,4%)
Transportes	7,7	4,6	B1 (18,5%)	C1 (1,7%)
Higiene e cuid. pessoais	3,7	1,3	C1 (5,6%)	A4 (0,7%)
Assistência à saúde	7,5	3,4	C5 (12,3%)	B1 (2,1%)
Educação	2,8	2,4	A3 (9,0%)	C5 (0,1%)
Recreação e cultura	1,7	1,0	A2 (3,7%)	A4 (0,4%)
Fumo	1,3	1,0	C4 (3,3%)	C1, B1, A2 e A3 (0,0%)
Serviços pessoais	1,5	0,5	B1 (2,6%)	A4 (0,6%)
Despesas diversas	5,9	1,7	B5 (9,0%)	C4 (2,2%)
Outras despesas	6,8	8,0	A4 (30,6%)	C1 (0,8%)
Diferença renda-consumo	1,7	2,4	B1 (5,7%)	A2 (0,0%)
Poupança	6,4	6,0	A5 (21,6%)	C1 (0,0%)

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando também os percentuais dos itens de despesa dentro dos subestratos (e não somente os percentuais dos subestratos dentro dos itens de despesa) por meio da Tabela 32, outros pontos de vista podem abordados sobre o consumo familiar, principalmente observando o Quadro 34.

O subestrato C1 teve uma concentração muito grande dos itens mais básicos, como alimentação, habitação e vestuário, gastando, somente com eles, 80,2% de sua renda líquida. Foi o subestrato cujas famílias mais gastaram com habitação e higiene e menos com outras despesas e transportes. No subestrato B1, cresceram bastante os itens transporte, outras despesas e despesas diversas. Os percentuais dos itens transporte, diferença renda-consumo e serviços pessoais foram os maiores entre todos os subestratos e os gastos com saúde foram os menores entre os demais subestratos. A juventude sem filhos dos membros das famílias recém-formadas com renda média fez com que a disposição para buscar a melhoria de renda e a preocupação com a aparência tivessem sido fatores importantes para maiores gastos com transporte, beleza e alguns subitens de luxo das despesas diversas e das outras despesas e para menores gastos com saúde. Não houve frequência no subestrato A1 (Tabela 32 e Quadro 34).

Quadro 34 – Maiores e menores percentuais dos itens de despesa nos subestratos – Bambuí, 2010

Sub.	Percentuais individuais (de cada subestrato)		Percentuais entre os subestratos	
	Maiores	Menores	Maiores	Menores
C1	Habitação, alimentação e vestuário	Fumo, poupança e outras despesas	Habitação e higiene	Transportes, fumo, outras despesas, poupança
B1	Alimentação, transporte, habitação e outras despesas	Fumo, recreação e poupança	Transporte e serv. pess.	Saúde e fumo
A1	-	-	-	-
C2	Alimentação, habitação, poupança e vestuário	Fumo, serviços pessoais e recreação	-	-
B2	Habitação, alimentação e poupança	Serviços pessoais, fumo e recreação	-	-
A2	Habitação, outras despesas, transportes e alimentação	Fumo, serviços pessoais, higiene e vestuário	Recreação e Saúde	Alimentação, vestuário e fumo
C3	Alimentação, habitação e vestuário	Serviços pessoais, recreação e poupança	Alimentação	-
B3	Habitação, alimentação, transportes e vestuário	Fumo, serv. pessoais, recreação e higiene	-	-
A3	Poupança, transportes e outras despesas	Fumo, serv. pessoais, higiene e recreação	Vestuário e educação	Fumo
C4	Alimentação, habitação, outras despesas e saúde	Educação, recreação e serv. pessoais	Fumo	Despesas diversas
B4	Alimentação, outras despesas, habitação e transporte	Fumo, serv. pessoais, recreação e higiene	-	-
A4	Outras despesas, alimentação, habitação e poupança	Educação, recreação, serv. pessoais, higiene e fumo	Outras despesas	Habitação, higiene, serv. pessoais e recreação
C5	Alimentação, habitação, saúde e poupança	Educação, recreação, fumo e serv. pessoais	-	Educação
B5	Alimentação, habitação, saúde e poupança	Fumo, educação, serv. pessoais e recreação	Despesas diversas	-
A5	Poupança, alimentação, outras despesas e habitação	Fumo, serv. pessoais, educação e higiene	Poupança	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos subestratos B2 e C2, houve consumo em todos os itens e não ocorreram o maior nem o menor percentual em nenhum dos casos. Um dos fatores que pode explicar o relativo equilíbrio entre os gastos destes subestratos foi a necessidade de conciliar a renda baixa e média com as necessidades de adultos, filhos ou netos pequenos e idosos. O subestrato A2, como todo subestrato de renda alta, teve pouca concentração dos itens básicos, com gastos percentuais também direcionados para outros itens, como saúde particular, transportes, outras despesas e poupança. As famílias deste subestrato foram as que mais gastaram com saúde, em virtude da presença de filhos pequenos, netos e idosos, que são os que mais necessitam da assistência à saúde, e as que mais recrearam. Entretanto, foram as que menos gastaram com vestuário e com alimentação.

As famílias do subestrato C3 tiveram concentração nos itens básicos, possuindo consumo em todos os itens e o maior percentual em alimentação entre todos os

subestratos. A pouca significância das disparidades do subestrato B3 fez com que este tivesse sido um dos mais equilibrados em termos de distribuição dos percentuais em relação à média, havendo consumo em todos os itens e não havendo nenhum percentual maior ou menor que os correspondentes nos demais subestratos. O subestrato A3 foi o que possuiu menor concentração nos itens mais básicos, com apenas 29,4% da renda líquida gastos com alimentação, habitação e vestuário, direcionando gastos para transporte, outras despesas e poupança, além de ter gastado mais com vestuário e educação do que os outros subestratos.

No subestrato C4, gastou-se muito com alimentação e habitação, e as famílias deste subestrato foram as que mais fumaram e as que apresentaram a maior variação negativa no item diferença renda-consumo (-2%). Havia muitas disparidades nos gastos das famílias do subestrato B4 em relação à média total, com destaque para o item outras despesas em virtude das mesadas gastas com os filhos que residiam fora de casa. Entretanto, houve consumo em todos os itens e o subestrato não teve o maior nem o menor percentual em nenhum item entre os subestratos. O subestrato A4 também teve pouca concentração nos itens básicos. A ausência dos filhos em casa e a possibilidade de ajudá-los fez com que este subestrato obtivesse a maior disparidade individual em relação à média total entre todos os itens de todos os subestratos, no item outras despesas, em virtude das mesadas. Por outro lado, foram as famílias que menos gastaram em quatro itens: habitação, higiene e cuidados pessoais, recreação e cultura e serviços pessoais (Tabela 32 e Quadro 34).

As famílias do subestrato C5 seriam como toda família de baixa renda, não fossem os gastos com a assistência à saúde, o que fez com que diminuísse a participação percentual em vários itens em relação à média total, sendo as famílias que menos gastaram com educação. O pouco consumo com itens mais básicos e as características de um subestrato tardio fez com que o subestrato B5 obtivesse percentuais significativos em vários itens menos básicos, como transporte, saúde particular, despesas diversas e poupança, sendo o subestrato que teve maior participação nas despesas diversas. As famílias do subestrato A5 possuíam muitos motivos para poupar: 1) gastavam pouco com alimentação e habitação, pois muitos dos filhos e ex-cônjuges já haviam saído de casa ou falecido e a casa própria já havia sido quitada; 2) gastavam pouco com vestuário, higiene e cuidados pessoais e serviços pessoais, porque já não estavam tão preocupados com a aparência; 3) praticamente não estudavam nem fumavam; 4) e nem gastavam tanto assim com a assistência à saúde. Porém, precisavam de empregados

domésticos e ainda davam mesadas para os filhos ou netos que moravam fora, o que fez crescer seus gastos com o item outras despesas. Portanto, foram as famílias que mais pouparam (Tabela 32 e Quadro 34).

Após detalhados todos os substratos analiticamente, foi possível sintetizar as informações por meio da Tabela 38, o que também pode facilitar a compreensão do cruzamento entre 14 itens de despesa e 15 substratos de renda x estágios do ciclo de vida familiar.

Tabela 38 – Desvios dos percentuais de consumo dos itens de despesas nos substratos – Bambuí, 2010

Sub.	Desvio padrão	Itens com maiores desvios acima da média nos substratos	Itens com maiores desvios abaixo da média nos substratos
C1	13,0	Alimentação, habitação e serv. pessoais	Outras despesas, transportes, saúde
B1	7,0	Transportes, serv. pessoais e outras desp.	Recreação, habitação e alimentação
A1	-	-	-
C2	9,4	Recreação e habitação	Transportes e outras despesas
B2	6,3	Educação e recreação	Alimentação e saúde
A2	6,3	Outras despesas, recreação e saúde	Alimentação e higiene
C3	10,7	Alimentação e habitação	Outras despesas, transportes, saúde e serviços pessoais
B3	7,3	Educação e transportes	Outras despesas e saúde
A3	5,6	Educação, outras despesas e transportes	Alimentação, habitação, higiene e saúde
C4	9,7	Habitação e higiene	Educação e despesas diversas
B4	6,0	Outras despesas e educação	Habitação, saúde e alimentação
A4	9,6	Outras despesas	Educação, higiene e serv. pessoais
C5	9,0	Saúde e higiene	Educação e outras despesas
B5	5,4	Desp. diversas, transportes e saúde	Educação, habitação, alimentação e higiene
A5	6,8	Poupança e recreação	Educação, higiene e alimentação

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando os dados da Tabela 38, nota-se que os maiores desvios padrões (maior ou igual a 9,0) estavam nos substratos das famílias de renda baixa, que concentraram as despesas principalmente nos itens básicos (alimentação, habitação e vestuário), como demonstra o Quadro 34; e, no substrato A4, que concentrou o consumo nas mesadas que enviavam para os filhos. Os menores desvios padrões (menores que 9,0) estavam nos substratos de renda média e alta, com exceção do já referido substrato A4. As famílias de renda média concentraram os gastos principalmente em educação e transportes, além dos itens básicos, e as famílias de renda alta o fizeram nas outras despesas e na poupança, além dos itens básicos. Os maiores desvios padrões aconteceram mais em função da renda do que em função dos estágios do ciclo de vida familiar, embora pequenas variações em muitos substratos tenham sido influenciados mais pelos estágios do ciclo de vida familiar do que pela renda.

5 CONCLUSÕES

Para ilustrar a condição socioeconômica e demográfica das famílias entrevistadas, levando em conta o ciclo de vida familiar, pôde-se criar um perfil destas famílias, considerando as maiorias observadas. A pessoa de referência típica das famílias bambuienses urbanas, em 2010, era um indivíduo do sexo masculino, com idade entre 40 e 70 anos, ativo economicamente, casado, com ensino fundamental incompleto e com até 2 filhos, com idade média de 25 anos. A sua família era nuclear composta, sem agregados, pertencente ao estágio tardio, possuindo renda baixa ou média.

A classificação dos estágios do ciclo de vida familiar utilizada no presente trabalho correspondeu às necessidades do estudo, embora a frequência das famílias recém-formadas e as famílias de renda alta tenham sido baixas, por motivos peculiares do município pesquisado. A única alteração sugerida em relação à classificação utilizada na pesquisa seria a inclusão de um estágio do ciclo de vida familiar que atendesse a condição de pais ou avós (cujo cônjuge mais velho for aposentado/pensionista ou com mais de 64 anos) coabitando com filhos, netos ou sobrinhos pequenos, o que caracterizaria o ninho cheio tardio. O estágio sugerido começaria com o início da coabitação do cônjuge mais velho ou único com mais de 64 anos (ou aposentado/pensionista) com filho, neto ou sobrinho até 12 anos e terminaria quando estes fizessem 13 anos ou com a morte de ambos os cônjuges ou do único, tendo por consequência a alteração do início e do término de outros estágios com esta sugestão. A classificação conjunta deste tipo de arranjo no estágio das famílias com filhos pequenos descaracterizou relativamente o segundo estágio utilizado na pesquisa. Uma vez que as análises fossem separadas, ambos poderiam ter uma caracterização mais típica em relação ao consumo.

A classificação apresentada e sugerida no presente trabalho se encaixaria na também sugerida *specific era*, o período de classificação dos estágios do ciclo de vida familiar que se caracteriza pela maior preocupação com a finalidade específica da segmentação das etapas do ciclo de vida do que com a própria segmentação, resultando em uma menor quantidade de estágios, porém, mais específicos, como já discutido na revisão de literatura. Este período continuaria as etapas do trabalho de Murphy e Staples (1979), como a quarta era das classificações dos estágios.

Considerando ainda os estágios do ciclo de vida familiar, sugere-se novos estudos em estágios específicos, como o estágio do jovem adulto solteiro, eliminado da pesquisa. O município estudado, por exemplo, por ter características universitárias, possui grande número de jovens adultos solteiros, seja morando sozinhos, seja em repúblicas.

Em função dos resultados obtidos pela pesquisa, observou-se que as variáveis renda e estágio do ciclo de vida familiar afetaram sobremaneira o comportamento das famílias bambuienses urbanas quanto ao consumo, cada qual com sua parcela em cada um dos itens de despesas familiares.

O consumo dos principais itens básicos, alimentação e habitação, decresceu com a renda, ao passo que a habitação sofreu mais influência dos estágios do ciclo de vida familiar do que a alimentação, embora a influência da renda tenha sido preponderante em ambos os casos. Enquanto a alimentação seguiu a primeira lei de Engel (BENNETT; KASSARJIAN, 1975), a habitação contradisse a segunda lei, não permanecendo a mesma conforme a renda.

Os gastos percentuais com vestuário, também um item básico, foram maiores nos três estágios iniciais e, principalmente, nos estágios em que havia a presença de filhos, não sofrendo influência considerável da renda, o que está de acordo com a terceira lei de Engel, que diz que a proporção gasta em vestuário permanece a mesma de acordo com a renda.

Os percentuais do item higiene e cuidados pessoais, ao contrário, não foram influenciados pelos estágios do ciclo de vida familiar, mas decresceu com a renda, fato que demonstrou que é um item básico (e não de luxo) no município. Os serviços pessoais, que também foram considerados como um item básico, não sofreram influência significativa da renda e dos estágios do ciclo de vida familiar.

Outros itens menos básicos sofreram influências distintas das variáveis envolvidas. Os percentuais do transporte cresceram com a renda, mas foram menos

influenciados pelos estágios do ciclo de vida familiar, embora se pôde notar que estiveram bastante vinculados à necessidade de se deslocar por ocasião de estudos, dentro ou fora do município. Os gastos com a assistência privada à saúde, tanto por meio dos remédios quanto pelos planos de saúde, foram mais influenciados pelos estágios do ciclo de vida familiar do que pela renda, sendo maiores nas famílias cujos membros eram mais velhos. A educação particular foi influenciada fortemente por ambas as variáveis, crescendo com a renda e presente nos estágios em que havia a presença de filhos, principalmente os que cursavam instituições de ensino superior.

Os gastos percentuais com o item recreação e cultura cresceram com a renda, sendo mais influenciados por esta variável, e ocorreram mais no estágio das famílias com filhos pequenos. O fumo também decresceu com a renda e foi mais influenciado por ela, mas ocorreu mais nas famílias de ninho vazio, nas quais se tornou um substituto para a recreação. O item despesas diversas, no geral, foi pouco influenciados pela renda ou pelos estágios do ciclo de vida familiar. A exceção foi o subitem viagens, que cresceu com o nível de renda, pois é considerado um subitem de luxo, seguindo a quarta lei de Engel.

As outras despesas, em geral, cresceram com a renda e foram influenciadas tanto pela renda quanto pelos estágios de acordo com o subitem. Como estes subitens, em geral, são considerados de luxo, seguiram a quarta lei de Engel, que diz que a proporção gasta com luxos cresce com a renda (BENNETT; KASSARJIAN, 1975). Os gastos percentuais com empregados domésticos cresceram com a renda e foram maiores nas famílias onde havia filhos. As pensões alimentícias cresceram com a renda, mas não foram influenciadas significativamente pelos estágios do ciclo de vida familiar. As mesadas para os filhos cresceram com a renda e ocorreram mais nas famílias com filhos pequenos ou que estavam fora de casa. Os empréstimos pessoais decresceram com a renda e ocorreram mais nas famílias sem filhos ou netos. Os serviços financeiros cresceram com a renda e acompanharam os empréstimos no comportamento quanto aos estágios do ciclo de vida familiar. Os percentuais da poupança cresceram com a renda e aconteceram onde estavam os filhos pequenos e os idosos.

Todos os substratos de renda baixa tiveram, pelo menos, alimentação e habitação em seus maiores percentuais e, dependendo do caso, vestuário e poupança. Eram famílias que consumiam preponderantemente os itens básicos e, sobrando recursos, poupavam, não aumentando significativamente os percentuais de outros itens. As famílias de renda média, além de também poupar e consumir os itens básicos,

passavam a consumir também itens menos básicos, como transporte, saúde particular, educação particular e outras despesas. As famílias de renda alta aumentaram ainda mais os percentuais de outras despesas e poupança.

As famílias recém-formadas, em geral, gastaram menos percentualmente com recreação e mais com transporte, vestuário (junto com outras famílias jovens) higiene e cuidados pessoais e serviços pessoais do que as famílias dos substratos de outros estágios do ciclo de vida familiar. Dentro dos substratos, as famílias com filhos pequenos gastaram com os itens básicos, menos básicos e não básicos de forma mais equilibrada, com um pequeno destaque para a variação da recreação em relação a outros itens. As famílias com adolescentes gastaram mais com educação e com um pouco mais de transporte, mas foram também mais equilibradas quanto ao consumo. As famílias de ninho vazio gastaram menos com itens básicos e recreação do que as famílias de outros estágios, mas bem mais com outras despesas, principalmente com mesadas e empréstimos pessoais. As famílias no estágio tardio gastaram mais com saúde e poupança e menos com educação e vestuário.

Outras variáveis importantes também foram observadas dentro do contexto, como: o grau de escolaridade ou a busca de mais escolaridade por parte dos mais jovens e dos membros das famílias de renda mais alta, o que influenciou o uso de transportes em geral e da educação; as poucas oportunidades de lazer em um município de pequeno porte fizeram com que se criassem substitutos para as atividades de recreação e cultura, como o fumo, as festas familiares e o cuidado com animais e plantas; a curta distância entre a maioria dos bairros e o centro da cidade fez com que a utilização de veículos próprios ou mesmo de transporte coletivo pelas famílias de renda baixa fosse dispensável em muitos casos; a falta de diversificação de cursos nas instituições de ensino superior acabou fazendo com que muitos dos filhos e cônjuges jovens estudassem fora, motivando muitos gastos extras; a baixa infra-estrutura dos hospitais e clínicas e a pequena quantidade de especialistas motivaram deslocamentos do município para tratamentos de saúde; entre outros fatores.

A carência de informações mais precisas, sobretudo de efeito comparativo, tornou o trabalho limitado. Muitos dos dados oficiais disponíveis do IBGE remontaram do Censo Demográfico de 2000 e da POF de 2002/2003, impossibilitando atualizações mais precisas de muitos dados comparativos, embora os primeiros resultados da POF 2008/2009 já tivessem sido divulgados, sem detalhamento. O fato de não ter havido precedência conhecida em análises que envolvessem uma combinação entre a renda e os

estágios do ciclo de vida familiar, como se uma variável fosse, fez com que o trabalho também sofresse pela falta de parâmetros. Embora o estudo tenha sido realizado em uma cidade de pequeno porte, muitos dos resultados acompanharam as variações obtidas pelo IBGE em 2002/2003 para o Brasil, sobretudo os que envolveram a renda, não obstante outros fatores terem tido sua especificidade dentro da realidade local. A opção por uma amostra não intencional, apesar de ter causado baixa frequência ou ausência de frequência em alguns substratos e prejudicado os testes estatísticos, pôde demonstrar a distribuição aproximada de famílias no município, cujos domicílios espalharam-se uniformemente pela zona urbana, abrangendo famílias de todas as classes. Uma amostra maior, que abrangesse todos os substratos de forma significativa, poderia contribuir para uma melhor descrição do comportamento das famílias quanto ao consumo. Porém, as limitações do estudo não enfraqueceram os resultados obtidos pela árdua tarefa da pesquisa de campo e das múltiplas análises, pois o senso de observação e de descrição fiel dos resultados contribuiu muito na tentativa de explicar os motivos pelos quais o consumo foi distinto entre os níveis de renda, entre os estágios do ciclo de vida familiar e entre os substratos deles originados. Os questionamentos não foram esgotados e abriu-se uma porta para que novos estudos semelhantes aconteçam em moldes ainda mais precisos, aprofundados e detalhados.

Algumas dificuldades encontradas podem fazer com que futuros estudos sejam mais proveitosos. Muitas vezes, os respondentes do questionário não eram a pessoa de referência, mas o seu cônjuge, que não gerenciava a maior parte das despesas da casa. O ideal seria que todos os membros da família estivessem em casa, pois, mesmo que os cônjuges estivessem presentes, estes não sabiam com exatidão como os filhos empregados gastavam sua renda. Do mesmo modo, a marcação de um horário específico para a entrevista pode ajudar a melhorar a disposição dos respondentes quanto aos questionamentos. Outra sugestão seria deixar uma planilha com a família para preenchimento dos gastos do orçamento familiar durante determinado período, de modo que se alcançasse maior exatidão e detalhamento nas informações.

Sugere-se, também, que, em uma periodicidade de dez anos, novas pesquisas sejam feitas no município de Bambuí, a fim de que o consumo familiar seja estudado de forma longitudinal, de maneira a também abranger aspectos temporais e acompanhar as variações dos gastos das famílias bambuienses. O estudo profundo dos resultados a cada década pode se transformar em uma ferramenta importante não somente para a compreensão do fenômeno por parte dos gestores do município, mas também em

suporte para políticas públicas que possam suprir as carências de consumo por parte das famílias, principalmente as de baixa renda.

Uma iniciativa interessante seria a distribuição de cartilhas sobre consumo e orçamento familiar, orientando as famílias a consumir de forma consciente e otimizada. A identificação das carências do consumo familiar também motivaria a adoção de políticas que atuariam no sentido de manter as famílias no município por meio do incentivo à oferta de maiores oportunidades de educação e saúde e de opções de recreação e cultura, podendo gerar maior desenvolvimento econômico e trazendo melhores condições de emprego e renda.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Nunes. **Determinantes do consumo das famílias com idosos e sem idosos com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares de 1995/96**. Dissertação apresentada à ESALQ/USP para obtenção do título de Mestre. Piracicaba: ESALQ/USP, 2002.

_____; FREITAS, Rogério Edivaldo. **Renda e despesa familiar no Brasil segundo a pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003**. Texto para Discussão nº 1235. Brasília: IPEA, nov. 2006.

_____; KASSOUF, A. L. **Determinantes do consumo das famílias com idosos e sem idosos com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares de 1995/96**. São Paulo: CEPEA/ESALQ/USP, [s.d.].

AYLMER, Robert C. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes. A dominação pelo gosto: o consumo na sociologia de Bourdier. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade do consumo. Lisboa: Edições 70, 1995, 213 p. apud FREDERICO, Celso. O consumo nas visões de Marx. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BENNETT, Peter Dunne; KASSARJIAN, Harold H. **O comportamento do consumidor**. Trad. Vera Maria C. Nogueira e Danilo A. Nogueira. São Paulo: Atlas, 1975.

BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W.; ENGEL, James F. **Comportamento do consumidor**. Trad. de Eduardo Teixeira Ayrosa (coord.). 2ª reimp. da 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BOURDIEU, P. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979. BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes. A dominação pelo gosto: o consumo na sociologia de

Bourdieu. apud In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BRADT, Jack O. Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

_____. **The expanded family life cycle**: individual, family and social perspectives. 3 ed. Boston: Pearson, 2005.

CASTRO, Gisela. Mídia, consumo, globalização e contemporaneidade. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DU, R.; KAMAKURA, W. *Household lifecycles and life styles in America*. *Journal of Marketing Research*, v. 43, fev., p. 121-132, 2006. apud SARAIVA JR., Francisco Ilson. **Segmentação de mercados pelo estágio no ciclo de vida familiar**: o modelo brasileiro. Tese apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas. São Paulo: FGV, 2010.

FANTINI, Karen Suyan Clezar. **A família em expansão**: um espaço para a promoção da saúde bucal. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho para a obtenção do título de Mestre em Saúde. Itajaí-SC: Univali, 2005.

FERNANDEZ, João Alberto da Costa Ganzo. **Preferências quanto à localização e influência do ciclo de vida familiar**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: UFSC, 1999.

_____. **Ciclo de vida familiar e o projeto de empreendimentos multifamiliares**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil – PPGEC da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: UFSC, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio: século XXI**. São Paulo: Positivo, 2004. Edição eletrônica correspondente à edição impressa.

FIAMENGHI JR., Geraldo A; MESSA, Alcione A. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 27. n.2. jun. 2007.

FISHER, Janet A. *Family life cycle analysis in research on consumer behavior*. In: CLARK, Lincoln H. **Consumer Behavior: the life cycle and consumer behavior**. 4 ed. New York: New York University Press, 1966.

FITZSIMONS, C.; WILLIAMS, F. *The family economy*. Ann Arbor: Edward Brothers, 1973.

FREDERICO, Celso. O consumo nas visões de Marx. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Produto Interno Bruto de Minas Gerais (PIB): municípios e regiões**. Belo Horizonte: Centro de Estatística e Informações (CEI)/FJP, 2001. Disponível em <<http://www.gov.br/index.php/servicos/81-servicos.cei/58-produto-interno-bruto-de-minas-gerais>>. Acesso em 16 nov. 2009.

GARCIA-PRETO, Nydia Garcia. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOFFMAN, A.C.O.S. **Promovendo a saúde da família na fase da adolescência**. Monografia do Curso de Especialização em Saúde da Família. Florianópolis: UFSC, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares: POF 1995-1996, primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

_____. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares: POF 2002-2003, primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: PNAD 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007a.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: PNAD 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, out. 2007b.

_____. **Contagem da População 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008a.

_____. **Produto Interno Bruto 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008b.

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008c.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares: POF 2008-2009, primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LANSING, John B.; MORGAN, James N. *Consumer finances over the life cycle*. In: CLARK, Lincoln H. **Consumer Behavior: the life cycle and consumer behavior**. 4 ed. New York: New York University Press, 1966.

MACEDO, Márcia Maria de. **Referências quanto à localização e morfologia do apartamento em relação ao ciclo de vida familiar**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2004.

MANFRINI, Gisele Cristina. **Os cuidados à família rural, com base na teoria do desenvolvimento da família**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC para obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Florianópolis: UFSC, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

McCULLOUGH, Paulina G.; RUTENBERG, Sandra K. Lançando os filhos e seguindo em frente. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

McGOLDRICK, Monica. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

NÉRI, Marcelo; CARVALHO, Kátia; NASCIMENTO, Mabel. **Ciclo da vida e motivações financeiras**: com especial atenção aos idosos brasileiros. Texto para Discussão nº 691. Rio de Janeiro: IPEA, dez. 1999.

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. Trad. Eleutério Prado. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

RELVAS, A. P. **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica**. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. Entre mundos distintos: notas sobre comunicação e consumo em um grupo social. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1989.

SARAIVA JR., Francisco Ilson. **Em busca de um modelo brasileiro de ciclo de vida familiar para segmentação de mercado**. Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas. São Paulo: FGV, 2005.

_____. **Segmentação de mercados pelo estágio no ciclo de vida familiar: o modelo brasileiro.** Tese apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas. São Paulo: FGV, 2010.

SILVA, Neuza Maria da. **Educação do consumidor.** Viçosa: UFV, 2006.

SIMIONATTO, Ivete. Sociedade civil, hegemonia e cultura: a dialética gramsciana entre estrutura e superestrutura. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo.** 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SOARES, Hélia Maria. **O acompanhamento da família no seu processo de adaptação e exercício da parentalidade:** intervenção de enfermagem. Dissertação de candidatura ao cargo de Mestre em Ciências da Enfermagem submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Porto-Portugal: Universidade do Porto, 2008.

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor:** comprando, possuindo e sendo. Porto Alegre: Bookman, 2008.

SOUSA, Íris Ferreira de. **Redes sociais e maternidade:** diferentes vivências em uma instituição de ensino superior. Dissertação apresentada ao Programa de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa-MG: UFV, 2010.

STEVENSON, William J. Estatística aplicada à administração. Trad. Alfredo Alves de Farias. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia micro e macro.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VILAS BOAS, Vanessa Thaís Bonfim; SILVA, Maria da Anunciação. **O ciclo de vida das famílias como ferramenta importante para o trabalho em saúde da família.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Secretaria de Atenção à Saúde / Departamento de Atenção Básica (DAB) / Coordenação de Acompanhamento e Avaliação da Atenção Básica (CAA).

WALSH, Froma. A família no estágio tardio da vida. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Comparação entre despesas médias mensais percentuais das famílias na POF 1995/06 e 2002/03

Itens da despesa familiar	1995/96	2002/03
	Total (%)	Total (%)
Alimentação	16,39	16,95
Habitação	20,77	28,99**
Vestuário	4,71	4,64
Transporte	9,72	15,06***
Higiene e cuidados pessoais	1,35	1,77
Assistência à saúde	6,53	5,75
Educação	3,49	3,34
Recreação e cultura	2,51	1,95
Fumo	0,99	0,57
Despesas pessoais	1,17	0,83
Veículos, Imóveis e outros investimentos	17,17	n.d.*
Pagamento de empréstimos e prestações	1,86	1,96
Outras despesas	13,34	18,19

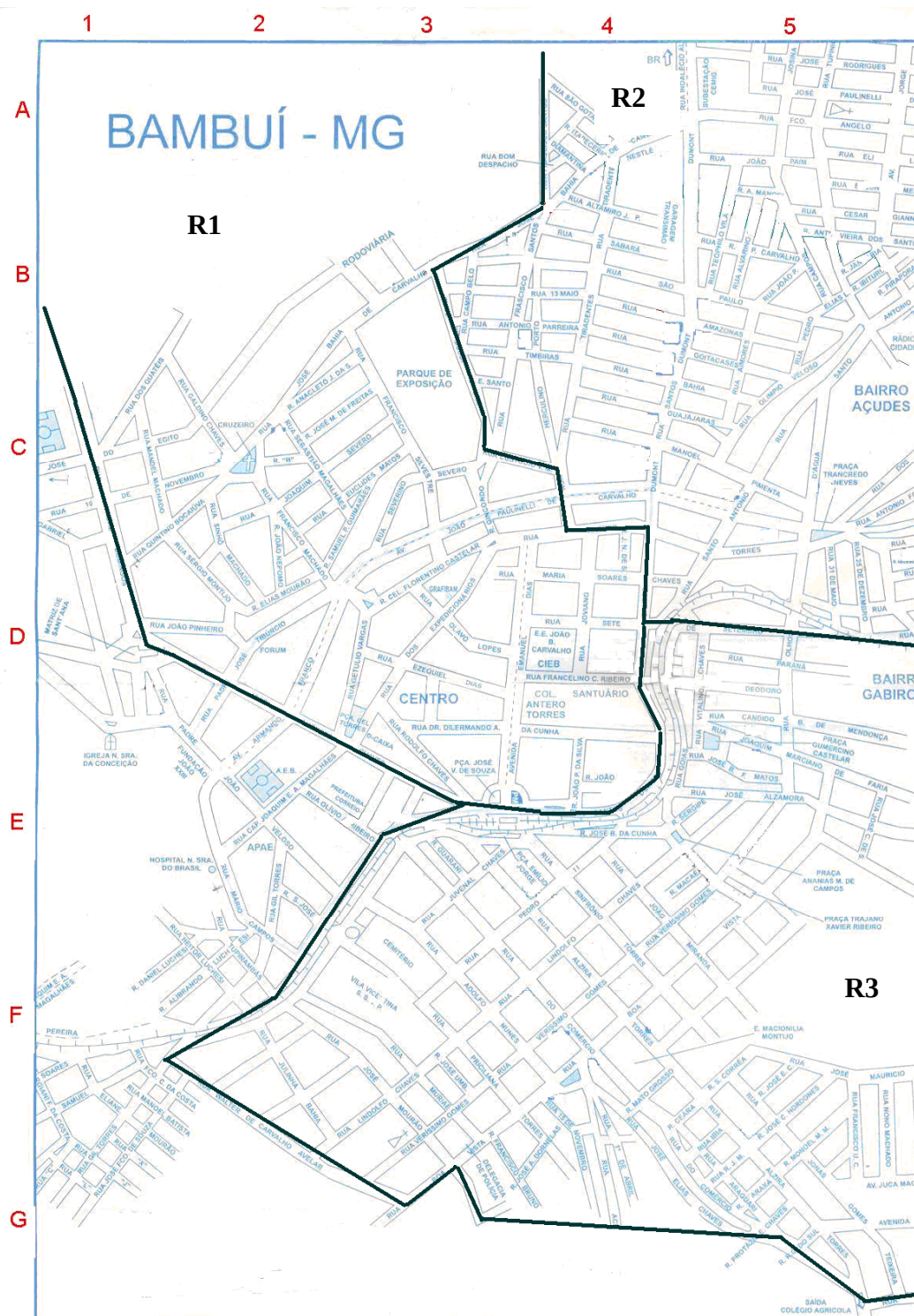
* Mensurado de outra maneira na POF anterior.

** Incorporou despesas com aquisição de imóveis.

*** Incorporou despesas com aquisição de veículos.

Fonte: adaptado de IBGE (1997 e 2003)

APÊNDICE B – Distribuição das áreas da pesquisa no município de Bambuí-MG



Regiões

R1 (A1-D4) → Centro-Cerrado

R2 (A4-D5) → Açudes/Coração de Jesus/Rola Moça/N. Sra. de Fátima

R3 (F2-D5) → Lava Pés-Gabirola-Candolas

APÊNDICE C – Renda, PIB, população e famílias dos municípios da microrregião de Piumhi

Municípios	População (habitantes) ^a	PIB (R\$ mil) ^b	PIB <i>per capita</i> (R\$) ^c	Renda média Mensal <i>per capita</i> (R\$) ^d	Famílias residentes ^e	Renda média anual das famílias (R\$) ^f	Renda média mensal das famílias (R\$) ^g	Nº de pessoas por família ^h
BambuÍ	21.697	81.686	3.674,85	313,74	7.313	11.169,97	930,83	2,97
Córrego Danta	3.674	13.210	3.595,54	299,63	1.167	11.319,62	943,30	3,15
Doresópolis	1.350	12.214	9.047,41	753,95	423	28.874,70	753,95	3,19
Iguatama	8.269	60.611	7.329,91	610,83	2.596	23.347,84	1.945,65	3,19
Medeiros	3.038	17.051	5.612,57	467,71	926	18.413,61	1.534,47	3,28
Piumhi	28.783	147.245	5.115,69	426,31	9.047	16.275,56	1.356,30	3,18
S. Roque de Minas	6.325	25.874	4.090,75	340,90	1.986	13.028,20	1.085,68	3,18
TapiraÍ	1.900	8.304	4.370,53	364,21	617	13.458,67	1.121,56	3,08
Vargem Bonita	2.212	7.920	3.580,47	298,37	717	11.046,03	920,50	3,09

^a Fonte: IBGE (2001), dados referentes a 2000.

^b Fonte: FJP/CEI (2001), dados referentes a 2000.

^c PIB dividido pela população.

^d PIB *per capita* dividido por doze meses.

^e Fonte: IBGE (2001), dados referentes a 2000.

^f PIB dividido pelo número de famílias residentes.

^g Renda média anual das famílias dividido por doze meses.

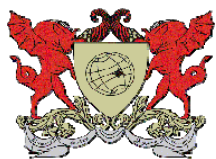
^h Renda média anual das famílias dividido pelo PIB *per capita*.

APÊNDICE D – Comparação entre as pesquisas do IBGE e do presente trabalho

FamÍlias	CaracterÍsticas		%	
	IBGE	Pesquisa	IBGE	Pesquisa
Nucleares compostas	Abrange as estendidas	Não abrange	48,9	40,5
Nucleares simples	Abrange as estendidas	Não abrange	16,0	20,5
Monoparentais	Abrange as estendidas	Não abrange	19,7	22,1
Estendidas	Não consideradas	Consideradas	-	15,8
Unipessoais	Consideradas	ExcluÍdas	11,1	-
Unipessoais estendidas	Consideradas	Restringidas	4,3	1,1

Fonte: IBGE (2007) e Dados da pesquisa.

APÊNDICE E - Questionário



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA



INSTITUTO FEDERAL
MINAS GERAIS

QUESTIONÁRIO PARA ESTUDO SOBRE CONSUMO FAMILIAR N° _____

O presente questionário irá atender a uma pesquisa do Mestrado em Economia Doméstica pela UFV. Seu nome não será identificado e seus dados serão mantidos em sigilo de pesquisa. O intuito é verificar como se dá o consumo das famílias em diferentes estágios do ciclo de vida familiar.

DADOS DO(S) RESPONDENTE(S) (CÔNJUGES)

1) Quem é a pessoa de referência (cônjuge 1)? _____

2) Os cônjuges são aposentados ou pensionistas?

Cônjuge 1	() N () Apos. tempo de serviço/idade () Apos. invalidez () Pensão morte
Cônjuge 2	() N () Apos. tempo de serviço/idade () Apos. invalidez () Pensão morte

3) Qual a ESCOLARIDADE da pessoa de referência? → Completo () ou incompleto ()?
() 0 Não cursou escola () Fundamental () Médio () Superior
() Pós-grad. *lato sensu* () Mestrado () Doutorado () Pós-doutorado

Cônjuge 1 → faz () ou não () curso no momento? Que tipo? _____
Estuda fora () ou não ()? Em escola pública () ou particular ()?
Tem bolsa? () Totalmente () Parcialmente () Não

Cônjuge 2 → faz () ou não () curso no momento? Que tipo? _____
Estuda fora () ou não ()? Em escola pública () ou particular ()?
Tem bolsa? () Totalmente () Parcialmente () Não

4) Qual o ESTADO CIVIL da pessoa de referência?

() 1 Solteiro(a) () 2 Casado(a) () 3 Divorciado(a)/separado(a) () 4 Viúvo(a)
() 5 União estável

TAMANHO, COMPOSIÇÃO E RENDA FAMILIAR

PESSOAS QUE MORAM NA RESIDÊNCIA (exceto o cônjuge, preencher em ordem de idade decrescente)									
M	5 LAÇO PARENTESCO	6 IDADE	7 SEXO	8 RENDA BRUTA(R\$)			9 RENDA LÍQUIDA(R\$)		
				Valor	SM	Faixa	Valor	SM	Faixa
1			() M () F						
2			() M () F						
3			() M () F						
4			() M () F						
5			() M () F						
6			() M () F						
7			() M () F						
8			() M () F						

FILHOS QUE MUDARAM DA RESIDÊNCIA (preencher em ordem de idade decrescente)					
M	10 DEPENDENTE FINANCEIRAMENTE OU AJUDA EM CASA?	LAÇO	IDADE	SEXO	11 Ajuda dos pais p/ o filho ou contribuição do filho p/ os pais (R\$)
1	() N () T () P () A			() M () F	
2	() N () T () P () A			() M () F	
3	() N () T () P () A			() M () F	
4	() N () T () P () A			() M () F	
5	() N () T () P () A			() M () F	

12 OUTRAS PESSOAS QUE CONTRIBUEM COM O ORÇAMENTO FAMILIAR	
1	LAÇO: VALOR (R\$):
2	LAÇO: VALOR (R\$):
Total Renda familiar →	

N = Não
T = Totalmente
P = Parcialmente
A = Ajuda em casa

Faixas de Renda: (1) 0-2 SM; (2) 2-3; (3) 3-5; (4) 5-7; (5) 7-9; (6) 9-10; (7) 11-12; (8) + de 12 SM

CONSUMO FAMILIAR

13) Quantos por cento (%) ou valor (R\$) da sua renda líquida mensal, aproximadamente, você destina por mês para:

Itens despesa		Valor	(%)
ALIMENTAÇÃO	Dentro do domicílio		
	Fora do domicílio (restaurantes etc.)		
	1. Total Alimentação		
HABITAÇÃO	Aluguel () ou Prestação do imóvel ()		
	Limpeza (materiais)		
	Manutenção (reformas, consertos)		
	Água, Luz, Telefone (fixo / celular), Internet		
	Eletrodomésticos		
	IPTU (anual dividido por 12)		
	Outros		
	2. Total Habitação		
VESTUÁRIO	3. Total Vestuário (roupas, calçados, jóias, acessórios etc.)		
TRANSPORTE	Coletivo (ônibus, van, táxi etc.)		
	Combustível (gasolina, álcool, GNV)		
	Prestação veículo		
	Manutenção veículo		
	Seguro e/ou impostos veículo (valor anual dividido por 12)		
	Outros		
	4. Total Transporte		
HIGIENE	5. Total Higiene e Cuidados (artigos de higiene pessoal e beleza)		
ASSISTÊNCIA À SAÚDE	Remédios		
	Planos de saúde ou consultas e exames particulares etc.		
	6. Total Saúde		
EDUCAÇÃO	7. Total Educação (gastos com educação)		
RECREAÇÃO E CULTURA	8. Total Recreação (brinquedos, CD/DVD, clube, cinema/teatro, eventos)		
FUMO	9. Total Fumo (gastos com fumo)		
SERVIÇOS PESSOAIS	10. Total Serv. Pessoais (cabeleireiro, manicure, barbeiro, sapateiro etc.)		
DESPESAS DIVERSAS	Festas familiares		
	Religiões (dízimo, caridade etc.)		
	Profissionais (advogados etc.), funerária		
	Viagens, mudanças		
	Presentes, jogos e apostas		
	Animais e plantas		
	Outros		
	11. Total Despesas Diversas		
OUTRAS DESPESAS	Contribuições trabalhistas, empregados domésticos (diarista, babá)		
	Pensões		
	Mesadas		
	Prestações (exceto veículo, moradia, vestuário e eletrodomésticos)		
	Seguro de vida / Previdência privada / Serviços financeiros		
	Outros		
	12. Total Outras Despesas		
POUPANÇA	13. Total Poupança (total poupado)		
	TOTAL GERAL		100%

14) Há algum motivo especial para que se gaste mais com algum destes itens considerados na questão 13, como:

() Doenças hereditárias ou por acidente. Qual? _____

() Estudos dos filhos → Estudam em escola Pública () ou Particular ()?
→ Têm Bolsa? () Totalmente () Parcialmente () Não.
→ Estudam fora? () Sim () Não

() Outro (separações, catástrofes, mudanças, desemprego, vícios, estudos dos cônjuges, morte etc.). Qual? _____

Obrigado pela sua participação.
--

ANEXOS

ANEXO A – Despesa média mensal familiar brasileira em relação aos níveis de renda segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2008-2009

Tipos de despesas	Distribuição da despesa monetária e não-monetária média mensal familiar (%)		
	Total	Classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar	
		Até R\$ 830,00*	+ de R\$ 10.375,00
Alimentação	16,1	27,8	8,5
Habitação	29,2	37,2	22,8
Transporte	16,0	9,7	17,7
Assistência à saúde	5,9	5,5	5,6
Educação	2,5	0,9	2,9
Outras despesas	10,9	-	-
Aumento do ativo	5,8	-	-
Diminuição do passivo	2,1	-	-

Fonte: POF 2008-2009 (IBGE)

ANEXO B – Distribuição de rendimentos mensais não vinculados ao trabalho segundo a renda mensal familiar no Brasil segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003

População entre 25 e 59 anos		Salário mínimo		
Categorias	(0 – 5)	(5 – 10)	(10 – 25)	(25 – mais)
Aluguel (imóveis)	2,88	6,47	9,66	13,08
Aposentadoria (pública e privada)	18,08	20,16	19,37	26,33
Auxílios (refeições e transporte)	21,14	48,23	56,99	47,54
Pensão alimentícia	16,68	10,85	6,66	5,76
Renda mínima	41,50	12,02	4,86	2,97
Outros	2,78	2,27	2,46	4,32
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
População com mais de 60 anos		Salário mínimo		
Categorias	(0 – 5)	(5 – 10)	(10 – 25)	(25 – mais)
Aluguel (imóveis)	2,33	5,02	10,16	11,87
Aposentadoria (pública e privada)	87,18	84,03	80,66	79,70
Auxílios (refeições e transporte)	0,76	3,07	2,56	2,03
Pensão alimentícia	5,80	4,61	4,33	2,64
Renda mínima	3,30	1,72	1,43	0,06
Outros	0,62	1,56	0,86	3,69
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Almeida e Freitas (2006)

ANEXO C – Despesa média mensal percentual das famílias – Total das principais regiões metropolitanas brasileiras

Itens da despesa	Despesa média mensal familiar (percentagem)										
	Classes de recebimento mensal (salário mínimo)										
	Total (%)	Até 2 (%)	2-3 (%)	3-5 (%)	5-6 (%)	6-8 (%)	8-10 (%)	10-15 (%)	15-20 (%)	20-30 (%)	+ 30 (%)
Alimentação	16,39	33,51	33,94	30,21	26,34	24,47	22,61	19,16	16,45	14,84	10,31
Habitação	20,77	24,86	23,76	23,79	24,11	22,91	22,46	22,21	21,85	19,88	17,74
Vestuário	4,71	5,00	5,61	5,71	5,82	5,63	5,57	5,49	5,24	4,35	3,77
Transporte	9,72	9,18	9,20	10,78	10,53	10,69	10,15	10,63	11,28	10,31	9,12
Higiene e cuidados pessoais	1,35	2,05	1,74	2,02	2,19	1,96	1,77	1,60	1,33	1,46	0,86
Assistência à saúde	6,53	9,26	7,48	6,52	6,48	6,72	7,18	6,97	7,48	6,75	5,73
Educação	3,49	1,39	1,43	1,75	1,87	2,09	2,21	3,03	3,96	4,47	3,98
Recreação e cultura	2,51	1,43	1,14	1,63	2,17	2,40	2,35	2,70	2,95	2,57	2,55
Fumo	0,99	2,95	2,54	2,17	1,83	1,78	1,82	1,24	1,19	0,70	0,38
Despesas pessoais	1,17	1,03	1,33	1,11	1,12	1,23	1,37	1,25	1,40	1,10	1,08
Veículos, imóveis e Outros investimentos	17,17	4,69	5,81	7,11	8,81	10,59	11,89	13,20	14,87	18,80	23,69
Pagamentos de empréstimos e prestações	1,86	0,44	0,93	0,85	0,48	1,03	0,96	1,89	1,62	2,00	2,53
Outras despesas	13,34	4,21	5,09	6,35	8,25	8,50	9,66	10,63	10,38	12,77	18,26

Fonte: Adaptado da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 1995/96 (IBGE, 1997).

ANEXO D – Distribuição percentual das despesas das famílias de regiões brasileiras com e sem idosos segundo a POF 1995/1996

Tipo de despesa	Áreas metropolitanas						Goiânia e	
	Região Sudeste		Região Nordeste		Região Sul		Distrito Federal	
	idosa	não idosa	idosa	não idosa	idosa	não idosa	idosa	não idosa
Produtos farmacêuticos	8,0	5,8	8,7	4,9	8,0	5,3	8,4	5,2
Serviços de Assis. Saúde	13,6	8,9	13,0	7,9	12,2	7,7	11,3	8,8
Pessoais	10,2	11,1	12,8	13,2	10,9	12,6	12,9	12,4
Roupas	4,9	6,2	6,9	7,9	11,6	8,8	7,4	8,4
Lazer	4,2	5,3	3,9	4,2	3,9	6,0	4,2	4,2
Jogos e apostas	1,2	0,9	0,9	0,7	1,1	0,6	2,5	0,8
Comunicação e transporte	13,2	15,6	13,2	15,1	8,7	13,1	11,1	14,7
Alimentação fora de casa	10,3	10,7	9,4	11,6	6,6	9,8	6,5	9,8
Fumo	2,3	3,0	1,9	2,2	2,2	2,8	1,3	1,4
Viagens	4,2	3,4	3,5	3,5	5,0	4,5	10,1	5,9
Lar	0,7	0,8	1,5	1,5	1,3	1,2	1,2	1,2
Educação	6,1	7,8	7,2	11,8	5,7	9,0	3,7	8,1
Outros imóveis	1,8	2,2	2,6	1,6	4,2	2,2	2,9	2,7
Outras despesas	19,2	18,3	14,6	14,1	18,5	16,3	16,3	16,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

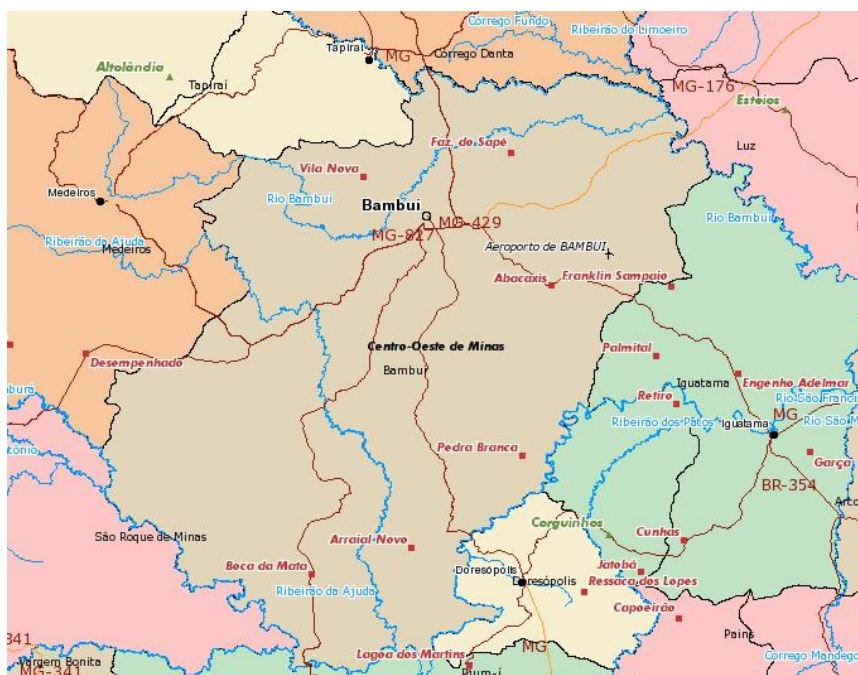
Fonte: IBGE (1998) *apud* ALMEIDA (2002)

ANEXO E – Consumo médio anual por família, segundo o tipo de organização (em US\$ mil)

Item	Pessoa sozinha	Casal sem filhos	Casal com 1 filho	Casal com 2 filhos	Casal com 3 filhos ou mais
Produtos alimentícios	0,64	1,34	1,60	1,78	2,22
Refeições fora de casa	0,26	0,18	0,24	0,26	0,24
Vestuário	0,24	0,34	0,52	0,64	0,68
Habitação	0,52	0,84	0,86	0,98	0,98
Higiene e cuidados pessoais	0,20	0,34	0,38	0,40	0,46
Transporte e telecomunicações	0,30	0,60	0,74	0,88	0,76
Cultura e lazer	0,16	0,22	0,30	0,34	0,40

Fonte: Karsaklian (2009, p. 217).

ANEXO F – O município de Bambuí e seu entorno



Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas – IGA (2009)